



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**POSSIBILIDADES DE USO DO SITE DE REDE SOCIAL YOUTUBE NA
EDUCAÇÃO BÁSICA EM ITABAIANA-SE**

GERSIVALDA MENDONÇA DA MOTA

**SÃO CRISTÓVÃO - SE
2018**

GERSIVALDA MENDONÇA DA MOTA

**POSSIBILIDADES DE USO DO SITE DE REDE SOCIAL YOUTUBE NA
EDUCAÇÃO BÁSICA EM ITABAIANA-SE**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca avaliadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Pós. Dr^a. Simone de Lucena Ferreira



**SÃO CRISTÓVÃO - SE
2018
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**



GERSIVALDA MENDONÇA DA MOTA

**POSSIBILIDADES DE USO DO SITE DE REDE SOCIAL YOUTUBE NA
EDUCAÇÃO BÁSICA EM ITABAIANA-SE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

APROVADO EM: ____/____/2018

Prof.^a Dr.^a. Simone de Lucena Ferreira (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/ UFS

Prof.^o Dr. Henrique Nou Schneider
Programa de Pós-Graduação em Educação/ UFS

Prof.^o Dr. Ronaldo Nunes Linhares
Programa de Pós-Graduação em Educação/ UNIT

**SÃO CRISTÓVÃO-SE
2018**

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação a minha mãe, Maria José Mendonça, *in memoriam*. A sua vida, desde a infância, foi de renúncia em prol do outro. Ela dedicou-se para cuidar das filhas, esforçou-se para que nada lhes faltasse. Mulher guerreira, bondosa e generosa.

AGRADECIMENTOS

Segundo William Shakespeare: “A gratidão é o tesouro dos humildes”. Agradecer faz parte de uma trajetória de vitória. É um ato de reconhecer que, sozinhos, não teríamos tornado um grande sonho em realidade.

Segundo o pensador John Donne: “Nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra” e, por sermos parte do continente e não o todo, precisamos sempre de outras pessoas, seja de uma palavra para nos confortar, levantar, encorajar, auxiliar e até mesmo confrontar o nosso eu. Essa última palavra, confronto, foi muito importante para que fosse possível compreender o potencial ora adormecido dentro de mim. As circunstâncias são importantes para nos fortalecer, lapidar, nos fazer gigantes e guerreiros determinados, experientes e diligentes, pois quem é verdadeiramente forte não se abala, continua de pé.

Durante todos esses anos da minha caminhada até aqui, lembro-me das vezes que orei para que Deus pudesse pôr em minha vida as pessoas certas, as quais pudessem enxergar em mim o que de fato eu era e poderia ser. As orações foram realizadas, pois muitas pessoas passaram por minha vida e todas elas deixaram suas contribuições, os bons exemplos foram absorvidos ao máximo. Ensinarão-me a escolher as coisas que eu queria ser e o que também não queria.

Se cheguei até aqui, tenho convicção plena de que Deus cumpriu em mim suas promessas de fundamentação bíblica, entre elas: “Àquele que é poderoso para realizar infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou imaginamos, de acordo com o seu poder que age em nós”, “Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o Senhor, teu Deus, é contigo por onde quer que andares.”, “Apeguemo-nos com firmeza à esperança que professamos, pois aquele que prometeu é fiel pra cumprir”, “Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês”, diz o Senhor, “planos de fazê-los prosperar e não de causar dano, planos de dar a vocês esperança e um futuro”, “Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos”, “Deleite-se no Senhor, e ele atenderá aos desejos do seu coração”, “Os que esperam no senhor, renovarão as suas forças, subirão com asas como águias, correrão e não se cansarão, caminharão e não se fatigarão”.

Não foi obra do acaso, esse não existe. Foi sim uma jornada de muitos anos de dedicação, muitos feriados produzindo artigos e preparando o currículo lattes para submeter-se a um processo seletivo de cinco etapas diferentes. Foi necessário ler livros, fazer parte de grupos de pesquisa e disciplinas isoladas, fazer renúncias, persistir e perseverar. Foi necessário o meu

esforço, dedicação e a mão de Deus a me fortalecer, foi Ele com seu cuidado e amor, agindo em cada detalhe e trazendo o suprimento certo, na hora exata de cada necessidade, que fez com que nada do que eu precisasse faltasse.

Agradeço a minha filha Layla Fagundes Mendonça Oliveira, que apenas com seus sete anos de idade entendeu a minha necessidade de sua compreensão nos momentos em que não a pude por adequadamente para dormir, como fazemos de costume, e acompanhá-la em muitas de suas atividades diárias. Ela demonstrou solidariedade nos dias de escrita, cuidando de tarefas caseiras e ajudando a manter a casa em ordem, pondo tudo nos devidos lugares. Filhinha, muito obrigada!

Obrigada aos meus familiares, que torceram por mim e investiram em meu sonho, com palavras de carinho e de incentivos.

Às minhas amigas e irmãs, presentes do papai que adquiri na vida: Erica Gonçalves, Jéssica Lima Santos Silva e Mary Ellen de Araújo. Obrigada pelas orações, atenção, zelo, cuidado e carinho de sempre. Nunca terei como retribuir tamanha amizade.

À secretaria do programa pela atenção e orientações e a toda a equipe diretiva do PPGED/UFS, aos professores das disciplinas ofertadas: Eliana Souza, Joaquim Tavares da Conceição, Rosana Givigi, que nos apresentaram fundamentos teóricos essenciais para entendermos sobre educação. Durante as aulas das disciplinas, pude, além de aprender, fazer laços de amizade muito importantes, principalmente com os alunos da linha de formação de professores e aqueles que também pesquisam sobre as TDIC, como Maria Inez e Advanúsia, pois juntas trocamos informações e referências.

À banca examinadora, composta pelos professores Ronaldo Linhares, membro externo (UNIT) e Henrique Nou Schneider, membro interno (UFS), que trouxeram contribuições decisivas para o desenvolvimento, qualidade e melhor conclusão desse trabalho. As propostas apresentadas por eles na qualificação foram fundamentais e indispensáveis.

Ao grupo de pesquisa GEPIED/UFS, pois lá tive a oportunidade de conhecer teorias as quais utilizei em minha dissertação e fiz vários amigos, que sempre me apoiaram e torceram pelo meu sucesso, entre eles: Elissandra Silva, Adriana Souza, Daniele Santana de Melo e Sheila Conceição. Ao grupo de pesquisa ECult/UFS, no qual também tive a oportunidade de estudar várias teorias importantes e também fiz muitas amizades, sempre me apoiando, contribuindo e torcendo para o meu sucesso.

Aos professores que se dispuseram a fazer parte dessa pesquisa e da oficina, ao Colégio Estadual Nestor Carvalho Lima e toda a equipe diretiva, que me receberam com muito carinho

e atenção, fornecendo contatos dos professores e informações de horários e reuniões para que eu pudesse participar e observar.

Agradeço à equipe de organização e monitoria da oficina, pois montaram toda a estrutura para que tudo ocorresse de forma perfeita e impecável. Obrigada a Arlene, Júlia e Leomir pelo apoio técnico indispensável e à secretaria do Departamento de Educação do Campos Alberto Carvalho por ter concedido o espaço e equipamentos para a oficina.

De uma forma muito especial, quero agradecer à minha orientadora, Simone Lucena, por ter acreditado em meu potencial, ter me instigado a buscar sempre mais e melhor, por ter me apoiado nos momentos mais complicados da minha vida, lutando sempre por mim e mostrando ser uma pessoa humana, com um coração enorme. Ela, com seu jeito doce, sempre me incentivou a olhar para frente e superar todas as circunstâncias presentes durante a execução desse trabalho. Sem o seu olhar cuidadoso e a sua atenção, esse trabalho não seria o mesmo, nem teria a qualidade que possui.

RESUMO

No cenário atual, de mudanças na sociedade e na vida cotidiana das pessoas, entendemos que essas mudanças precisam acontecer também no espaço educacional. Verificou-se que muitas plataformas e dispositivos tecnológicos encontram-se à disposição para uso educacional, dentre elas o Youtube, um site de rede social que compartilha vídeos produzidos por pessoas diversas. Assim delineou-se esta pesquisa, que buscou responder ao questionamento acerca das possibilidades de uso do site de rede social Youtube na educação básica. Seu objetivo foi investigar as possibilidades de uso do site de rede social Youtube com professores da educação básica no município de Itabaiana, em Sergipe. Para atingir essa demanda, buscou-se discutir as possibilidades de utilização do site de rede social Youtube na educação básica, através de uma proposta de criação e cocriação de vídeos com os professores por meio de um curso de formação. O trabalho baseou-se na metodologia da pesquisa-formação, se situar numa perspectiva de compromisso e de implicação dos pesquisadores com suas práticas, permitindo mudanças individuais e/ou coletivas. Através desta metodologia, foi desenvolvido um dispositivo autoral de formação docente, a oficina intitulada: “Possibilidades do uso da rede social Youtube na educação”, com carga horária total de quarenta horas. Nesta oficina, foi possível compartilhar conhecimentos sobre as possibilidades do Youtube no processo de aprendizagem, além de propor o desenvolvimento de um canal para que professor pudesse produzir e compartilhar na internet os vídeos com seus alunos. Para o levantamento de dados desta investigação, foram utilizadas como técnicas a aplicação de questionário para conhecer o perfil dos professores, observação dos docentes no espaço escolar, produção de diário de pesquisa e observação participante das atividades desenvolvidas durante a oficina. Observou-se que os professores conheciam e até utilizavam o site em suas aulas, mas apenas como qualquer outro material didático, ou seja, para reproduzir as informações, deixando de lado a possibilidade de ser autor ou coautor de novas produções mais relacionadas a sua realidade e a sua cultura. Como resultados da oficina oferecida, os professores participantes cocriaram vídeos e fizeram a culminância na escola para socializar com a comunidade escolar suas produções, porém nem todos conseguiram disponibilizar no canal do Youtube as produções realizadas. Percebemos que o não compartilhamento no Youtube está relacionado a dois fatores: falta de imersão dos professores na cibercultura, no que se refere à utilização desta cultura na educação, e disponibilidade para a realização de atividades de formação continuada. As políticas educacionais, seja no nível municipal, estadual ou federal, não têm contribuído para que os professores tenham, dentro da sua carga horária de trabalho, momentos de formação continuada. Desta forma, a utilização das tecnologias digitais na sala de aula torna-se cada vez algo distante de acontecer, pois para o efetivo uso destas tecnologias na educação é preciso uma formação continuada que vá além de simples treinamentos ou capacitações pontuais.

Palavras-Chave: Educação básica. Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Rede social. Youtube.

ABSTRACT

In today's scenario of changes in society and in people's daily lives, we understand that these changes must also happen in the educational space. It has been found that many platforms and technological devices are available for educational use, among them YouTube, a social networking site that shares videos produced by different people. Thus, this research was designed to answer the question about the possibilities of using the social networking site Youtube in basic education. Its objective was to investigate the possibilities of using the social networking site Youtube with teachers of basic education in the municipality of Itabaiana, in Sergipe. To meet this demand, we sought to discuss the possibilities of using the Youtube social networking site in basic education, through a proposal to create and co-create videos with teachers through a training course. The work was based on the methodology of Research-training, used by it to be situated in a perspective of commitment and of implication of the researchers with their practices, allowing individual and / or collective changes. Through this methodology, an authorial training device was developed, the workshop entitled "Possibilities of using the Youtube social network in education", with a total workload of forty hours. In this workshop, it was possible to share knowledge about the possibilities of Youtube in the learning process, in addition to proposing the development of a channel so that teacher could produce and share on the internet videos with their students. In order to collect data from this research, we used as a technique the application of a questionnaire to know the profile of teachers, observation of teachers in the school space, production of research diaries and participant observation of the activities developed during the workshop. It was observed that teachers knew and even used the site in their classes, but just like any other didactic material, that is, to reproduce the information, leaving aside the possibility of being the author or co-author of new productions more related to their reality and its culture. As a result of the workshop offered, the participating teachers co-produced videos and culminated in school to socialize with the school community their productions, but not everyone was able to make available on the Youtube channel the productions made. We realize that non-sharing on Youtube is related to two factors: lack of immersion of teachers in cyberculture, regarding the use of this culture in education, and availability to carry out ongoing teacher training activities. Educational policies, whether at the municipal, state or federal level, have not contributed to the fact that teachers have, during their work hours, moments of continuous formation. In this way, the use of digital technologies in the classroom becomes increasingly distant from happening, because for the effective use of these technologies in education it is necessary a continuous training that goes beyond simple training or punctual capabilities.

Keywords: Basic education. Digital Information and Communication Technologies. Social network. YouTube.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página inicial da rede Youtube	43
Figura 2 - Canal da pesquisadora no Youtube	46
Figura 3 - Página do Youtube Edu	49
Figura 4 – Divisão por disciplinas no Youtube Edu	50
Figura 5 - Página inicial e seus links	51
Figura 6 – Tutorial para baixar vídeos no Youtube	54
Figura 7 – Formas de utilização do Youtube pelos professores	72
Figura 8 - Contribuição do Youtube na prática de aula segundo os professores	73
Figura 9 - Um minuto na internet	76
Figura 10 - Momento de participação dos professores na oficina	82
Figura 11 - Criação e personalização do canal Youtube	83
Figura 12 - Discussão sobre o uso do Youtube pelos professores	83
Figura 13 - Canal da Professora A no Youtube com o vídeo do projeto	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos sujeitos participantes da oficina

68

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
UFS	Universidade Federal de Sergipe
EAD	Educação a Distância
ECULT	Grupo de Pesquisa Cultura e Tecnologia
GEPIED	Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação
PROUCA	Programa um computador por aluno
PROINFO	O Programa Nacional de tecnologia Educacional
MEC	Ministério da Educação
TDIC	Tecnologia Digital de Informação e Comunicação
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
CGI	Comitê de Gerenciamento da Internet

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Itinerância de formação.	14
1.2 Problemática e objetivos	19
1.3 Percorso Metodológico.....	20
2 REDES SOCIAIS NA INTERNET E SUAS POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO	24
2.1 A Web e a comunicação móvel ubíqua	24
2.2 As redes sociais da internet	36
2.2.1 Youtube: faça, publique e compartilhe.....	41
2.3 Possibilidades das redes sociais da internet para a educação	54
3 CRIAR E COCRIAR COM O YOUTUBE NA EDUCAÇÃO.....	61
3.1 Abordagem metodológica: a pesquisa-formação	61
3.5 Os docentes e a rede social Youtube	69
3.6 A oficina “Possibilidades do site de rede social Youtube na educação”: experiência de pesquisa-formação	74
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
APÊNDICE A – ESTADO DA ARTE.....	103
APÊNDICE B – PRIMEIRO QUESTIONÁRIO APRESENTADO AOS PROFESSORES NO PERÍODO DE OBSERVAÇÃO.....	104
APÊNDICE C – PLANEJAMENTO DA OFICINA.....	105
APÊNDICE D – CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	106
APÊNDICE E – CONVITE	107
APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	108
APÊNDICE G - FORMULÁRIO ONLINE.....	109
APÊNDICE H - PROPOSTA DE PLANO DE CURSO.....	110

1 INTRODUÇÃO

1.1 Itinerância de formação

No que se refere a minha experiência pessoal, o contato inicial com a tecnologia e suas possibilidades de utilização aconteceu durante minha graduação no curso presencial de História, no ano de 2005. Na ocasião, a turma teve a oportunidade de cursar a disciplina “Tecnologia na Educação”, entretanto, os créditos referentes à disciplina não eram suficientes para fornecer, no decorrer do curso, condições teóricas e práticas necessárias para que, posteriormente, nos auxiliassem no desenvolvimento de aulas mais dinâmicas voltadas para uso das tecnologias. Em verdade, a disciplina se apresentou num formato mais instrumental e não houve de fato um incentivo ao uso dos recursos tecnológicos na elaboração do planejamento durante o primeiro estágio obrigatório, momento da experiência inicial em sala de aula enquanto professora de História. Contudo, essa disciplina serviu para aguçar o interesse por entender sobre as possibilidades de uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC¹) na educação.

Outra experiência, ainda sem o uso da tecnologia em sala de aula, aconteceu durante o primeiro estágio em uma turma do sexto ano do ensino fundamental, na escola Estadual Murilo Braga, em Itabaiana - SE. Devido à insegurança para o desenvolvimento de práticas melhor elaboradas, foram propostas aos alunos aulas expositivas, sem uso de nenhum tipo de recurso tecnológico. Este procedimento deixou claro que o que havíamos aprendido referente ao uso de dispositivos tecnológicos não foi suficiente para que, posteriormente, pudéssemos aplicar com os alunos de forma segura.

No ano de 2008, tive a oportunidade de trabalhar como professora de História contratada pela Secretaria Estadual de Educação. A escola onde lecionei possuía laboratório de informática, mas, durante o período de dois anos da contratação, nunca fiz uso deste espaço nem dos recursos disponibilizados. Acrescido a isto, as salas de informática eram desativadas constantemente por falta de assistência técnica. Como resultado, eram realizadas somente aulas expositivas com a utilização da lousa, pincel e livro didático, pois, apesar da disponibilidade do ciberespaço e da popularização das redes sociais, nada naquela escola havia sido explorado.

¹Tecnologia digital designa equipamentos eletrônicos que baseiam seu funcionamento em uma lógica binária. As TDIC, assim como as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), dizem respeito a um conjunto de diferentes mídias, diferenciando-se pela presença das tecnologias digitais (LIMA, 2012)

Quando vivenciei as citadas experiências iniciais, a internet não era algo comum em meu cotidiano. O fato é que vivi a maior parte da minha vida, até então, sem acesso à internet, pois este recurso, assim como os dispositivos móveis, em especial o *smartphone*, tornaram-se comuns para mim já na fase adulta, sendo utilizados devido à necessidade de ter acesso a fontes de informações disponíveis *online*.

Mediante a crescente necessidade dos recursos virtuais para pesquisas e o desenvolvimento de atividades, passei a me interessar pelo uso da internet, sendo estimulada por suas funções e encantos a comprar meu primeiro computador e assinar um pacote de internet. Criei meu primeiro e-mail em função da necessidade de receber informações e orientações de cursos e das aulas de informática da própria Universidade. Na disciplina de Tecnologia na Educação, desenvolvi um blog no laboratório de informática junto aos demais alunos e professores. Cada discente foi estimulado a criar o próprio blog, personalizá-lo, postar atividades e conteúdos semanais. Eram atividades individuais e faziam parte do requisito para a obtenção de parte da nota da disciplina.

No contexto atual, aulas desse tipo tornam-se inviáveis ou inadequadas, pois as TDIC oferecem um oceano de possibilidades que podem ser adaptadas para a educação. Na realidade que vivenciei, a disciplina se deteve a ensinar a fazer um portfólio e utilizar o *PowerPoint* com imagens, links e vídeos, além de orientar sobre como pesquisar na internet para suplementar o assunto trabalhado.

Pretto (2013) aponta que aprender a usar aplicativos e recursos técnicos com este enfoque é fazer usos das TDIC somente no âmbito da instrumentalidade, ou seja, trabalha-se muito o instrumental e não se foca nas maiores possibilidades oferecidas e disponíveis em rede. A maioria dos cursos em licenciatura oferece esse formato de disciplina mas esquece o uso das TDIC como fundamento estruturante para o desenvolvimento de novas formas e possibilidades de pensar, criar, recriar e compartilhar.

Pensando no universo da cultura atual, na cibercultura e nas possibilidades que nelas estão contidas, bem como nessa nova geração que já nasceu imersa no ciberespaço e que circulam facilmente por eles criando, cocriando e compartilhando em rede, é importante saber de que forma os professores, diante das multiplicidades oferecidas pelos ciberespaços, podem utilizar as possibilidades do site de rede social Youtube na e para a educação. Será que o Youtube pode contribuir de alguma forma com os professores, seja para a formação, pesquisa, aquisição de informação, acesso a vídeos e compartilhamento com os alunos?

Experiência diferente da minha, que somente tive acesso às TDIC na fase adulta e já na Universidade, crianças como minha filha, de apenas sete anos, minha sobrinha de nove e as

amiguinhas delas, com a mesma faixa etária, já possuem acesso à internet e a *smartphones*. Ou ainda, todas utilizam estes aparelhos com internet móveis para atividades como jogos, buscas por tutoriais para aprender a fazer brinquedos ou outras coisas de seu interesse, criar e compartilhar vídeos. Deste modo, não se trata apenas do uso das TDIC para entretenimento, já que elas pesquisam e tiram dúvidas por meio da rede tendo o ciberespaço como um lugar de aprendizado, dispondo de todo tipo de informação na rede.

A nova geração aprende a utilizar as TDIC muitas vezes movida pela curiosidade, apenas explorando e buscando, sem que ninguém lhe ensine de modo formal. São crianças que conseguem fazer coisas que muitas vezes nem os adultos conseguem fazer, ou fazem mais rapidamente e assim usam os recursos de forma muito diferente das gerações anteriores, que precisavam de cursos de informática para ter conhecimento básico. Serres (2013) caracteriza essas crianças como ‘polegarzinhas’ pelo fato de utilizar os dedos do polegar para acessar, produzir e publicar as informações nos seus dispositivos moveis.

Já familiarizada com as redes sociais, em 2016 criei um canal no Youtube. O estímulo partiu da minha filha, que já estava há um ano pedindo para que eu criasse um canal onde ela pudesse publicar os vídeos que gravava. Após um tempo de incerteza quanto a este pedido, fiz o canal ‘Layla Bela’, ficando combinado que antes dela fazer as postagens eu teria que analisar o conteúdo. Para acompanhá-la de perto, passei a me inscrever em outros canais, com o intuito de receber notificações sobre conteúdos relacionados a minha área de interesse pessoal, como cybercafés associados a conteúdos filosóficos, históricos e tecnológicos. Por meio desse espaço, foi possível comentar e curtir determinadas matérias, algo que contribuiu para que pudesse desenvolver minha reflexão e criticidade, pois os argumentos comentados, curtidos e compartilhados possuíam pontos de vista diferentes e me estimulavam a pensar de maneiras diferentes sobre concepções que eu tinha até então.

Este singelo relato exemplifica o quanto as redes sociais têm sido importantes fontes de informação e promoção de conhecimento. Não é simplesmente um mecanismo para bater papo. Elas são importantes para nos manter atualizados sobre as mudanças que ocorrem em tempo real, servem para nos fornecer novas fontes de informação com abordagens diferentes do que se expressa na rede televisiva. Existem várias possibilidades na internet e isso é fantástico. Contudo, o maior problema da variedade de informação disponível na rede é quando apenas a recebemos e utilizamos de forma instrumental, não dispondo de formação adequada para adquirir uma visão mais ampla quanto às escolhas das informações mais próximas do real, levando-nos a acreditar em tudo que é disponível. Enquanto professores, mais problemático ainda é quando passamos essa visão simplista das possibilidades em rede para os nossos alunos.

Minha segunda experiência com o uso de tecnologia na educação foi enquanto discente do curso de especialização ‘Docência e Tutoria em EAD’, ofertado pela Universidade Tiradentes, em 2010. Nesse curso, tive a oportunidade de transitar por várias possibilidades oferecidas pelas TDIC. As aulas aconteciam através de teleconferências, íamos para o polo uma vez por semana para assistir aos conteúdos e tirar dúvidas com os tutores e professores.

Dispúnhamos de infraestrutura adequada na sala de aula, onde tínhamos a opção de interagir junto como professor lançando perguntas, refletindo e fazendo comentários. Todo o material do curso era disponível por meio da plataforma de acompanhamento Magister, cujo acesso aos conteúdos e locais para a postagem das atividades se dava através da senha individual de cada aluno. A participação em chats e fóruns relacionados aos conteúdos era algo corriqueiro, obrigatório e fazia parte da avaliação. Todas as possibilidades oferecidas pelos recursos tecnológicos me encantavam, diferente do que ocorreu com a maioria dos meus colegas, pois muitos desistiram do curso.

Durante o curso de especialização ‘Docência e Tutoria em EAD’, ocorreu uma imersão maior da minha parte no ciberespaço, além do despertar maior de interesse pelas tecnologias e suas possibilidades perante a realidade de vivenciar mundo conectado. Confrontada durante todo o curso com indagações sobre o papel da tutoria, seja ela presencial ou a distância, pesquisei sobre ‘O fazer da tutoria em EAD’, relatando e refletindo sobre as possibilidades do fazer tutoria.

A escolha pelo tema ‘O fazer da tutoria em EAD’ se deu em função da necessidade e de minha curiosidade em entender o que seria a tutoria, seu papel e importância no curso. Percebia que o tutor nada mais era que um professor, apenas com nomenclatura diferente, pois fazia a função docente mediando a aprendizagem por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e também presencialmente.

Em 2012, participei de um processo seletivo para tutoria em educação a distância do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe (UFS), no qual atuei até o primeiro semestre de 2016. No AVA, o aluno dispunha de atividades, vídeos, *chats* e fóruns nos quais podiam tirar dúvidas com os tutores que estavam disponíveis em horários previamente estabelecidos, em turnos variados.

Todas as informações, orientações e sugestões de leituras deveriam ser passadas para o aluno através do AVA, e-mail e grupos criados no Facebook. Apesar de todos terem acesso, poucos retornavam as mensagens e/ou participavam dos fóruns ou chats oferecidos para aprimorar o conhecimento. Não havia obrigatoriedade quanto à participação e esta não era pontuada como nota.

No AVA, o professor coordenador lançava a proposta do curso e atividades relacionadas como tarefas, links de vídeos do Youtube e sugestões de filmes. Enquanto tutora, não existia autonomia para propor atividades diferentes, pois o planejamento já estava exposto e não participávamos do processo de elaboração, apesar de estarmos à frente do processo de aprendizagem e saber das maiores dificuldades dos alunos. O tutor, nessa estrutura apresentada, ficava impossibilitado de inovar, propor, praticar e promover maior interação. O que havia aprendido anteriormente no curso ‘Docência e Tutoria em Educação a Distância’ não foi possível colocar em prática. Exercia a função de calendário e orientadora de tarefas apenas quando surgiam dúvidas por parte dos alunos.

Entre os anos de 2009 e 2014, atuei como professora de História da rede particular de ensino, onde possuía maior autonomia para planejar atividades diferentes para os alunos. Sempre que possível, disponibilizava documentários e filmes baixados do Youtube em mídia de armazenamento e levava para sala de aula, pois apesar da escola oferecer o uso da internet, o acesso adequado não era possível em todas as salas.

A motivação pela pesquisa se deu em momentos distintos. Antes mesmo de iniciar estudo com o tema, já nutria interesse por conhecer um pouco mais sobre as possibilidades de uma rede social no contexto da educação, em função do entendimento de que as pessoas passavam grande parte do seu tempo inseridas nelas. Ao fazer um breve levantamento em bancos de dados de teses e dissertações sobre o site de rede social Youtube e a educação, verifiquei que, apesar do Youtube de ser bastante utilizado e possuir grande quantitativo de seguidores, que cresce a cada dia, não havia muitos trabalhos referentes a este tema de investigação.

A minha participação nas reuniões nos grupos de pesquisas: Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação (GEPIED/UFS/CNPQ) e Educação e Culturas Digitais (ECULT/UFS/CNPQ), deram-me a oportunidade de entrar em contato com teóricos que investigam sobre tecnologia e rede social, cujo conhecimento foi fundamental para fundamentar minha pesquisa.

Outro momento que merece destaque foi durante minha participação como aluna especial nas disciplinas isoladas de mestrado: ‘Tecnologia na Educação’ e ‘Escritas e Leituras Digitais’. O conhecimento adquirido foi um divisor de águas, pois entendi que de fato eu estava muito interessada em aprofundar os estudos nessa área do conhecimento, de modo não apenas a aprender, mas sim pesquisá-la. Foi um momento no qual tive a oportunidade de estudar detalhadamente obras importantes e básicas para fundamentar e conduzir esta pesquisa. A respeito dos estudiosos da área, é possível destacar: LÉVY (1996, 1998, 1999), CASTELLS

(1999) SANTAELLA (2003; 2004; 2007; 2013), SERRES (2013), RECUERO (2009), LUCENA (2014), entre outros autores. Além disso, também utilizo as redes sociais há alguns anos, o que me dá a percepção das possibilidades por elas oferecidas.

Toda essa inerência relatada contribuiu para que posteriormente surgisse o interesse em desenvolver uma pesquisa sobre as possibilidades de uso da rede social, pois percebe-se cada vez mais a imersão das pessoas nesse ambiente.

1.2 Problematização e objetivos

É preciso contextualizar o momento histórico no qual estamos inseridos. Mais especificamente, as novas relações sociotécnicas que vêm sendo estabelecidas, com implicações e transformações em todas as áreas, inclusive na Educação.

Castells (1999) tem sinalizado em seus textos que, desde o fim do século XX, vários acontecimentos elevaram a informação a um patamar indispensável ao sujeito na realização de diversas ações do cotidiano e no exercício da cidadania, transformando profundamente o cenário social.

Partindo da premissa de que as tecnologias da informação e comunicação são dimensão primordial de tais mudanças sociais e econômicas, Castells (1999) sinaliza que o informacionalismo é o paradigma dominante atual, substituindo e absorvendo o industrialismo; logo, o informacionalismo fornece a base para certo tipo de estrutura social denominada de sociedade em rede, desaguando em um novo sistema de comunicação, que surge da evolução da tecnologia e que fala, cada vez mais, a mesma língua universal digital, movendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura, como personalizando os gostos das identidades e humores dos indivíduos (CASTELLS, 1999, p. 40).

As produções autorais desenvolvidas nos espaços de rede social são fruto dessas transformações sociais acima citadas e as TDIC, como dimensão primordial de tais mudanças, traduzem um novo formato de criar e cocriar as produções, permitindo o compartilhamento entre todos, modificando assim o formato de autoria, agora em sites de rede social.

Nessa pesquisa, damos destaque às produções autorais dos professores da educação básica no Youtube e destacamos a importância de pesquisar alguns trabalhos relevantes para o desenvolvimento da tecitura desse trabalho, os quais discorrem sobre o uso do Youtube na educação (vide Apêndice A).

Estamos imersos em uma nova cultura, a cibercultura e, diante dessa realidade, entendemos que as pessoas estão cada vez mais conectadas em rede e gastam parte do seu tempo

nesses ambientes. Uma vez que as pessoas estão inseridas nesses ambientes e todo tipo de conteúdo de que precisam estão disponíveis nesses espaços, questionamo-nos como os professores podem utilizar tais dispositivos de maneira a contribuir com desenvolvimento de suas aulas.

Partindo desse questionamento e entendendo que o site de rede social Youtube dispõe de possibilidades para criar e cocriação por meio de adequação, reaproveitamento, edição e reedição, propiciando a apresentação de uma série de conteúdos de qualidade, essa investigação busca discutir e apresentar as possibilidades do site de rede social Youtube para a educação.

Desta forma, elegemos como questão norteadora da pesquisa: Quais são as possibilidades de uso do site de rede social Youtube na educação básica?

As experiências e vivências aqui relatadas foram fundamentais para o delinear desta pesquisa, que tem como objetivo geral:

- Investigar as possibilidades de uso do site de rede social Youtube com professores da educação básica.

Como objetivos específicos, elencamos:

- Entender as possibilidades de utilização do site de rede social Youtube para a educação básica;
- Criar e cocriar vídeos com os professores da educação básica por meio de oficina de formação;
- Analisar a compreensão dos professores da educação básica acerca das possibilidades do Youtube para a educação.

1.3 Percorso Metodológico

Com intuito de alcançar os objetivos já citados e responder às questões postas nesta pesquisa, foi sendo tecido um ambiente de aproximação com os professores. O primeiro passo foi fazer contato, apresentar a pesquisa e seus objetivos, citar a sua relevância, apresentar dados que pudessem deixar o professor seguro, nutrindo-o de toda informação necessária para que pudesse ganhar confiança e perceber a importância da sua participação na pesquisa.

A conversa inicial ocorreu de forma individual no próprio ambiente escolar, durante os intervalos e horários vagos, tanto na sala dos professores, quanto nos corredores e espaços escolares coletivos. Foi necessário imergir no campo de pesquisa durante dias e horas, pois enquanto estavam na escola, os professores tinham horários a serem cumpridos e, por isso, nem

sempre podiam nos dar atenção ou dispor de horas para conversar sobre a pesquisa. Os momentos dos intervalos na sala dos professores foram de fundamental importância para ganhar confiança, pois, estando entre eles, foi possível perceber que pareciam mais à vontade para demonstrar seus sentimentos sobre a escola e a educação.

Fruto da imersão no campo de pesquisa, ao conversar nos intervalos com alguns dos cinco professores de História, especificamente sendo duas professoras do ensino fundamental, foi detectado, por meio de uma conversa no intervalo da aula, que as mesmas utilizavam o Youtube para ampliar pesquisas pessoais, além de fazer uso do recurso para a elaboração das aulas de História, não sendo esse o único recurso, pois faziam também uso de vários livros didáticos e, através dessa rede social, mapeavam os conteúdos a serem trabalhados nas aulas.

Tomando como base a imersão e observação do campo e as peculiaridades cotidianas do local, nutrimos o interesse por trabalhar com professores e refletir sobre os usos da rede social Youtube. Daí a importância de ir a campo e despir-se dos próprios conhecimentos e experiências individuais para deixar que o próprio campo fale por si e apresente seus próprios dilemas.

Ao ser verificada essa nova possibilidade que emergiu no campo de pesquisa estudado, tivemos a iniciativa de levantar algumas informações por meio do nosso primeiro questionário (Apêndice B), cujo intuito era verificar se os cinco professores de História, participantes da primeira fase da pesquisa, também utilizavam a rede social para formação pessoal e se estes disponibilizavam em sala de aula algum vídeo que lhes tivesse interessado durante o ano letivo.

Após realizado este levantamento com os cinco professores de história que compuseram a parte inicial da pesquisa, foi identificado que os professores utilizavam a rede social Youtube para formação pessoal e que alguns deles já utilizavam vídeos durante as aulas, considerando-os como importante recurso pedagógico e atrativos para seus alunos, visto haver maior possibilidade de fixação dos conteúdos trabalhados anteriormente.

Essa pesquisa foi dividida em duas fases: a primeira fase foi desenvolvida a partir das observações e acompanhamento das aulas de História do sexto ano do Colégio Estadual Professor Nestor Carvalho Lima, localizado na cidade de Itabaiana - SE. Tratou-se de uma imersão no contexto das práticas escolares, tentando identificar o uso da rede social pelo professor, onde se buscou a inserção no ambiente da escola com olhar plural acerca do processo formativo.

A princípio, tínhamos definido como sujeito da pesquisa os cinco professores de História da referida escola. Isso se deu pela minha formação inicial nessa mesma área, pois havia um interesse em saber se e como os professores da minha área usavam o Youtube em

suas aulas. Entretanto, devido à falta de disponibilidade de tempo dos docentes, relacionada ao duplo vínculo empregatício, alguns não puderam participar de todo o processo da pesquisa e, diante dessa dificuldade, estendemos o convite para os demais professores da escola. Infelizmente, os demais professores também não puderam participar pelo mesmo motivo alegado pelos outros professores, pois não havia, naquele momento, na escola ou mesmo na Secretária de Educação, disponibilidade de carga horária para o professor realizar formação continuada.

Dentre os professores de História da escola, uma estava atuando como supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto de Carvalho, em Itabaiana-SE e, por esta razão, tinha disponibilidade para realizar o curso de formação, já que participava de encontros regulares para a formação docente, juntamente com outros professores da educação básica de outras escolas de Itabaiana, vinculadas ao PIBID/Pedagogia. Desta forma, foram convidados os professores desse Programa para participarem da oficina sobre Youtube na educação, iniciando assim uma segunda fase desta pesquisa.

Nessa segunda fase, contando com os professores/supervisores do PIBID como sujeitos da investigação, percebemos que alguns destes docentes já tinham imersão na cibercultura e já interagiam em sites de redes sociais. Identificamos que uma professora já possuía canal no Youtube, porém ela ainda não sabia das possibilidades oferecidas por este canal para a educação na sala de aula.

Por tratar de uma pesquisa que tem foco na formação docente, decidimos então utilizar como metodologia para sua realização a Pesquisa-formação, pois entendemos que ela possibilita contemplar e atender às perguntas da pesquisa e aos objetivos elencados.

Esta metodologia leva em consideração o sujeito e a sua formação, seja ela inicial ou continuada, considerando o seu cotidiano e a sua prática, as vivências e experiências que contribuem para sua própria formação. Para fundamentação da categoria de formação de professores, baseamo-nos em MACEDO (2009, 2010, 2012, 2015), SANTOS (2014), NÓVOA (1995, 1999, 2002).

Durante a pesquisa, foi desenvolvido um dispositivo autoral, uma oficina de quarenta horas, realizada no laboratório de informática da Universidade Federal de Sergipe, Campus Alberto Carvalho, onde foi possível compartilhar conhecimentos sobre as possibilidades de utilização do site de rede social Youtube na educação, além de propor o desenvolvimento de um canal no Youtube, onde o professor passaria a produzir e postar os próprios vídeos, podendo

compartilhar estes materiais para os alunos. Todos os procedimentos da oficina foram filmados e a análise de seus áudios e vídeos estão descritas na sessão três desse trabalho.

O trabalho está dividido em quatro partes:

Na primeira parte temos a introdução, onde trago a minha itinerância de formação e a motivação para trilhar essa pesquisa, a questão norteadora, os objetivos e a metodologia utilizada.

Na seção dois, intitulada “Redes sociais da internet e suas possibilidades para a Educação”, são discutidas as possibilidades da cibercultura e do site de rede social Youtube para a educação.

Na seção três, denominada “Criar e cocriar com o Youtube na educação, apresentamos a opção metodológica, o dispositivo de formação desenvolvido para esta pesquisa, bem como descrevemos e analisamos as experiências de formação na/para a cibercultura vivenciadas com os professores da educação básica na oficina sobre Youtube na educação.

Por fim, apresentamos as considerações finais, na qual refletimos sobre a pesquisa e seus resultados acerca das possibilidades do site de rede social Youtube para a educação básica em Itabaiana - SE.

2 REDES SOCIAIS NA INTERNET E SUAS POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO

O ciberespaço já faz da cultura um lugar de produção de conteúdo, de conexão livre entre pessoas e lugares e de reconfigurações da vida social, política e cultural. Não se trata de uma novidade radical de fenômeno, nem de um futuro ainda por vir. Devemos para pensar o rumo da cibercultura, reconhecer a escala planetária de possibilidades multimidiáticas de produção, circulação e colaboração emergente desde o fim do seu passado (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 29).

Neste capítulo, iremos abordar o conceito de rede social na internet, especificamente entender as possibilidades do Youtube na educação, no sentido de contribuir para modificar as práticas de ensino na sala de aula com o apoio dos recursos oferecidos. Aqui também apresentaremos o desenvolvimento das Web e os contributos para a educação.

2.1 A Web e a comunicação móvel ubíqua

Evidenciamos, no cenário atual, mudanças na sociedade e na vida cotidiana das pessoas e entendemos que essas mudanças estão associadas à revolução tecnológica proporcionada pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Essas mudanças permitiram o surgimento e consolidação de uma nova cultura: a cibercultura.

O fato é que estamos presenciando mudanças significativas em nossa sociedade. Com base em Castells (1999), é possível afirmar que estamos inseridos em uma nova sociedade: a da era da informação, na qual economia, trabalho e educação são mediados pela potencialidade das tecnologias e de suas interfaces. Conforme afirma o autor, vivemos desafios de um novo mundo resultante das consequências da revolução da tecnologia e da informação, iniciada no século XX, a qual é responsável pela gestação da nova estrutura social, intitulada ‘Sociedade em Rede’. E nesta se insere uma nova economia - a economia informacional global e uma nova cultura - a cultura virtual real, que possibilitam novas relações econômicas, políticas, sociais, culturais e também educacionais.

Uma reflexão de destaque na obra de Lévy (1999) está associada à atenção que ele direciona para a nova relação do homem com o saber, promovida por meio da imersão das pessoas no ciberespaço, uma vez que este amplifica, exterioriza e modifica completamente as funções cognitivas, tais como a forma de raciocinar, a memorização e a imaginação e, conseqüentemente, são construídos novos espaços e modelos de conhecimento. Logo, diferente das escalas lineares, faz-se necessário o desenvolvimento de espaços de conhecimento

emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares e não engessados, onde cada um ocupa lugar singular e evolutivo nos processos de construção e desenvolvimento do saber.

Partindo da premissa acima citada, o autor nos leva a pensar sobre a organização do sistema educacional e o papel do professor. No contexto contemporâneo, é preciso levar em conta o desenvolvimento e o crescimento contínuo do ciberespaço e o avanço da cibercultura como realidade social. Sua obra aponta e nos leva a refletir sobre a necessidade de o professor repensar as próprias práticas, bem como o seu papel historicamente construído de centralizador do conhecimento, ou seja, o papel de figura totalmente ativa no processo de ensino e aprendizagem. O que é preciso, contudo, é considerar que o aluno contemporâneo é ativo e faz parte desse processo.

A cibercultura, bem como as redes sociais da internet, promove o desenvolvimento de novos arranjos e práticas quanto à maneira de ensinar, aprender e viver em sociedade. Tratam-se de formas mais rápidas para executar tarefas, resolver situações e conversar com pessoas que estão em outro país. As tarefas podem ser das mais simples às mais complexas, pois são tecnologias digitais que operam com *bits* transmitidos por meio de cabos, fibras ópticas ou *wireless*, que promovem maior celeridade e são responsáveis por oferecer maiores possibilidades.

Sendo a cibercultura a cultura atual, não podemos viver em sociedade sem estar inseridos e imersos nas novas práticas possíveis no mundo digital e nos ciberespaços. Através destes, podemos realizar vários procedimentos sem a necessidade de deslocamento, tais como pagamento de contas, emissão de extratos e declarações, compras em lojas de qualquer lugar do mundo, dentre outras atividades.

Diante dessa realidade, é importante que nós, professores, também estejamos inteirados desse contexto. Conforme Santaella (2007), esses espaços proporcionam aprendizagens diferenciadas, por meio da interação em rede, quebrando o binômio tempo e espaço e proporcionando aos jovens elementos fascinantes, graças à variedade de informações e ao oceano de possibilidades. Por isso, a internet torna-se um ambiente atrativo, uma nova maneira de aprender.

É fato que as redes sociais vêm atraindo cada vez mais as pessoas, pois as interfaces são fáceis e as telas são simples, elementos que contribuem para que quantidade maior delas, especialmente crianças, jovens e adultos, não tenham dificuldades para utilizá-las. Ainda, propicia uma relação entre aprendizagem colaborativa e espaço-tempo. A aprendizagem colaborativa implica em um processo mais aberto de ensino e aprendizagem, onde os integrantes do grupo interagem para atingir um objetivo comum.

Os condicionantes acima citados são fundamentais para a ampliação do acesso à comunicação e à informação, ou seja, para que as escolas não sejam vistas como único local de aquisição do conhecimento. Deste modo, por meio das novas possibilidades tecnológicas, as pessoas conseguem produzir e desenvolver diferentes procedimentos de aprendizagem e a escola precisa estar atenta a essa realidade, a fim de buscar atribuir novo significado ao que ensina e ao que precisa ensinar.

Santaella (2007) menciona aspectos referentes à atratividade que a tecnologia pode oferecer. Para ela, este artifício pode ser sedutor devido às possibilidades infinitas que apresenta, afinal, navegar pelas informações é uma aventura hipnotizante, pelo menos para aqueles que têm avidez de fazer escolhas próprias. Quando ela fala de uma aventura hipnotizante, refere-se à atratividade proporcionada pelos recursos tecnológicos e pela internet. A autora afirma ainda que os portais, site e blogs estão preparados para ‘dar boas-vindas’ aos visitantes, uma vez que estes espaços apresentam o encanto próprio das cores, brilho, e animação características.

Seguindo a autora acima citada, podemos dizer que as tecnologias e o uso dos dispositivos são convidativos, pois o tipo de linguagem, os signos e a escrita oferecidos são intencionais, assim como a disposição das cores e a infinidade de opções de navegação. Logo, fica fácil explicar o crescimento ascendente do número de internautas que utilizam esses espaços.

Para Lévy (1999), a cibercultura expressa o surgimento de um novo universo diferente das formas culturais que vieram antes dela e, diante desse contexto, é evidente a mutação do saber. De acordo com o autor, a primeira constatação de mutação está associada à velocidade e renovação dos saberes, bem como à nova natureza do trabalho, que exige a transmissão e a produção do conhecimento.

Para Santos (2007), a cibercultura é o lugar onde as pessoas interagem por meio das tecnologias. Ainda sobre a definição de cibercultura, durante entrevista ao programa ‘TV Escola’, Santos (2014) afirmou ser ela a cultura do contemporâneo, mediada pelas tecnologias digitais em rede. Explicou que elas não são protagonistas, mas que há um processo híbrido entre todo o desenvolvimento científico promovido pelo próprio uso da tecnologia e o desenvolvimento científico.

Já Lemos e Lévy (2010) afirmam que a cibercultura pode ser entendida também como cultura digital, dialogando com Lévy (1999) quando este diz que ela é uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, bem como práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, ou seja, novas formas

de sociabilidade e de comunicação social a partir do desenvolvimento e uso das tecnologias digitais.

A cibercultura surge com o desenvolvimento das Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação (TDIC), pois foi através delas que se tornou possível desenvolver atividades e práticas antes consideradas difíceis ou até mesmo impossíveis de serem realizadas com as tecnologias analógicas que tínhamos.

Os espaços virtuais, o ciberespaço, a tecnologia digital e a popularização desses têm provocado profundas mudanças na forma como nos comunicamos e nos relacionamos com as pessoas. Para Lucena (2014), são mecanismos que interligam pessoas, dados e instituições em diferentes espaços virtuais, chamados de redes sociais e, por serem espaços interativos, abertos e de compartilhamento, têm sido utilizados também nos processos de educação. Através desses espaços, podemos acompanhar notícias mundiais, mobilizar pessoas para ações de ajuda humanitária diante de tragédias, organizar movimentos, potencializar a educação, entre outros.

Esses avanços da internet que fazem crescer os ciberespaços são, para nós, um convite à reflexão sobre os potenciais da mobilidade na cibercultura. Para chegar a essa fase, Santos (2014) afirma que foi necessária uma evolução da Web 1.0, pois a convergência das tecnologias informáticas com as tecnologias das telecomunicações limitava o acesso à internet, cujos mecanismos centravam-se no *desktop*, o que exigia uma conexão fixa e física do computador a uma linha telefônica. Para se comunicarem em rede, afirma a autora, os seres humanos ficavam com seus corpos estáticos diante de seus computadores.

Isso porque nessa fase, da Web 1.0, os internautas não dispunham de interfaces adequadas para a produção e o compartilhamento de informações e conteúdo; era necessário possuir conhecimento de uma linguagem específica de programação. Os sites eram grandes repositórios de conteúdos criados por pessoas especializadas em informática, com possibilidades que permitiam ao internauta apenas navegar pelas páginas disponíveis, podendo copiar e assistir, com pouca interatividade, não permitindo alterações ou edições nos conteúdos, com poucas interfaces de comunicação com outros internautas, sendo constituídas basicamente por textos, sons e imagens estáticas de baixa resolução.

A fim de descrever o mecanismo das práticas e usos da internet nessa fase, Santos (2014) traz dois conceitos próprios da informática como metáforas para explicar a relação dicotômica entre ciberespaço e espaços urbanos: (a) download - transposição de conteúdos da internet para o computador e (b) upload - transposição de conteúdo do computador para a internet. Inicialmente, os professores, internautas e até grandes mídias de massa utilizavam essas lógicas, transformando a internet num grande repositório de conteúdo. Mas, com a popularização da

linguagem HTML e suas interfaces, passaram a utilizá-la para além da busca de informações, desenvolvendo práticas de criação sob o formato de *homepages*, *websites* pessoais ou institucionais. As pessoas passaram a ser autores, produzindo, postando e compartilhando na rede.

Com a expansão do acesso à rede mundial de computadores e o surgimento de novas combinações de técnicas informacionais, vivenciamos a chegada de uma nova internet, considerada a segunda fase da internet, a Web 2.0. Esta refere-se à expansão de acesso da internet, com novos grupos ligados à lógica de interatividade. Nessa fase se desenvolveram novas atitudes de autoria e com elas a ideia do “faça você mesmo”. Aqui surge a importância da produção colaborativa e interativa.

Consequentemente ao surgimento de novas maneiras de autoria, fez-se necessário o surgimento de outros espaços e, automaticamente, uma evolução permanente das interfaces. Para Lévy (1999, p. 37), interfaces são todo aparato material que possibilite interação entre o universo da informação digital e o mundo ordinário.

Com a Web 2.0, presenciamos o surgimento de novos *softwares* sociais, os *softwares* de rede social. Estes nos permitiram não somente interação com pessoas do mundo todo, mas nos possibilitaram criar, curtir, compartilhar e comentar as novas atitudes autorais desenvolvidas nesses espaços. Conforme afirma Recuero (2009), são nesses espaços que percebemos as expressões das redes sociais na internet. A observação dessas expressões, ainda segundo a autora, se faz por meio dos rastros deixados nesses espaços.

Santos (2014) caracteriza a Web 2.0 como o resultado da interação das mudanças tecnológicas, econômicas e sociais e não apenas uma questão da evolução da tecnologia digital em rede convencional. Para ela, também não é somente uma questão sobre como os negócios estão mudando, baseados na produção colaborativa de conteúdos, que vem impactando a economia e o funcionamento das empresas de diferentes setores. Conjuntamente, trata-se de expressar a real motivação das pessoas ao se envolverem em redes de contato social: a liberdade de expressão da própria autoria, interlocução e interação, numa conjuntura onde os indivíduos se entregam a si mesmos sem cobranças.

Com a Web 2.0, além das possibilidades de compartilhamento, criação, recriação, troca e interação, esse novo formato apresenta linguagem acessível a todos os públicos, de modo que qualquer pessoa pode, de forma prática, ter acesso a ela sem a necessidade de possuir muitas habilidades e conhecimentos de informática, o que também contribui para que possamos ter um número maior de internautas.

Ainda conforme Santos (2014), essa dinâmica comunicacional oferecida pela Web 2.0 contribui não somente para o surgimento de novas formas autorais, mas também para potencializar a autoria dos sujeitos, o que vem a favorecer o desenvolvimento de práticas educativas interativas.

É notório que as possibilidades da Web 2.0, em comparação com a Web 1.0, são amplamente diferenciadas. A primeira oferece uma gama de opções variadas que auxiliam na interação, compartilhamento, troca e criação de conteúdo, estimulando a criatividade dos internautas. Todas essas possibilidades podem ser utilizadas para o processo educacional, necessitando, contudo, ser adaptada para o fim pedagógico proposto inicialmente.

Outra fase da cibercultura é a Web 3.0 ou web semântica (ISOTANI et al., 2008, apud SOUZA, 2015), que, segundo os autores, refere-se a uma web do conhecimento distribuído entre diferentes repositórios, conectados entre si, que conseguem selecionar as preferências dos internautas, de acordo com os sites nos quais navega. A multimodalidade é bastante presente nessa fase da internet, sendo possível encontrar diversos tipos de informações com formatos variados.

É certo que, do surgimento da tecnologia digital de informação e de comunicação até a atualidade, houve importantes progressos. Para Santos (2014), estamos vivenciando uma nova fase da cibercultura, denominada ‘cibercultura móvel e ubíqua’. Além da evolução dos dispositivos móveis, contamos, sobretudo, com a evolução das tecnologias sem fio para acesso ao ciberespaço, a exemplo das tecnologias Wifi, Wimax, 2G, 3G, 4G. Estas tecnologias móveis têm permitido o crescimento da mobilidade ubíqua e, com isso, a possibilidade de instituição de diferentes práticas culturais e, consequentemente, educacionais.

É pertinente para essa pesquisa apontar alguns dados relevantes sobre o uso da tecnologia nos domicílios e, nesse sentido, dados demonstram que o celular é um dos aparelhos tecnológicos mais utilizados nos dias de hoje. Conforme o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, 93% dos domicílios da população brasileira possuem telefone celular, apenas 29% possuem computador portátil e 17% possuem tablet².

Outro dado relevante para essa pesquisa é sobre o uso da internet pelos brasileiros. Conforme dado do IBGE fornecido em 2016, com base na faixa etária: 85% diz respeito aos brasileiros com idade entre 18 a 24, 24,7% são pessoas com mais de sessenta anos e 64,7%

² Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2016.

possuem mais de dez anos. Esse número vem ampliando se comparado aos dados de 2015. Mais de 116 milhões acessaram algum site ou aplicativo no ano 2016.

Atualmente, os ciberespaços são mais frequentemente acessados a partir de dispositivos móveis como o celular, *palmtops*, *laptops*, *netbooks* e *notebooks*, por exemplo. Poucas vezes utilizamos aparelhos fixos para termos acesso ao ciberespaço. Essa nova forma de acesso modifica nossa relação com o espaço urbano, uma vez que a mobilidade nos permitir ter acesso a vários lugares, simultaneamente.

Muito mais que circular pelos espaços urbanos portando a mídia e a linguagem, circulamos agora com a convergência de diversas mídias e linguagens [...] caracteriza-se, sobretudo, pela conexão constante e ubíqua com o ciberespaço, com espaços urbanos e interações sociais diversas com e nesses espaços. (SANTOS, 2014, p.28)

Em tempo de mobilidade ubíqua, é possível, em um mesmo dispositivo, contarmos com a convergência de interfaces que permitem realizar várias atividades ao mesmo tempo, tais como produzir, editar e compartilhar, em rede, textos, sons e imagens, sejam elas estáticas ou dinâmicas.

As tecnologias estão imersas na sociedade e, conseqüentemente, nas escolas. Elas fazem parte do contexto social atual e não há como dissociá-las das relações sociais vigentes. É impossível negar a necessidade de acompanharmos essa realidade, pois ficar fora desse contexto histórico é não reconhecer a necessidade de conjugar a aprendizagem com a realidade do cotidiano do sujeito.

As TDIC possibilitam novas maneiras para a aquisição de conhecimento na cibercultura. Trata-se da inteligência coletiva. A este respeito, Lévy (1998) afirma que ela permite aos grupos compartilhar, negociar, criar modelos mentais comuns, reforçando o processo de inteligência coletiva. A inteligência coletiva, que valoriza as competências individuais, a imaginação, a intelectualidade, a diversidade, a troca de conhecimento em tempo real, que gera conhecimentos diversos e inusitados, que favorecem o surgimento de novos autores na produção do conhecimento, os quais incorporam e produzem novos conteúdos.

Para Lévy (1998), a inteligência coletiva é aquela que se distribui entre todos os indivíduos, que não está restrita a poucos privilegiados. O saber está na humanidade e todos os indivíduos podem oferecer conhecimento; não há ninguém que seja nulo nesse contexto. Por essa razão, o autor afirma que a inteligência coletiva deve ser incessantemente valorizada. Deve-se procurar encontrar o contexto em que o saber do indivíduo pode ser considerado valioso e importante para o desenvolvimento de um determinado grupo.

Para ele, os intelectuais coletivos só poderão se reunir em um mesmo ambiente a partir da mediação das TDIC. Com tais tecnologias, os saberes dos indivíduos poderão estar em sinergia. A coordenação dos saberes pode ocorrer no ciberespaço, o qual não é apenas composto por tecnologias e instrumentos de infraestrutura, mas também é habitado pelos saberes e pelos indivíduos que os possuem.

A inteligência coletiva contribui para o surgimento de um novo tipo de sujeito no contexto das escolas: os alunos, que também produzem conhecimentos. Eles não apenas absorvem informação, mas são ativos neste processo, pois produzem e compartilham, criam e recriam por meio das comunidades virtuais. O crescimento da inteligência coletiva só progride quando há cooperação e competição ao mesmo tempo. Para exemplificar, Lévy (1998) citou a comunidade científica, capaz de trocar ideias de forma cooperativa, porque tem a liberdade de confrontar pensamentos opostos, competir e, assim, gerar conhecimento.

Para Lévy, é do equilíbrio entre a cooperação e a competição que nasce a inteligência coletiva. Ela se faz por todas as pessoas, não apenas pelos cientistas. As empresas necessitam cada vez mais de empregados que precisam lançar ideias e resolver questões coletivamente. Assim desenvolvem a inteligência coletiva:

A inteligência coletiva é “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”. Ela visa ao reconhecimento das habilidades que se distribuem nos indivíduos, a fim de coordená-las para serem usadas em prol da coletividade. A coordenação dos inteligentes coletivos ocorre com a utilização das tecnologias da informação e comunicação (Lévy 1998, p. 28).

Os dispositivos comunicacionais possibilitam, segundo Lemos e Lévy (2010), algumas formas de relação entre os que interagem. Para ele, essa interação ocorre de três maneiras diferentes: um-todos, um-um e todos-todos. Segundo ele, na relação um-todos, encontramos o modelo tradicional da educação bancária de Freire (2006). Nesse modelo, o professor (um) deposita os conceitos nos alunos (todos). Esse modelo, apesar de dominar por muito tempo o ambiente educacional, vem sendo combatido por pesquisadores e pelas novas práticas educacionais. Já no modelo um-um, temos uma comunicação restrita, onde apenas dois agentes interagem, eliminando assim a possibilidade de uma colaboração na concepção da cibercultura, em que a informação deve estar disponível para todos.

No último modelo de relação entre agentes, todos-todos, temos o que se assemelha aos pressupostos da cibercultura e de uma interação colaborativa, conforme propõem Lemos e Lévy (2010), segundo os quais as pessoas necessitam dominar duas técnicas: a caçada, que diz

respeito à busca por informação precisa e formas rápidas de obtenção; a pilhagem, na qual se busca por informações específicas mas se está sempre pronto a desviar do interesse de acordo com o clima do momento, ou seja, não se sabe exatamente o que se procura, mas acaba-se sempre por encontrar algo, de site em site, de link em link, recolhendo-se aqui e ali coisas que interessem.

Para Chagas (2013), a utilização desses dispositivos somente contribui para a disseminação da informação e, uma vez conectados com outros artefatos, esses dispositivos ampliam o poder de troca de informação no modelo todos-todos, sendo um artefato ou humano.

Ainda, para Chagas (2013), a possibilidade da interconexão de todos os artefatos poderá ampliar as comunidades virtuais como conhecemos hoje, com seus interesses, conhecimentos, projetos em comum, sempre praticando o processo de troca e colaboração, possibilitando uma maior troca dessas informações, não somente entre os humanos, mas entre esses artefatos que compõem as comunidades virtuais.

Por ter acesso a vários artefatos e também maior acesso a mensagens, as comunidades virtuais devem manter a reciprocidade. Essa reciprocidade das comunidades virtuais é responsável por uma modificação na forma de aprender e colaborar dentro de uma sociedade, por meio das redes sociais, e possibilita, por assim dizer, novos arranjos e formatos de ensino e aprendizagem, em que não são formados apenas laços territoriais, as relações institucionais entre as pessoas, mas o interesse em comum que as une em torno de uma causa, seja ela um simples jogo de entretenimento, o processo educativo que envolve esta comunidade ou outras atividades colaborativas (LEMOS; LÉVY, 2010).

Ao pensar sobre o futuro da cibercultura e da educação no ciberespaço, Lemos e Lévy (2010) colocam um ponto importante a se observar, que é a velocidade do surgimento e renovação dos saberes, daí a necessidade e importância de uma formação continuada. Os saberes estão se modificando em uma velocidade tão alta que provavelmente o *know-how*³ adquirido no início de sua carreira profissional estará ultrapassado antes do final dela, o que exige aperfeiçoamento constante para as novas demandas e exigências.

Outra constatação que pode influenciar essa projeção de futuro, de educação nos ciberespaços e com a cibercultura é a possibilidade de modificação e ampliação das funções cognitivas das pessoas, em que a memória passa a ser digital, através dos bancos de dados e

³ *Know-how* é um termo em inglês que significa literalmente "saber como". *Know-how* é o conjunto de conhecimentos práticos (fórmulas secretas, informações, tecnologias, técnicas, procedimentos, etc.) adquiridos por uma empresa ou um profissional, que traz para si vantagens competitivas. Disponível em: <https://www.significados.com.br/known-how/>. Acesso em 28 de mar. 2018.

diversos artigos digitais; a nossa imaginação perpassa por simulações de realidade; a percepção, por uma realidade virtual e o raciocínio pela inteligência artificial.

É importante pontuar aqui a necessidade de políticas públicas e de formação continuada adequadas para fornecer aos professores competências que lhes permitam atuar no ciberespaços e melhor utilizar as possibilidades oferecidas pela cibercultura. Entendemos que se estamos diante de uma nova cultura, precisamos ser formados adequadamente para atuar nesses novos espaços.

O fato é que a demanda atual necessária para o processo de formação é maior do que outrora e muito se dá devido às rápidas transformações e mudanças na educação do saber. “Em novos campos virtuais, professores e estudantes partilham os recursos materiais e informacionais de que dispõe. Os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes” (LÉVY, 1999, p. 171).

A educação não deve manter-se apenas como a difusão do conhecimento, já que pode ser adquirida, também de forma eficaz, por meio de dispositivos tecnológicos. Segundo Lévy (1999), o papel do professor nessa conjuntura seria agora centrado na gestão da aprendizagem, onde o mesmo deve conduzir a aprendizagem promovendo a mediação e a troca de saber. Nessa concepção, o professor não seria um transmissor de informação e conhecimento, mas sim um coordenador da aprendizagem, um mediador que deve estar apto para a tarefa que lhe é sugerida no contexto histórico atual, o da cultura contemporânea e dos espaços multidimensionais e ubíquos.

Santaella (2013) chama a atenção para as possibilidades oferecidas pelo uso das tecnologias digitais, definindo como espaços multifacetados, com várias possibilidades de comunicação, interação, troca, produção e aprendizagem por meio da variedade de links, hipertextos, redes sociais da internet e um universo de possibilidades que podem ser utilizadas a qualquer hora e em qualquer lugar, bastando apenas estar conectado. Para a autora, a tecnologia digital permite um modelo de aprendizagem diferente do modelo de aprendizagem tradicional, onde predominam as aulas expositivas e enfadonhas. Vivemos a transformação da leitura, escrita e, conseqüentemente, da aprendizagem. São possibilidades que transcendem os modelos tradicionais de ensino mediante a abertura para novas maneiras de adquirir informação e conhecimento.

Os espaços multidimensionais citados por Santaella (2013) são as mídias, que emergem em vários espaços midiáticos. São espaços multifacetados, comparados à hiper mobilidade, os espaços físicos acrescidos de aparatos móveis que dão acesso ao ciberespaço, possibilitando a comunicação ubíqua, criando espaços fluidos e múltiplos, não apenas no interior das redes, e

que permitem a comunicação a qualquer hora e em qualquer lugar, de modo a reforçar e incrementar a disseminação do conhecimento. São espaços desenvolvidos a partir do surgimento das redes sociais, as quais têm impacto significativo na aquisição personalizada e customizada do conhecimento e permitem maior disponibilidade de informação e conhecimento, variando os passos e as oportunidades de criação.

A fertilização de ideias é aperfeiçoada pelo amplo acesso as redes globais. Com a internet aliada a mobilidade, aumenta a quantidade de informação e conhecimento não apenas cresce, mas se diversifica. Amplia-se a diversidade de culturas, quanto a codificação do conhecimento, que se torna acessível. (SANTAELLA, 2013, p.3).

É notável que a aprendizagem ubíqua, promovida pelo uso de aparelhos móveis que permitem acesso à informação de forma mais rápida, trata-se de uma realidade nos dias de hoje. Fato verificável em qualquer lugar, pois as pessoas estão conectadas e imersas no contexto da cibercultura o tempo todo e em todos os espaços. A realidade do contexto escolar não é diferente nem distante do que presenciamos nas ruas, pois também nesse ambiente os alunos usam essa tecnologia. A questão é: o que vamos fazer com essa realidade na escola?

Santaella (2013) dedica um capítulo de sua obra para apresentar fases diferentes da tecnologia, as quais possuem características diferentes e oferecem possibilidades variadas, sendo a última a aprendizagem ubíqua. Ela apresenta cinco gerações de aprendizagem: a da tecnologia do reprodutível, com o auxílio das tecnologias de massa como televisão; da tecnologia da difusão, quando através do rádio e da TV há uma rápida difusão da informação; da tecnologia do disponível, a intermediária; da tecnologia do acesso, graças à evolução do computador, com facetas diversas e que envolve projeto, memórias, linguagem, circuito lógico; e, por fim, a tecnologia da conexão contínua, ubíqua, que vem afetando profundamente a forma de ensinar e aprender, mediada por dispositivos moveis.

Esta última, permitindo a convergência de computadores com a telecomunicação, contribui para modificar o modelo de aprendizagem do contexto atual, estágio esse associado ao uso de dispositivos móveis interconectados à internet, o qual possibilita formas de aprendizagem aberta e processos espontâneos, assistemáticos, caóticos, cultivando as circunstâncias, com acesso livre, contínuo e colaborativo, compartilhável e ubíquo. Surge uma nova condição de aprendizagem, bem como novos desafios.

Para Santaella (2013), todas as gerações têm sua importância no tempo e espaço, uma não descarta a outra. Isso não significa dizer que as demais não tenham importância, pois, para a autora, uma geração nunca substituirá a outra. Contudo, nessa última, por meio de um dispositivo móvel, o telefone, que conquistou o mundo no intervalo temporal de uma década e

tornou possível o acesso a vários tipos de aplicativos em um único aparelho, permitindo integrar em um pequeno aparelho todas as funções comunicacionais de outras mídias. O telefone móvel.

As condições propiciadas pelas tecnologias, que se difundiram amplamente com o uso do celular, propiciado pela tecnologia do acesso e do contínuo, afetam profundamente as relações sociais e também educacionais. Trata-se de um processo dinâmico, contínuo e ativo.

Com o desenvolvimento da capacidade de armazenamento e o processamento rápido das informações, além de uma nova sociedade mercadológica, emergiram novos perfis de alunos e professores, compostos por pessoas que fazem uso das redes sociais para potencializar o conteúdo a ser trabalhado em aula. São, pois, profissionais diferenciados por apresentarem flexibilidade para aprender, reaprender, reinventar, criar, interpretar, compartilhar, promover novos significados para a informação disponível e explorar ao máximo a potencialidade do mundo digital e conectado. As pessoas estão conectadas, os alunos estão utilizando sites de redes sociais, como o Youtube, para tirar dúvidas sobre a aula, compartilhar, criar, produzir, passar e buscar informações, argumentar, analisar, refletir e debater temas expostos pelos professores, e assim aprender.

Santaella (2007) menciona a atratividade que a tecnologia pode oferecer. Para ela, este artifício pode ser sedutor devido às possibilidades infinitas que apresenta:

Navegar por essas informações é uma aventura deliciosamente hipnotizante, pelo menos para aqueles que têm avidez de conhecer por rotas de escolha própria... e cada um dos portais, site e blogs está preparado para dar boas-vindas aos visitantes... com o encanto próprio de suas cores, brilho, e animação características (SANTAELLA, 2007, p. 180).

Seguindo esse pensamento, podemos dizer que a tecnologia é convidativa, pois o tipo de linguagem, os signos e a escrita oferecidos são intencionais, bem como a disposição de cores e a infinidade de opções de navegação, que tornam esses recursos ainda mais atrativos. Assim, fica fácil explicar o crescimento do número de internautas nesses espaços.

Cabe ressaltar que o suporte, com grande capacidade de potencialização para a efetivação desse contexto, nós já possuímos: as TDIC. Contudo, faz-se necessário formar de modo adequado inicialmente e promover capacitação continuada para os profissionais, a fim de que eles compreendam melhor como agir, interagir, construir e produzir, adequando-se à nova realidade.

2.2 As redes sociais da internet

Para Portugal (2007), o conceito de rede na história das ciências sociais e humanas surgiu na primeira metade do século XX. Entretanto, naquele momento, o termo era sobretudo usado em sentido metafórico: os autores não identificavam características morfológicas, úteis para a descrição de situações específicas. Foi somente a partir da segunda metade do século XX que o conceito assumiu grandes proporções na sociologia. A construção desse conceito se desenvolveu em torno de duas correntes marcadamente distintas: uma no campo da antropologia social, a partir de pesquisadores britânicos após a II Guerra Mundial; e outra, de origem americana, que se preocupou fundamentalmente com uma análise quantitativa a partir de abordagem estruturalista.

É importante citar que existe uma diferença entre rede social e rede social na internet. Rede social é constituída pela interação entre pessoas como reuniões entre grupos de comunidades, sejam elas de funcionários, escola, condomínios, igreja e outras. Para Recuero (2009), a rede social na internet se diferencia da rede social comum porque ela é desenvolvida por meio da interação e troca de produções que ocorrem exclusivamente na internet, por meio de programas e sites que são habitados por interagentes, como é o caso do Youtube. Ela faz a observação de que sem a participação dos interagentes, que são os sujeitos e a existência de um programa ou site que possibilitasse essa troca, não seria possível considerar uma rede social na internet. Só é da internet porque as relações ocorrem dentro de um programa ou site da internet.

Conforme afirma Lucena (2012), as redes sociais não existem apenas devido à criação de *softwares* e das interfaces da internet. Essa forma de rede é tão antiga quanto a história da humanidade, pois associa-se aos movimentos sociais que utilizavam as conexões interpessoais para atingir objetivos econômicos, sociais, políticos e culturais - e nem sempre são interativas.

As redes sociais na internet foram criadas para envio de mensagens e não para dispor de produções. Os habitantes desses espaços passaram a personalizá-los e dar-lhes o formato que queriam na medida das possibilidades oferecidas pelo programa ou site. Assim como ocorreu com as demais redes sociais da internet, ocorreu também com o Youtube, pois os internautas passaram a moldá-la conforme suas próprias necessidades e utilizar suas possibilidades de autoria.

Ainda conforme Recuero (2009), as redes sociais na internet são conceituadas como sites de redes sociais. Estes sites permitem a interação entre os internautas por meio de curtidas, compartilhamentos de vídeos, fotos e imagens. A autora argumenta que, embora os sites de

redes sociais atuem como suporte para a interação que constituem as redes sociais, eles não são, por si só, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliá-las e percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. Dessa forma, podemos compreender que a formação das redes sociais, sejam elas da internet ou não, são constituídas, indispensavelmente, pelos participantes e suas interações e trocas.

Santaella (2007) afirma que as redes sociais proporcionam aprendizagem colaborativa, quebrando o binômio tempo e espaço, proporcionando aos jovens algo fascinante perante a variedade de informações e ao oceano de possibilidades, razão pela qual a rede torna-se um ambiente atrativo, uma nova maneira de aprender que se difere da aprendizagem tradicional, bancária e linear ainda oferecida de modo predominante nas escolas atuais. As redes sociais vêm atraindo cada vez mais os jovens, pois suas interfaces são fáceis, o que contribui para que um número maior de pessoas as utilizem, como crianças e idosos. Assim, amplia-se o acesso à comunicação e à informação, ou seja, o conhecimento não é mais adquirido apenas na escola.

Santaella (2013) chama a atenção para o fato do ciberespaço necessitar de práticas de auto formação, pois o universo da rede é um ambiente em constante mutação tendo como ponto positivo a oferta demasiada de informação que fortalece a aprendizagem, fazendo-se necessário habilidades para saber selecionar a informação, pois as redes estão povoadas de conteúdos que podem ser verdadeiros ou falsos.

Deste modo, cabe ressaltar que as redes sociais estão povoadas de informações, mas é necessário ter cuidados específicos ao selecioná-las, da mesma forma que fazemos ao escolher um livro ou um autor. Sabemos que em uma informação estão embutidas ideias e posicionamentos de uma pessoa e que estes podem ser favoráveis ou contrários a alguém ou a determinado tema. É importante que tenhamos visão aberta para não incorrer no risco de considerar uma informação obtida na rede como única fonte da verdade. Ou seja, precisamos sempre nos questionar e verificar outros posicionamentos sobre a mesma informação para, posteriormente, tirarmos nossas conclusões.

Ainda para Santaella (2013), basta conhecer as funcionalidades e os conteúdos disponíveis nos aplicativos interativos *online* para entender o motivo de tanta aceitação por um número cada vez maior de pessoas. A plasticidade tornou a internet um ambiente multiforme, capaz de abrigar uma pluralidade de configurações comunicacionais e as várias possibilidades servem para nos explicar o motivo de tanta aceitação.

É verídico que as redes sociais apresentam potencialidades que auxiliam o professor na promoção de um espaço de aprendizagem mais atrativo, devido à possibilidade de maior

interação que pode ocorrer de forma horizontal, descentralizada e ubíqua, em todo lugar e em qualquer hora por meio dos dispositivos móveis, uma educação compartilhada e colaborativa.

Presenciamos nos últimos anos, por meio das redes sociais, diversos acontecimentos de nível global, como nunca antes na história da humanidade. É acesso ao conhecimento em tempo real, necessitando apenas dispor de uma conexão em rede. Recentemente, em questão de segundos, todos já estávamos sabendo sobre a possibilidade da ocorrência de um furacão com denominação Irma, que estava muito perto da parte inferior da região de Florida Keys, no estado norte-americano.

Inevitavelmente, as TDIC, seu uso intensivo e inserção nas sociedades mudaram a estrutura social. Além de termos acesso à informação, podemos curtir, compartilhar e fazer nossos comentários em um processo de produção de conhecimento. “Mais do que uma rede tecnológica que interliga equipamentos, as redes sociais interligam pessoas, dados e organização” (LUCENA, 2014, p. 162). Essa nova definição social é possível devido ao novo estágio das comunicações, denominado por Santaella (2013) como “conexão contínua”, por meio da qual temos acesso a todo tipo de informação em todos os lugares, em ação caracterizada pela utilização de aparelhos móveis. Para Lucena (2014), estes aparelhos permitem ouvir e mixar áudios, fotografar, filmar, editar, divulgar imagens e vídeos, conectar-se a redes sociais, utilizar *softwares* de geolocalização e tantas outras possibilidades do cotidiano.

As informações atuais indicam que não é mais questionável o fato de que a tecnologia, principalmente a móvel, potencializa a comunicação e a interação. Essa potencialidade é descrita por Santaella (2007) como “espaços intersticiais” onde o acesso se dá por meio de aparelhos móveis conectados às redes *Wifi*.

A partir do acesso a essas transformações, eleva-se a importância de entender como os professores podem utilizar a potencialidade do acesso às TDIC e às redes sociais na e para a educação. Cabe destacar que um dos elementos importantes para tal compreensão diz respeito à associação desta utilização com a formação inicial e continuada dos professores.

Deste modo, antes mesmo de inserir as tecnologias na educação, é necessário formar primeiramente os profissionais para que eles estejam capacitados para desenvolver e aplicar as TDIC na sala de aula, incluindo o uso em seus planejamentos, com segurança e desenvoltura. Porém, afirma Lucena (2014), essa formação não pode ser básica, instrumental e inicial, como tem ocorrido. É preciso uma formação ampla e continuada que considere as diversidades sociais e culturais de cada escola, além da infraestrutura tecnológica disponível no ambiente escolar.

Frente ao exposto, é evidente que não basta possuir apenas conhecimento básico e raso sobre o uso das TDIC no ambiente escolar. É preciso mostrar práticas mais adequadas para cada

realidade tanto da escola quanto dos alunos, tornando o uso das TDIC na aprendizagem de fato mais significativo.

Diante das transformações sociais, das articulações e do desenvolvimento das políticas públicas voltadas para a inserção do uso das tecnologias na educação, é importante aliar às práticas de ensino o uso das redes sociais, visto serem bastante utilizadas por todos, capazes de romper com as barreiras do modelo tradicional de ensinar e aprender. É importante não ignorar as possibilidades dos recursos que estão disponíveis, mas sim aliá-los às práticas pedagógicas atuais, desenvolvendo estratégias específicas para cada realidade, disciplina ou série.

Foi a partir da Web 2.0 que foi possível a criação de outras redes sociais digitais, tais como: Orkut (2004); Facebook (2004); Youtube (2005); Twitter (2006); Pinterest (2010); Instagram (2010) e o Google + (2011). Todas elas obtiveram expressivo sucesso entre os internautas, sendo que é o Facebook que vem liderando o *ranking* de redes digitais no Brasil, tendo cerca de 200 milhões de pessoas conectadas.

Em seu trabalho, Recuero (2009) explana que os sites de redes sociais são aqueles que compreendem as categorias dos sistemas, focados em compor e publicar as redes sociais dos autores. São, portanto, sites, cujo objetivo principal está na exposição pública das redes conectadas aos autores, ou seja, cuja finalidade está relacionada a publicização dessas redes mediante sistemas onde há perfis e espaços específicos.

Para Santaella (2013), as redes sociais são serviços *online* de acesso gratuito por meio de redes de contatos e intercâmbio de mensagens e conteúdos multimídias, ou seja, são plataformas sociais que possuem interfaces de programação e aplicação, de modo que “os que participam dessas redes são pessoas voluntárias, mas acabam por gerar conteúdos que tem um valor histórico, etnográfico e sociológico porque retratam vidas e o dia a dia dos participantes” (SANTAELLA, 2013, p. 251).

A interação dos internautas nas redes sociais contribui para o desenvolvimento de perfis que os representam. Elas oferecem vários tipos de serviços instantâneos, postagem de mensagens, vídeos, fotos, além de agregar várias funcionalidades à socialização. Desta forma, desenvolve-se uma cultura da convivência, participação e colaboração. Trata-se da cultura do integrativo e assimilativo, apresentando forte potencial de colaboração e troca.

Segundo Recuero (2009), as Comunidades Virtuais, a Sociedade em Rede, as Tribos Urbanas, ou simplesmente as Redes Sociais, não apenas servem para difundir conhecimento e informação, elas mobilizam pessoas, conectam não apenas computadores, mas também todos que interagem entre si e com o mundo.

As mudanças ocorridas nas formas de interação e na sociedade como um todo são um fato inegável. Existe neste contexto a formação de dois grupos distintos quando o assunto é internet: os otimistas e os pessimistas. Para os otimistas, segundo Recuero (2009), a interação pela internet institui comunidades virtuais nas quais todos se relacionam em harmonia e igualdade, estando permanentemente dispostos a colaborar uns com os outros, anulando a negatividade e as diferenças. Ao contrário, para os pessimistas, a comunicação mediada por computadores esfria as relações e acentua o que há de pior na natureza humana. Neste aspecto, acredita-se que o ciberespaço é o reino da mentira, da hipocrisia e das más intenções. Para a autora citada, ambas desvinculam a internet da realidade social e esquecem que as tecnologias são artefatos culturais.

Com tantos internautas ativos, as redes sociais digitais têm sido, nos últimos tempos, alvo de muitas críticas por parte de especialistas de diversas ciências e, especialmente, pelos da educação, que ainda veem nessa ferramenta digital algo a ser repensando, pois acreditam que o uso da rede digital no âmbito escolar não pode pautar-se apenas em tarefas que já contêm no livro didático e que o educador resolveu postar *online* para os alunos lerem e responderem. É importante dizer que a internet irá apresentar coisas boas e ruins e é o internauta quem deverá decidir como usá-la, se de maneira colaborativa ou não. Na educação, a internet e as TIDIC não definirão os resultados positivos e sim a didática e metodologia desenvolvidas pelo professor.

É importante destacar que a tecnologia apresenta uma série de recursos e acessórios que permitem várias possibilidades, mas que não se executam sozinhos. Os conteúdos estão disponíveis na rede, entretanto, cabe ao professor selecioná-los, bem como vídeos e sites que melhor se adequem às temáticas pedagógicas propostas. Enquanto profissionais da educação, devemos estar abertos às possibilidades oferecidas pelos ambientes virtuais de ensino e aprendizagem e não as aceitar não impedirá que façam parte da cultura de nossos alunos, pois já está inserida em nosso contexto histórico, social e também cultural.

Desse modo, é importante investir em um novo modelo pedagógico que favoreça à aprendizagem personalizada e coletiva em rede, na qual o professor assume o papel de coordenador da aprendizagem, daquele que conduz para caminhos antes desconhecidos, estando centrado no acompanhamento e na gestão da aprendizagem. Lévy (1999) não exclui a importância do professor, mas redireciona sua função dentro do mundo contemporâneo e tecnológico, a partir do papel de mediador, daquele que articula, direciona, auxilia, promove ideias e sugere coisas.

Diante das potencialidades trazidas pelo uso da tecnologia, seria um desperdício abrir mão dos recursos disponíveis capazes de potencializar a prática educacional, bem como a

aquisição de informação e conhecimento em tempo real. Nesta nova realidade, o que percebemos é que professores, e principalmente alunos, estão progressivamente utilizando e se apropriando das tecnologias para auxiliá-los no cotidiano dentro e fora da sala de aula.

Na próxima sessão, discutiremos as possibilidades oferecidas pela rede social Youtube para a educação básica. Acerca do uso das novas tecnologias no processo educacional, Lévy (1999) afirma que, para pensar em educação e formação na cibercultura, deve haver fundamentação na mutação contemporânea da relação com o saber. A primeira constatação diz respeito à velocidade da renovação do saber; a segunda refere-se à nova natureza do trabalho, concebendo a ideia de cada vez mais aprender, transmitir saberes e produzir conhecimento; a terceira constatação diz que a tecnologia intelectual exterioriza, amplifica e modifica diferentes funções cognitivas humanas, entre elas: memória, imaginação, percepção e raciocínio. Essas tecnologias favorecem então, conforme o autor, novas formas de acesso à informação e novos estilos de raciocínio e conhecimento.

2.2.1 Youtube: faça, publique e compartilhe

O Youtube é um site de rede social desenvolvido inicialmente por amigos que tinham o intuito de compartilhar vídeos de viagens. Em pouco tempo, essa rede social fez tanto sucesso que passou a ter crescente número de utilizadores. Não foi desenvolvida para a educação, assim como a internet e outras redes sociais também não foram, mas foi sendo adaptada pelos internautas que passaram a produzir vídeos associados a diversos conteúdos.

Por meio dessa rede social, é possível manter um canal, desenvolver um perfil, criar, postar, fazer *upload*, compartilhar vídeos, curtir e comentar as diversas produções, dentre outras atividades. Essa rede oferece vários links, aspecto que será abordado posteriormente. O Youtube não estabeleceu limites para o número de vídeos nem o tamanho deles, de modo que cada internauta pode colocá-los *online*, via *upload*, além de oferecer funções básicas de comunidade, tais como a possibilidade de se conectar a outros internautas.

A rede social Youtube tem potencial de negócios, comunicação, informação e também de interação. Ela apresenta número bastante elevado de internautas que curtem, compartilham, interagem e criam. Por meio dela, é possível que um produto antes desconhecido passe, em pouco tempo, a ser reconhecido mundialmente. Assim, através dela, é possível também a transmissão de uma nova cultura.

O Youtube foi fundado em fevereiro de 2005 por três amigos: Steve Chen, Chad Hurley e Jawed Karim, para atender a uma necessidade particular. Os jovens foram também pioneiros

do *paypal*, um famoso site ligado ao gerenciamento de transferência de fundos. Os criadores do Youtube perceberam o quanto era difícil trocar vídeos com amigos na internet, coisa que não acontecia com fotos e, a partir de então, os jovens do Vale do Silício (Califórnia) criaram uma maneira fácil para disponibilizar esses arquivos na internet. A princípio, não entenderam a dimensão da criação, pois pensavam ter criado algo útil para as pessoas mostrarem seus vídeos de viagem, associando-o somente ao turismo. O fato é que, em apenas um ano, o Youtube teve muita aceitação entre adeptos de todo o mundo.

O Youtube se transformou em um site de relacionamento por meio de postagens e vídeos, uma rede social que permite ao internauta dar lugar e voz às suas diversas expressões, experiências pessoais, pensamentos, sentimentos, sensações, tudo por meio de seus vídeos. Ela permite se conectar, escutar, compartilhar e multiplicar suas e outras histórias; essa variedade de postagem de conteúdos diversos torna essa rede mais atrativa e tem uma influência enorme na cultura de hoje.

O Youtube dispõe de vários tipos de vídeos para os mais diversos interesses. Nele é possível encontrar todo tipo de tutorial e produto; pessoas costumam pesquisar o produto antes de efetuar compras. Assim, o conteúdo exposto torna-se produto e quem assiste tutoriais e afinidades é mais propenso a comprar alguma novidade após a sua pesquisa.

Anderson (2006), chama essa procura de produtos na internet para compras de a “cauda longa⁴”, um modelo econômico novo para a indústria e mídia de entretenimento, que permite várias opções de busca e expansão do mercado, novas ofertas de serviços e produtos e estão cada vez mais voltados para públicos específicos, com várias opções de busca e segmentados. Dessa forma, o Youtube passa a se configurar como um site de rede social que também desenvolve o mercado de nicho.

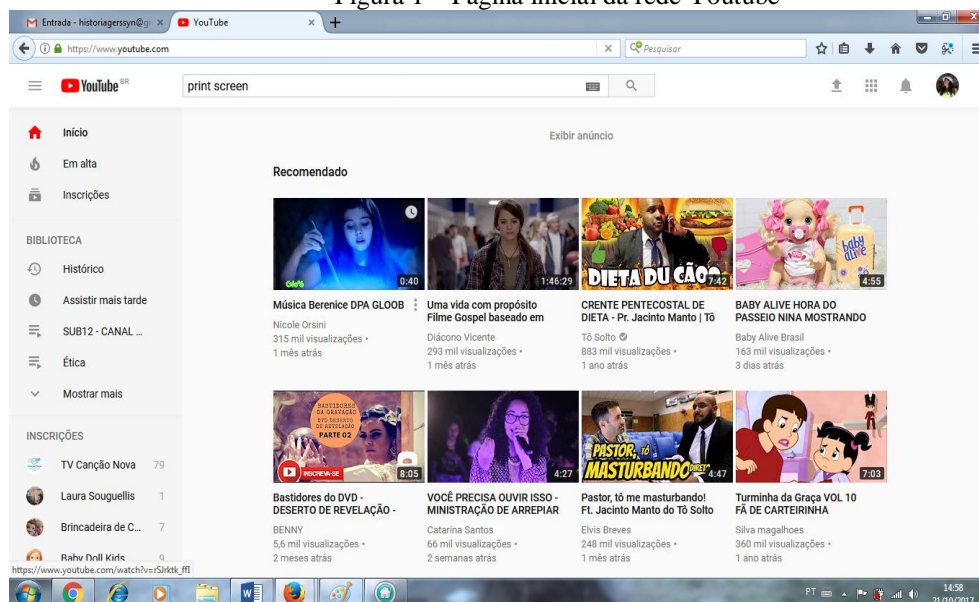
O mercado de nicho, para Anderson (2006), é o mercado *online* atual, repleto de alternativas para os mais variados tipos de público, um diferencial no ambiente do comércio e que, por isso, é o foco principal de toda e qualquer empresa. Nesse contexto de disputa por mercado, torna-se uma importante maneira de garantir sucesso em vendas, pois demonstra a mudança de um mercado de massa, regido por poucas empresas, para um fragmentado mercado composto por uma quantidade significativa de nichos.

⁴ Para Anderson (2006), a cauda longa são os pequenos nichos de público-alvo. Ela fornece o nível de procura por um determinado produto no meio virtual, o que é uma informação de grande importância para as empresas, visto que, dessa maneira, a empresa irá obter um melhor retorno dos seus consumidores e assim estará apta para agir se o mercado não reagir de maneira positiva. Os consumidores oferecem informações precisas e desenvolvem um perfil dos consumidores.

Conforme o modelo de nicho, é possível concluir que cada cliente possui as suas diferenças e particularidades e o empreendedor deve levar em consideração que apenas um produto não é capaz de atender todas as necessidades tampouco apenas um método de distribuição tem a capacidade de atender de maneira adequada a todas as necessidades. Assim, apresenta-se uma série de oportunidades para que diversos fornecedores apresentem os seus produtos nas categorias de nicho, estimulando a diversificação e a diferenciação dos produtos no mercado.

Os assuntos dos vídeos são diversos: música, gastronomia, moda, beleza, *gaming* e futebol. Não é difícil encontrar alguém que não tenha aprendido algo no Youtube através de tutoriais, ou seja, eles usam a rede para aprender algo do seu interesse, o que é, portanto, pedagógico. Trata-se de um lugar de informação, diversão e identificação, não importa qual o conteúdo, tudo está disponível.

Figura 1 – Página inicial da rede Youtube



Fonte: Captura de tela do Site Youtube (2017).

Conforme afirmam Santos, Silva e Zattar (2016), à medida que os internautas foram descobrindo o endereço, entenderam que lá podiam colocar absolutamente todo tipo de conteúdo: do mais banal ao mais sofisticado. Isso aconteceu porque a logística do Youtube é a do “faça você mesmo o seu vídeo, publique e compartilhe”.

Assim, toda e qualquer pessoa pode ser ela mesma um diretor, produtor e revisor, pois uma única pessoa poderá fazer as escolhas para produzir, sendo participante de todo o processo. Atualmente, os internautas publicam no Youtube tem cerca de cem milhões de vídeos por dia e alimentam-no diariamente com cerca de 70 mil novos arquivos.

Percebe-se que a popularidade do Youtube cresceu bastante em pouco tempo; em menos de três anos, o salto no quantitativo de internauta foi enorme:

No começo de 2008, **de acordo com vários serviços de medição de tráfego da Web, já figurava de maneira consistente entre os dez sites mais visitados do mundo.** Em abril de 2008, o Youtube já hospedava algo em torno de 85 milhões de vídeos, um número que representa um aumento dez vezes maior em comparação ao ano anterior e que continua a crescer exponencialmente. A Comscore, empresas de pesquisa de mercado da Internet, divulgou que **o serviço respondia por 37% de todos os vídeos assistidos nos Estados Unidos**, com o segundo maior serviço do tipo, a Fox Interactive Media, ficando com apenas 4,2%.⁶ Como uma comunidade de conteúdo gerado por usuários, seu tamanho gigantesco e sua popularidade entre as massas eram sem precedentes (BURGESS; GEEN, 2009, p. 11, grifo nosso).

Da mesma forma que os blogs transformam internautas em ‘jornalistas’, o Youtube faz deles celebridade. Os internautas ativos, antes desconhecidos no mundo da mídia, passaram a fazer sucesso dentro e fora das próprias comunidades. Sem a rede social Youtube, talvez a chance de ser famoso nunca pudesse ocorrer. As pessoas passaram a fazer vídeos amadores, muitos com grande repercussão, aceitação e curtidas. O gosto do público contribuiu para que pessoas comuns se tornassem celebridades, mesmo com fama de curta duração.

A rede social Youtube permite aos internautas as possibilidades de fazerem parte da sociedade e contribuírem com publicações, curtidas e comentários. Percebe-se que a popularidade da rede social Youtube, após seu lançamento, está totalmente associada à descoberta dos internautas das inúmeras possibilidades de se tornarem importantes, tanto na condição de consumidor quanto na de produtor.

Para Sibilia (2008), a internet parece ter contribuído bastante, ao longo da última década, para que as pessoas se tornassem o que é - ou o que pretendiam ser. São milhões de internautas de todo o planeta que têm se apropriado dos diversos aplicativos e dispositivos disponíveis na internet, utilizando-os para expor publicamente a própria intimidade. Desenvolve-se, assim, um verdadeiro festival da vida privada, exposta aos olhares do mundo inteiro, em apenas um clique. Essa realidade é identificada por ela como o “show do eu, a intimidade como espetáculo”.

Conforme a autora acima citada, desde o ano de 1927, a revista norte-americana *Time* elege o melhor do ano. Esse ritual é feito há quase um século com o intuito de apontar aqueles que mais afetaram a notícia mundial e as vidas das pessoas, para o bem ou para o mal, incorporando o que foi importante no ano. Em 1939, Hitler foi o escolhido; em 2004, George Bush; em 2006, a personalidade do ano foi **você**. Você identifica todas as pessoas comuns, as quais passaram a produzir, publicar e compartilhar nas redes sociais. Passaram, segundo a autora, a ser personalidades de destaque na sociedade, adquirindo fama e saindo do anonimato.

Segundo Sibilía (2008), um dos motivos dessa curiosa escolha está associada ao fato de que essas pessoas comuns estão transformando a era da informação. Para ela, estamos modificando a arte, a política e o comércio, até mesmo a maneira de pensar o mundo. Os editores da revista *Time* ressaltaram o aumento de conteúdos produzidos pelos internautas na internet, seja em sites, blogs, compartilhamento de vídeos no Youtube ou nas redes sociais. Em virtude do estouro de criatividade entre aqueles que antes eram apenas leitores e espectadores passivos, teria chegado a vez de reconhecer os amadores, por tomarem a rédea da mídia global e forjarem uma nova democracia digital.

O mesmo ocorreu com um jornal brasileiro em 2007, O Globo, que também colocou ‘você’ como figura importante, protagonista. Em seu site, o jornal permitiu aos leitores que fizessem a sua retrospectiva anual e, assim, entre imagens de uma ou outra catástrofe ocorrida no mundo, apareciam fotos de pessoas comuns, bebês sorrindo, férias em família, festas de aniversário, etc. Pessoas comuns ganharam destaque e importância.

Para Sibilía (2008), a interconexão dos computadores através das redes digitais de abrangência global se converteu em inesperados meios de comunicação. Quando as redes digitais de comunicação teceram fios ao redor do planeta, tudo mudou vertiginosamente. E o futuro ainda promete outras metamorfoses. Nos meandros desses ciberespaços de escala global, germinam novas práticas de difícil qualificação, inscritas no nascente âmbito da comunicação mediada por computador. São rituais bastante variados, que brotam em todo canto do mundo e não cessam de ganhar novos adeptos, dia após dia. Um exemplo de atualização é a nova roupagem dos programas jornalísticos da Globo News, no qual são inseridas chamadas para que os telespectadores enviem vídeos e participem de enquetes.

Tivemos o correio eletrônico, que sintetizava o telefone e a velha correspondência, seguidos da popularização dos sites de bate papo e chats, os quais evoluíram para sistemas de mensagens instantâneas do tipo contidas no Facebook, Orkut, entre outros. Recentemente, o Youtube e os sites que permitem a exibição e a troca de vídeos caseiros, além do compartilhamento de filmes gratuitamente.

Para ter acesso ao conteúdo do Youtube, é necessário utilizar os formatos Adobe Flash e HTML5⁵. Trata-se do mais popular site do tipo, devido à possibilidade de hospedar qualquer vídeo, agregando grande variedade de filmes, videocliques e materiais caseiros. O conteúdo

⁵ HTML é um aplicativo que permite carregar conteúdos mais dinâmicos de forma mais rápida se comparado ao formato FLASH.

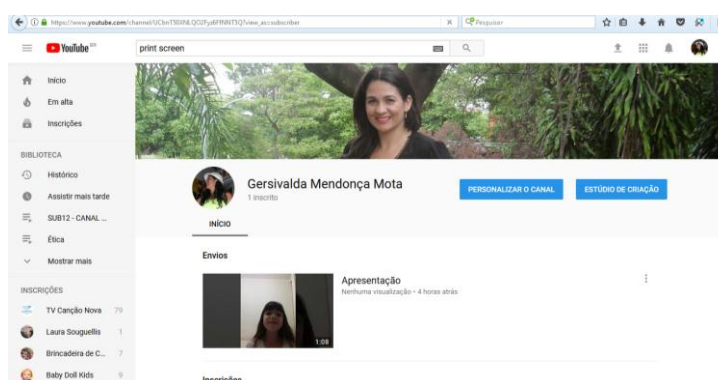
encontrado no Youtube pode ser compartilhado em outras redes sociais, como Facebook e blogs.

Como visto anteriormente, o Youtube foi desenvolvido por três amigos que precisavam de um dispositivo que lhes permitisse postar os próprios vídeos caseiros de viagens. Entretanto, apesar de ter sido essa a intenção inicial, essa rede social possui instrumentos que podem ser direcionados para a educação. E foi exatamente isso que aconteceu com o passar dos anos. Vários professores do mundo todo passaram a utilizar esse recurso para fazer vídeos sobre conteúdos pedagógicos, diversificados, com conteúdo de disciplinas diferentes para serem postados na rede social. Assim, é possível encontrar todo tipo de conteúdo produzido por professores renomados e com metodologias diversas.

Ressaltamos, porém, que um vídeo postado por professores não assegura que o pesquisador irá encontrar apenas aulas interativas, dinâmicas, criativas e com didática diferenciada, pois muitas vezes é possível, ao fazer uma pesquisa, se deparar com aulas do tipo expositiva e com pouca criatividade. Os vídeos postados nos sites de rede social não são, pois, garantia de aula diferenciada, pois o professor é responsável por montar a sua didática e fazer o diferencial, uma vez que a tecnologia sozinha não desenvolve o formato de apresentação.

Para compartilhar o conteúdo produzido, seja ele um vídeo de curta ou de longa duração, é necessário que o internauta crie uma conta. Depois do sucesso do Youtube, ele foi comprado pela *Google*, razão pela qual se necessita fazer uma conta de acesso através do gmail. Todos os conteúdos postados no Youtube são separados por categorias. Qualquer pessoa que possua uma conta no Google poderá desenvolver um canal e dispor de todas as possibilidades oferecidas pelo Youtube. No canal, é possível desenvolver sua autoria por meio de vídeos que podem ser também compartilhados em outras redes sociais na internet. Na figura 2 visualiza-se o canal da pesquisadora.

Figura 2 – Canal da pesquisadora no Youtube



Fonte: Captura de tela da página inicial da pesquisadora no site Youtube (2017).

Um diferencial do Youtube é que, ao fazer uma pesquisa e visualizar vídeos específicos de seu interesse, o próprio sistema vai desenvolvendo o perfil do internauta, baseando-se nas suas preferências, e, posteriormente, a rede envia propagandas e vídeos relacionados às categorias mais visualizadas anteriormente que possam interessar ao usuário.

Uma sugestão que consideramos importante no ato de uso e busca de informação no Youtube é a de sempre selecionar vídeos não por quantidade de curtidas, pois a quantidade de visualização, curtidas e comentários não definem a qualidade e a confiabilidade da informação, mas pelos seus idealizadores, buscando aqueles que são apresentados por especialistas, mestres e doutores da área pesquisada. Quanto maior o grau de formação da pessoa organizadora do canal, maior é a possibilidade de termos conteúdos mais confiáveis.

Outra dica importante para quem irá produzir o seu canal, desenvolver sua autoria e postar suas produções é dar prioridade a vídeos mais curtos e atrativos, com uso de técnicas e linguagens variadas, com estímulos sonoros e imagéticos, pois quanto mais atrativo, maior a chance de ter grande número de acessos. É importante também possuir uma regularidade nos dias e horários das postagens, pois essa técnica gerará expectativas relacionadas aos próximos vídeos.

A rede social Youtube vem se destacando desde o início de sua criação por ser uma fonte inesgotável de informação, dispondo de todo tipo de conteúdo, seja ele educacional, comercial, social, entre outros. Trata-se de uma referência potencial, em vários níveis da economia, pois atende às demandas do mercado, sejam elas de turismo, moda, beleza, transporte entre outros. O Youtube apresenta grande potencial de negócios, pois permite a organização de *merchandising* de todo e qualquer tipo de produto, possibilitando assim, maior monitoramento e servindo ainda para avaliar a concorrência e montar estratégias para superá-la, além de alavancar as vendas e atingir patamares mais elevados de qualidade.

Outro aspecto importante e de destaque desta rede social, que se faz indispensável citar, refere-se à relevância que tem dado às pessoas que antes seriam anônimas. O Youtube social vem promovendo pessoas que eram desconhecidas nas mídias sociais e que passaram a fazer sucesso e ter destaque entre o público, por meio de suas publicações, sejam de moda ou dicas de beleza, em um processo de reconhecimento que muitas vezes ultrapassa os limites nacionais. Esse sucesso leva a convites para participação em programas de rádio e TV e ao ganho financeiro com a publicidade impulsionada pelas curtidas e aceitação na rede.

Surge então o movimento dos vídeos *bloggers*, termo popularmente atribuído às blogueiras e aos blogueiros que, por meio de publicações feitas em blogs e transmitidas na rede

social Youtube, passam também a promover a expansão da rede de relacionamentos, servindo como fonte de marketing pessoal para outros internautas. Essas pessoas utilizam a rede social não somente para apresentar dicas, tendências e opiniões sobre o mercado da moda e os produtos que são lançados, mas também para promover a imagem pessoal em busca de destaque na categoria escolhida para produzir e publicar, adquirindo, conseqüentemente, a popularidade e fama almejada, junto a ganhos financeiros. Quem antes era desconhecido passa a ser conhecido, graças à dimensão e expansão rápida da informação.

Qualquer indivíduo, para qualquer fim, pode utilizar sites como o Youtube para ter acesso às mais diversas informações. O grande problema dessa rede social deve-se à dificuldade para fazer qualquer tipo de censura, uma vez que os vídeos postados partem de múltiplas fontes. Dessa forma, deve-se ter cuidado com a veracidade do que se lê, vê ou escuta na internet, pois, na maioria dos casos, não há uma avaliação prévia dos conteúdos por algum órgão de controle antes do compartilhamento.

Essa rede social apresenta não somente potencial de negócios, mas também potencial educacional, já que nela está disponível todo tipo de tutoriais e resumos referente aos mais diversos conteúdos. Assim, é possível encontrar vídeos no Youtube sobre tudo que se imaginar e necessitar, contexto no qual se inserem as diferentes disciplinas escolares, com vídeos que vão dos mais simples ao mais complexos, destinados tanto a intelectuais quanto a leigos.

Com o lançamento da rede social Youtube, o Brasil tornou-se o segundo país a receber o projeto para a implantação de um portal exclusivo de educação dentro de seu ambiente. Os Estados Unidos ganharam uma página com conteúdo selecionado por instituições de ensino em 2009. Esses portais apresentam uma variedade de conteúdos de todas as disciplinas.

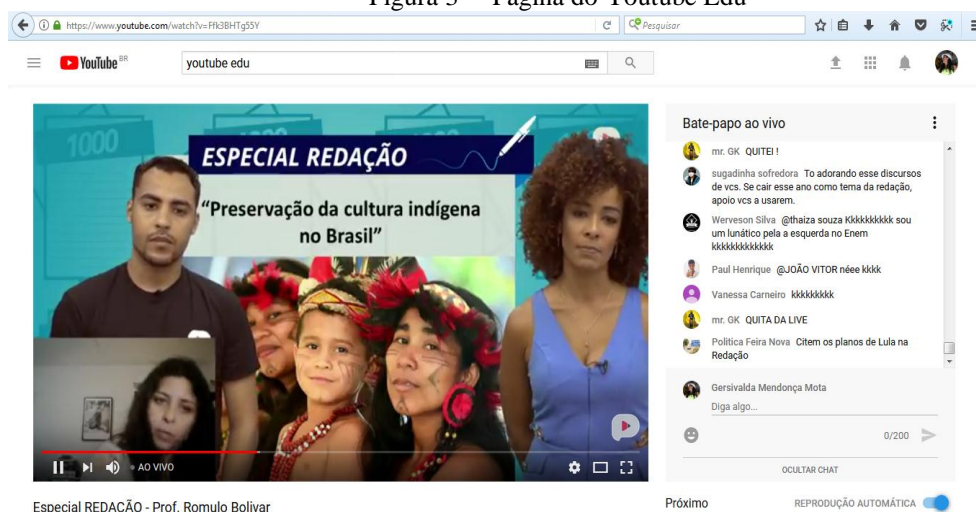
O Youtube apresenta vários canais considerados de excelente qualidade, disponibilizando conteúdos variados. Contudo, é necessário fazer uma boa pesquisa e saber selecioná-los, dando preferência para as pessoas especializadas e renomadas na área pesquisada. Conhecer a vida profissional de quem publicou o vídeo é uma ótima sugestão na hora de escolher o material. Alunos, professores e até mesmo empreendedores que trabalham com plataformas educativas têm à disposição no Youtube uma seleção pronta de aulas que podem ser assistidas em casa ou visualizadas em sala de aula.

Ao observar algumas aulas disponíveis no portal Youtube Educação, percebe-se que os vídeos apresentam uma série de conteúdos e informações, porém, observa-se que as aulas são, em boa parte, do tipo expositivas, numa didática tradicional, sem inovações na maneira de trazer o conteúdo. Isso mostra que a tecnologia sozinha, apesar de seu potencial, não trará tanta

modificação na maneira de ensinar e aprender, cabendo ao professor saber selecionar os conteúdos adequados para cada disciplina e série específica.

A figura 3 mostra um exemplo de aula mais interativa, com a participação de apresentadores, professores e público, que discutem e pontuam suas opiniões sobre o tema proposto. Nela, verificamos várias pessoas interagindo, postando suas opiniões a respeito do conteúdo. Essa aula, por permitir a participação direta e ao vivo do público por meio de um bate-papo, torna-se mais dinâmica, pois há efetiva movimentação dos participantes. Ressaltamos que o uso do recurso tecnológico na sala de aula não garante a interatividade; é a escolha da didática utilizada pelo professor ao criar, cocriar ou selecionar um vídeo que fará a diferença. Uma aula pode possuir o uso de recurso tecnológico e não ser atrativa, ou apresentar um formato tradicional de exposição somente.

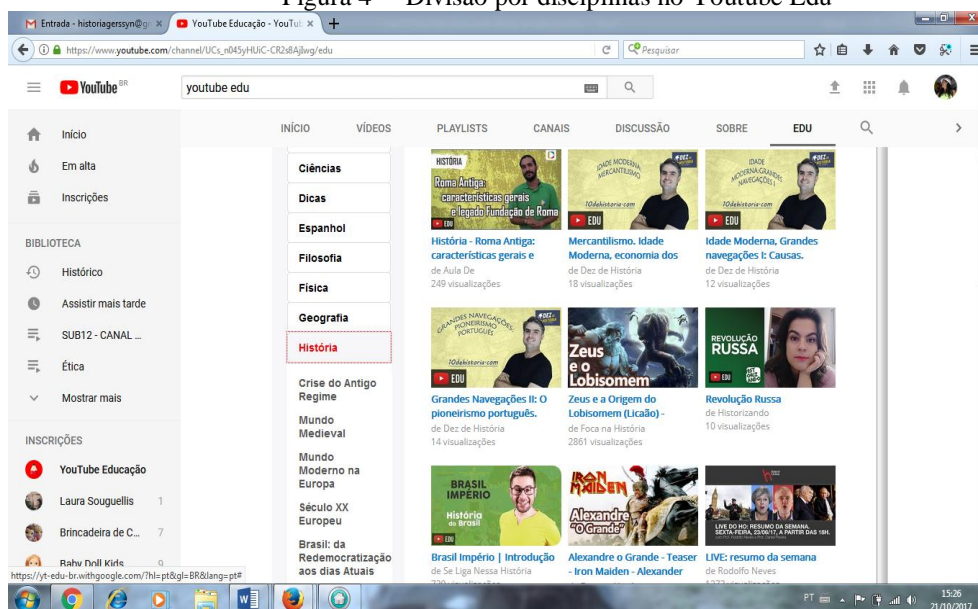
Figura 3 – Página do Youtube Edu



Fonte: Captura de tela do site Youtube (2017).

O Youtube Edu dividiu os vídeos postados não apenas por matérias (Biologia, Física, Português, Matemática e Química), mas também por assuntos. Assim, o internauta pode selecionar os temas das disciplinas que mais interessam. Por enquanto, são cerca de cinco temas por cada matéria. Assim, quem estiver interessado em aprender mais sobre Biologia, pode selecionar os vídeos aulas sobre genética, saúde, ecologia, seres vivos ou evolução da vida.

Figura 4 – Divisão por disciplinas no Youtube Edu



Fonte: Captura de tela do Youtube (2017).

Quando acessamos as nossas redes sociais, estamos desenvolvendo um rastro, como afirma Recuero (2009). Este se refere à caminhada que fazemos dentro da rede, os passos são os sites e links que visitamos. Dentro da rede social Youtube são produzidos dados que são lançados pelos utilizadores, os quais são elaborados com base nas buscas feitas anteriormente. Isso acontece porque as redes sociais criam um banco de dados através dos quais é possível fazer um mapeamento do internauta, e, aos poucos, por meio da sua interação na rede, é desenvolvido o perfil de cada internauta mediante a identificação dos conteúdos de maior interesse. Diante desse cenário dinâmico, podemos imaginar a quantidade e a variedade de dados que é gerada e armazenada diariamente pelos internautas em uma rede social. Tudo isso é fruto da própria interação na rede e, por meio desses dados, as empresas de marketing expõem os seus conteúdos baseados no interesse das buscas feitas pelos internautas.

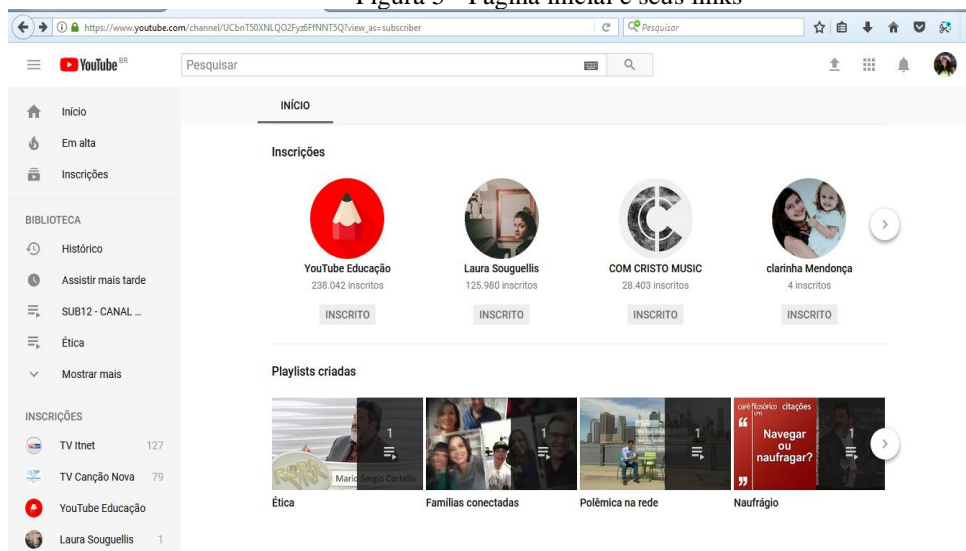
Recuero (2009) cita a importância e a disponibilidade desses dados para o mapeamento e o desenvolvimento de pesquisas direcionadas para o campo da educação; esse é um ponto positivo dos dados e rastros deixados na internet, pois eles produzem cultura. Assim, o Youtube desenvolve agentes inteligentes.

Para Schneider (2002), um agente inteligente é um *software* que processa tarefas para o utilizador do Youtube e, à medida que é executado, vai aprendendo as preferências do usuário. O agente viaja no ciberespaço e pode se copiar em muitos computadores da rede, para poder executar os seus serviços. O agente também possui autonomia de trabalho e tem autoridade para tomar decisões por seus donos. Assim, para nos servir melhor, os agentes são suficientemente inteligentes a fim de nos observar e aprender os nossos hábitos e preferências.

Ainda segundo Schneider (2002), para que o agente tenha o comportamento desejado, ele deve possuir algumas propriedades, entre elas: a) Autonomia - É desejável, ao agente, possuir um certo grau de autonomia; b) Personalidade - O objetivo de um agente é ajudar a realizar suas tarefas com mais eficiência e menor esforço; c) Conversação - Para que se delegue poderes a alguém é preciso confiar nesse alguém! Mas a delegação implica em riscos e o agente pode errar. Assim, deve prevalecer o bom-senso, fazendo-se um balanço entre confiança e riscos, baseando-se nas atividades que o agente irá assumir no domínio de interesse do problema; e) Domínio de Interesse - O domínio de interesse é importante quando se avalia a questão confiança/risco; f) Gradiente de Degradação - Quando ocorrer perda de comunicação entre o agente e o usuário, o agente deve exibir uma degradação suave; g) Cooperação - A relação existente entre o agente e o seu dono deve ser de cooperação: o utilizador determina quais ações devem ser executadas pelo agente e este lhe informa o que é possível fazer e vai fornecendo os resultados; h) Antropomorfismo - O agente aprende a ordem de classificação somente através das ações, não precisa possuir comportamento humano; i) Expectativas - Sempre que duas entidades interagem (humanas ou cibernéticas), a interação progride sempre que a expectativa de uma das partes for satisfeita.

Na rede social Youtube, o internauta tem a opção de desenvolver uma *playlist*, ou seja, uma lista de vídeos que assistiu, curtiu, gostou do conteúdo e resolveu postar em seu canal. Nesse link, todas as pessoas que tiverem acesso ao seu canal também terão acesso ao conteúdo selecionado e nomeado, pois é possível atribuir um tema específico a essa postagem.

Figura 5 - Página inicial e seus links



Fonte: Captura de tela do site Youtube (2017).

No Youtube, a pessoa que possui a própria conta poderá também desenvolver variados vídeos, criar temas específicos e postar no seu canal. É importante recordar que essa rede social permite compartilhar vídeos maiores e mais curtos. Nesta conjuntura, o professor, ao criar seu canal, poderá postar as tarefas feitas na escola e fora dela, tais como: projetos desenvolvidos, visitas, paródias elaboradas por alunos, apresentações feitas na escola, enfim, no Youtube ele pode fazer seu vídeo e divulgar o próprio trabalho, compartilhando-os com seus alunos, os quais poderão acessar, curtir, comentar e também compartilhar em outros canais.

Diante dessa possibilidade de criar vídeos e compartilhá-los, o professor pode articular diversas reflexões sobre o assunto do vídeo selecionado, propondo ao aluno que ele assista e dê o seu parecer e suas impressões, atribuindo seu ponto de vista e propondo novas ideias para tarefas posteriores, podendo desenvolver uma interação fora dos espaços da escola e não apenas nela.

Ao entrar na página inicial do Youtube o utilizador terá acesso a uma lista de vídeos recomendados. Essas recomendações são mapeadas pelo próprio sistema de acordo com a *hashtag* selecionada, cujo rastreamento é feito pelo próprio sistema. A maior parte dos vídeos que aparecem nesta lista estão associados aos conteúdos do interesse do internauta. Porém, isso não impede que outros conteúdos diferentes apareçam. Algumas pessoas produzem vídeos e os caracterizam com nomes diferentes do proposto, ou seja, o conteúdo nem sempre condiz com o título.

É possível também, através do link inscritos, verificar todos os canais que o internauta está seguindo. A qualquer momento o internauta pode excluir e adicionar pessoas a sua lista. Ao clicar em um ícone representando um pequeno sino ao lado do nome inscrito, o internauta poderá ativar a possibilidade de receber notificações das postagens do canal inscrito e, assim, poderá se manter informado de todas as postagens de conteúdo do seu interesse.

Outro link oferecido ao internauta é o 'em alta'. Nele, é possível verificar os vídeos que obtiveram maior quantidade de visualizações no período de 24 horas, a partir do momento em que foi publicado. Esses vídeos devem ter sido visualizados por no mínimo três mil pessoas. É importante ressaltar que a partir de três mil visualizações, independente de ter sido curtido, comentado ou compartilhado, o internauta do canal passa a ganhar pela sua postagem. As visualizações não servem para avaliar o produto, pois muitas vezes são conteúdos divertidos, sem muita importância, mas que chamam a atenção do público da rede.

Algo também muito comum nesses sites de redes sociais é a criação de perfis falsificados. Isso acontece quando uma pessoa, se passando por outra, com idade e endereço fictícios, mantém a rede de forma inverídica. Devido à criação desses canais falsificados, é

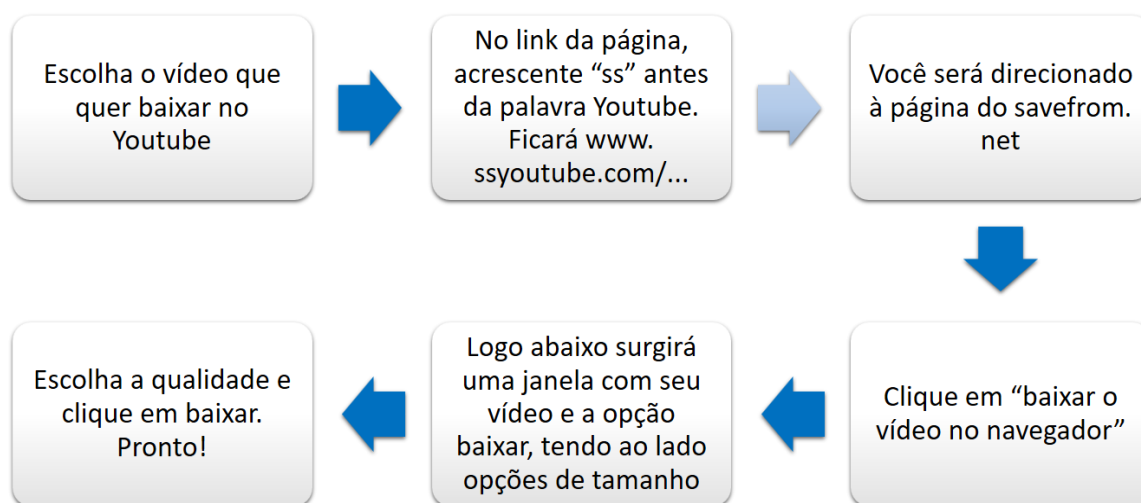
importante ter cuidado ao selecionar um canal, pois, se for falso, a possibilidade de as informações lá contidas serem falsas é muito grande.

Desta forma, é importante reforçar que nem tudo o que é bastante visualizado tem como garantia a qualidade. Ao fazer uma pesquisa direcionada para área de educação é essencial buscar canais de professores reconhecidos na área, verificar seu currículo, suas publicações e a credibilidade que ele possui. Outra maneira de verificar a qualidade do produto é analisar os comentários que são feitos abaixo. Os comentários funcionam como avaliação prévia do público e nos dá uma perspectiva do produto postado.

O professor, ao selecionar os vídeos com finalidades pedagógicas, deve ter alguns cuidados, tais como: observar os comentários para ver a seriedade da postagem; verificar o canal, geralmente sugestivo para sua área específica; verificar a originalidade e a regularidade das postagens; analisar o domínio do assunto e a segurança passada pelo professor; verificar o canal, orientar os alunos para não confiar em qualquer canal, auxiliando-os a selecionar os conteúdos, sugerindo os canais mais confiáveis; desenvolver um projeto pedagógico para a unidade; promover a socialização.

Assim, o professor deve orientar os alunos para que façam as melhores escolhas, visando resultados positivos e produtivos da aprendizagem, indicando aqueles adequados à sua faixa etária e série. Assim, ao explorar, pesquisar e analisar as possibilidades oferecidas pelo Youtube, o professor estará inovando em sua prática, promovendo maior interação entre os alunos, tornando-os ativos em todo o processo. Trata-se de uma aprendizagem horizontal, onde alunos e professores interagem e produzem e cujo conhecimento acontece de forma descentralizada, através da aprendizagem compartilhada e colaborativa. É importante pensar no conteúdo, adequar ao perfil do aluno e no tempo necessário, a fim de não tornar cansativo e, por isso, menos atrativo. É importante também ensinar aos alunos como baixar vídeos para visualização daqueles que não possuem internet em casa.

Figura 6 – Tutorial para baixar vídeo no Youtube



Fonte: Criado pela pesquisadora no SmartArt do PowerPoint

Verifica-se que a rede social Youtube oferece aos professores e aos alunos uma série de opções e de conteúdo. É possível, por meio desse dispositivo, desenvolver diversas atividades pedagógicas, de acordo com a intenção do professor, dentro de uma proposta pedagógica e com planejamento consistente. São inúmeros os vídeos existentes no Youtube com conteúdos dos mais variados, necessitando apenas de alguns critérios, conforme citados anteriormente, para selecionar o que é mais adequado para cada realidade, série ou escola.

2.3 Possibilidades das redes sociais da internet para a educação

O mundo contemporâneo vem nos confrontando diariamente com infinitas facilidades e possibilidades, levando-nos, quase que automaticamente, a novos ensinamentos e, através desses, surgem novos desafios e paradoxos, os quais merecem ser refletidos e pontuados.

Augé (2010) aponta alguns desses paradoxos, sendo que o primeiro deles é o espaço temporal, pois percebemos que a medida do tempo e do espaço mudaram, o espaço terrestre se reduz e o tempo humano se acelera, podendo ser essa oposição definida como a quebra do binômio tempo/espaço. O segundo paradoxo diz que a aparição desse novo tempo e espaço consagra a perenidade do presente, como se a aceleração impedisse de perceber o movimento, e a instantaneidade das mensagens não permitisse ousar imaginar o futuro. O terceiro seria a urbanização e a uniformização do mundo, a chamada globalização, mediante a circulação

ininterrupta dos bens, mensagens e dos próprios homens. Um quarto paradoxo versaria sobre a intensificação da separação econômica entre os países mais ricos e os mais pobres. O quinto seria o domínio do conhecimento, o aumento do fosso entre a elite do saber e os que não conseguem acessá-lo. Surgem assim novas fronteiras e barreiras que precisam ser eliminadas e repensadas.

Apesar dos paradoxos apontados, ainda temos várias possibilidades promovidas pelo uso das tecnologias. Lévy (1999) apresenta uma visão otimista em relação ao uso social, econômico e educacional da internet, entretanto, não promete que a internet resolverá, como mágica, todos os problemas culturais, sociais e educacionais do planeta. Ele chama a atenção para os conteúdos expostos na rede, afirmando que nem tudo nesses espaços é bom e, com esta reflexão, nos convida a sermos abertos, benevolentes e receptivos em relação ao novo, pedindo ainda que não sejamos nem contra nem a favor das novidades, mas que reconheçamos as mudanças qualitativas, as potencialidades e possibilidades oferecidas pelos ciberespaços. Sabemos que a internet vem modificando as relações entre os indivíduos, contudo, é importante ressaltar que é o homem que, por meio do uso da tecnologia, desenvolve novos arranjos com práticas diferenciadas e inovadoras.

O referido autor considera interessante entender que o crescimento dos ciberespaços resulta da interação de jovens ávidos e cada vez mais aptos para experimentar coletivamente, criar e compartilhar informação, em ações propiciadas pelas novas formas de comunicação, diferentes das clássicas. Nesse sentido, compreende-se o surgimento de um novo universo, diferente das formas culturais anteriormente existentes.

No campo educacional, Lévy cita a mutação do saber, sendo que a primeira constatação se refere à velocidade e à renovação do saber. Ele afirma que, pela primeira vez na história, a competência adquirida na carreira torna-se obsoleta no final da profissão, o que exige a necessidade de estarmos sempre em transformação e dispostos a aprender, criar, inventar e reinventar o tempo todo. Pois, neste contexto, entende-se que com o crescimento das tecnologias digitais, as mutações são rápidas e o progresso contínuo, imprimindo a necessidade de sempre buscar aprimoramento.

Diante da mutação do saber e da velocidade dessa mutação e frente às possibilidades oferecidas pelos sites de redes sociais da internet, é importante destacar a necessidade indispensável da formação docente, pois se o docente não se sentir capacitado e seguro para utilizá-las, as redes sociais da internet continuarão sendo utilizadas para que foram pensadas inicialmente: para interação e comunicação apenas.

Ainda para Lévy (1999), os ciberespaços suportam tecnologia intelectual, possuindo a capacidade de amplificar, exteriorizar e modificar funções cognitivas como memória, imaginação, percepção e raciocínio, favoráveis às novas formas de acesso à informação, novas formas de raciocínio e de conhecimento, contribuindo para potencializar a inteligência, mediante o surgimento de novos espaços de conhecimento emergentes, abertos, contínuos, em fluxo e não lineares.

Tem-se, desse modo, que o essencial se encontra em um novo modelo pedagógico que favoreça uma aprendizagem personalizada e coletiva em rede, na qual o professor assume o papel de coordenador da aprendizagem, ou seja, daquele que conduz para caminhos antes desconhecidos, estando centrado no acompanhamento e na gestão da aprendizagem. Lévy (1999) não exclui a importância do professor, mas redireciona sua função dentro do mundo contemporâneo e tecnológico, a partir do papel de mediador, daquele que articula, direciona, auxilia, promove ideias e sugere coisas.

É importante destacar que a tecnologia apresenta uma série de recursos e acessórios que permitem várias possibilidades, mas não executa tudo sozinha. Enquanto profissionais da educação, devemos estar abertos às possibilidades oferecidas pelos ambientes virtuais de ensino e aprendizagem. A não aceitação desta realidade não irá impedir que ela faça parte da de nossas vidas, uma vez que já está inserida em nosso contexto histórico, social e também cultural. Isso porque os sujeitos vivem atualmente em um novo contexto no qual a tecnologia é elemento do cotidiano, o contexto digital, que se dá a partir da utilização constante das redes sociais para produzir, curtir, comentar e compartilhar não somente assuntos de entretenimento e informação, mas também aqueles com finalidades pedagógicas.

É visível que, no transcorrer dos últimos anos, como foi embasado anteriormente, percebemos que as escolas não estão acompanhando as transformações sociais no que tange às tecnologias. Trata-se de um contexto que contribui para a possibilidade de choque entre as gerações no ambiente escolar, já que são duas realidades distintas no mesmo ambiente e, inevitavelmente teremos aqueles que usam a tecnologia e nasceram imersos nela e os que não têm muita facilidade em usá-la, não se sentindo motivado em aprender e utilizar em sua prática. Diante da potencialidade promovida pelo uso da tecnologia, seria compreendido como desperdício ‘abrir mão’ da utilização dos recursos disponíveis em prol de uma prática educacional que favoreça a aquisição de informação e conhecimento em tempo real.

É importante destacar que as redes sociais da internet não são reprodutoras do que ocorre em sala de aula nem reprodutoras do livro didático. Cabe ao professor desenvolver um material criativo, pois a rede social por si só não assegurará tal característica. Conforme afirmam

Vermelho, Velho e Bertoncello em seu artigo ‘Redes Sociais Digitais: Possibilidades de Aprendizagem nas Redes’ (2015), elas não foram pensadas como espaço de reprodução das aulas e do livro didático, mas espaço onde circulam materiais que possibilitam ao sujeito a interação e, sobretudo, o compartilhamento com os demais.

Conforme Pretto (1994), nessa conjuntura da cibercultura, um novo campo se amplia, induzindo os educadores a pensarem em novos papéis para a educação e em particular para a escola. Segundo o autor, não basta simplesmente colocar os velhos conteúdos e as velhas formas de ensinar nos novos meios de transmissão de informações, como se esta ação bastasse para garantir que estamos promovendo transformações no sistema educacional. Nessa perspectiva, é possível afirmar ser perceptível o seu uso dentro da instituição de ensino, apesar de ocorrer de forma tímida. As redes sociais possibilitam o surgimento de novos ambientes de multiplicação para práticas dos professores e vêm sendo consideradas por muitos educadores e pesquisadores como um grande recurso para ser utilizado na educação, pois permite uma variedade de condições e possibilidades.

Conforme Cardoso, (2011, p. 105), “o professor poderá ser capaz de conferir utilidade oferecida e disponíveis em rede social da internet e, por conseguinte, contribuirá para elaborar conteúdos variados, agradáveis e criativos”. Para alguns, utilizar a rede pode ser difícil, mas para outros professores trata-se da oportunidade de oferecer ao aluno uma aprendizagem interativa. Entretanto, elas por si só não garantem a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. A atuação de um professor com competências adequadas para utilizar esses recursos é muito importante e necessária, pois, como afirma Pretto (1994), não podemos pensar que incorporar os novos recursos da comunicação na educação seja uma garantia de qualidade do processo, nem que o aluno irá aprender. Não podemos ter a ideia pura e simples de que esta ação promove uma nova educação e uma nova escola para o futuro. Ao contrário, podemos perceber que esta incorporação vem ocorrendo basicamente numa perspectiva instrumental, com a introdução de novos elementos a velhas práticas educativas. Precisamos, de fato, de uma integração mais efetiva entre a educação e a comunicação, o que só se dará se estes novos meios estiverem presentes nas práticas educacionais.

Desse modo, destaca-se que não basta inserir a tecnologia na sala de aula, é necessário pensar em práticas mais interativas e no patamar das possibilidades oferecidas pelas redes sociais. Este processo, porém, não ocorrerá se antes não nos debruçarmos em novas reflexões sobre as possibilidades das redes sociais da internet para a educação.

Lucena (2012) afirma que, no campo educacional as mudanças ocorrem em ritmos mais desacelerados se comparado ao campo tecnológico. A escola do século XXI ainda possui

práticas pedagógicas baseadas no modelo educacional utilizado no século XVIII, quando o professor era considerado o mestre e o único que detinha o conhecimento transmitido aos alunos, quase sempre por meio do seu falar/ditar. Agindo desta forma, dentro da lógica da distribuição, a escola se fecha para as transformações sociais e culturais que estão ocorrendo na sociedade contemporânea, criando um abismo entre o mundo da escola e o mundo da vida cotidiana.

Por meio da rede social da internet, tanto professores quanto alunos podem dispor de todo tipo de material, sejam eles sociológicos, históricos e filosóficos, além de conteúdos dos mais renomados escritores nacionais e internacionais. Todo tipo de material está disponível a qualquer hora e em qualquer lugar, necessitando apenas de uma conexão em rede e de habilidades de pesquisa. Contudo, a escola não deixa de ser parte fundamental para a formação de um indivíduo e nunca será substituída, entretanto, precisa se adaptar às transformações sociais, utilizando os ciberespaços, sempre que possível

Isso porque, conforme Libâneo (2002), a escola é parte essencial na formação do cidadão e por isso deve fornecer os princípios básicos da preparação para o mundo do trabalho, da formação da cidadania crítica, da participação social e da formação ética. A escola não é mais uma agência onde exclusivamente se dá a transmissão de conhecimento, precisa ser repensada. Por essa razão, o autor entende que a transformação da escola depende da transformação da sociedade, pois a organização socioeconômica interfere no trabalho escolar e em seu rendimento, devendo ser a escola um lugar de análise crítica. Para o autor, o professor do mundo contemporâneo deve assumir o ensino com práticas diferenciadas, através de estratégias que o levem a ensinar e a aprender, promovendo uma compreensão crítica dos conteúdos com capacidade comunicativa para reconhecer o impacto das novas tecnologias de comunicação e informação.

As mudanças nas esferas sociais e econômicas promovidas pela era da informação necessitam resultar também em mudanças profundas nas estruturas das bases educacionais, de modo a ampliar as possibilidades de expressão, onde cada um pode se colocar de acordo com sua cultura e seu contexto. É necessário um modelo educacional que possibilite estimular o senso crítico e reflexivo, sendo o aluno mais ativo, aprendendo a aprender e reaprender, construir e desconstruir, dando sentido à aprendizagem. O papel do professor, para Libâneo (2002), passa a ser o daquele que orienta, que oferece estímulos e objetos a serem experimentados, proporcionando a aprendizagem.

Embora os sites de redes sociais apresentem possibilidades de uso para a educação por meio da adaptação desenvolvida pelo próprio internauta, é importante destacar a figura do

professor. Para Souza (2015), a relevância de se desenvolver o ensino na rede social da internet se dá, principalmente por sua capacidade de romper barreiras, reafirmando a aprendizagem que pode ocorrer em lugar e em espaços variados e em todo tempo, não exclusivamente em sala de aula. Portanto, faz-se necessário inserir de forma adequada e produtiva a tecnologia na educação como suporte e apoio para a aprendizagem, possibilitando a ampliação da comunicação, bem como do aprendizado de modo mais significativo.

Nas últimas décadas vem crescendo o número de pesquisas que discutem a utilização das (TDIC) nas práticas pedagógicas dos docentes. A ampliação das pesquisas está associada às propostas de inserção das tecnologias no ambiente escolar, direcionadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, por intermédio do Ministério da Educação e Cultura (MEC), atreladas também às políticas públicas de inserção das tecnologias na sala de aula, a exemplo do projeto do Governo Federal intitulado “Um Computador por Aluno (PROUCA)” e do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (PROINFO), sendo este último um programa educacional criado pela Portaria nº 522/MEC, de 9 de abril de 1997, visando promover o uso pedagógico das TDIC nos ensinos fundamental e médio da rede pública. Apesar do entendimento acerca desta realidade, ainda persistem em sala de aula modelos de educação tradicionalistas e amplo desconhecimento sobre as possibilidades oferecidas pelo uso das tecnologias como apoio e suporte para o processo de ensino e aprendizagem, mesmo com as várias políticas públicas de adequação para o uso das TDIC em sala de aula, como o Programa de Informática na Educação. Muitas dessas políticas públicas não possuem continuidade por questões políticas, já que muitos projetos perdem valor quando acaba a gestão de um governante e cuja consequência para os alunos refere-se à privação das possibilidades de novas formas de aprendizagem (BRASIL, 2013).

Diante dessa realidade, nós, profissionais da educação, precisamos estar inseridos nas transformações, buscando desenvolver práticas pedagógicas inovadoras, criativas, capazes de motivar, desafiar, promover o ato reflexivo e o desenvolvimento do senso crítico, possibilitando o progresso do aprendizado dos alunos, utilizando os dispositivos tecnológicos como suporte para a promoção da aprendizagem. A inserção das TDIC na escola pode ser vista como oportunidade para mudar o modelo educacional vigente.

Com o advento tecnológico, a comunicação tornou-se mais fácil, os alunos de hoje vão para as salas de aulas com bagagem antes nunca vista, são mais ativos, participam do processo de ensino e aprendizagem, visto que a internet permite maior acesso às informações. A sociedade atual tem por características a rapidez de informações e o avanço constante de novas tecnologias. Para Santaella (2003, p. 18), “o que mais impressiona não é tanto a novidade do

fenômeno, mas o ritmo acelerado das mudanças tecnológicas e os consequentes impactos psíquicos, culturais, científicos e educacionais que elas provocam”.

Dispomos atualmente de vários meios para conseguir informações, pois além das redes sociais podemos citar os *blogs*, as revistas eletrônicas, os sites que disponibilizam *download* de livros, os infográficos, as bibliotecas *online*, dentre outros. A sociedade de hoje é mais informada e dispõe de conteúdos de forma mais facilitada graças ao universo tecnológico. Entretanto, é necessário ter o cuidado para verificar a informações confiáveis.

As mudanças tecnológicas tornaram-se algo natural, principalmente quando voltadas para as novas formas de comunicação, onde tudo ficou mais fácil, inclusive as relações sociais e econômicas que ganharam novos perfis, graças à quebra do binômio tempo e espaço, fazendo com que as pessoas se aproximassem por meio das relações pessoais em rede e tornando os espaços líquidos através dos aparelhos móveis.

Sendo assim, para haver, de fato, relevância no ato de aliar as práticas de ensino às redes sociais, Souza (2015) afirma que é preciso romper barreiras tradicionais da educação e reafirmar a aprendizagem que pode acontecer em espaços variados e a todo o tempo, não sendo exclusivamente na sala de aula. Ela afirma ainda que o desafio dos sistemas educacionais reside em desenvolver estratégias que integrem as necessidades educacionais e os novos papéis que se revelam no cenário escolar para estudantes e professores, especialmente para estes últimos, pois necessitam da preparação e abertura necessárias para desenvolver estratégias de aprendizagem que os complementem. Desse modo, o foco deve estar na forma como professores e alunos ensinam e aprendem, de maneira formal ou não, considerando também de que modo as redes sociais podem ser utilizadas na formação do professor.

3 CRIAR E COCRIAR COM O YOUTUBE NA EDUCAÇÃO

Para ocorrer a passagem do velho modelo de escola para uma nova escola, com futuro, torna-se necessário observar atentamente alguns aspectos da atual estrutura educacional. Um desses aspectos, certamente, é promover uma revisão urgente na formação dos professores e no papel das universidades públicas nessa área. A viabilização desta nova escola, portanto, exige trabalhar na formação dos novos professores, porque só assim poder-se-á chegar mais perto dos alunos (PRETTO, 1994, p. 140).

Nessa seção apresentamos a abordagem metodológica desta investigação, bem como os sujeitos participantes da pesquisa e a análise das informações levantadas após o desenvolvimento da atividade de campo da pesquisa.

3.1 Abordagem Metodológica: A pesquisa-formação

Ao desenvolver uma pesquisa-formação, é necessário que o pesquisador percorra um caminho que o leve a descrever, narrar, interpretar e compreender o outro, o fazer do outro e com o outro, permitindo-se aprender com a realidade vivenciada e com as experiências cotidianas. Uma via de mão dupla, em que o ator social e suas ações socioculturais possam ser analisados e se tornem parte fundamental de uma investigação.

Toda a caminhada desta pesquisa foi sendo construída desde o processo investigativo, não abrindo mão da consciência que levasse ao rigor e a cientificidade. Desse ponto de vista, levou-se em consideração alguns questionamentos, tais como: Quais as características e os pressupostos de uma pesquisa na formação docente? Quais os caminhos a percorrer? Essa caminhada nos levou a compreender a pesquisa-formação como caminho (método) de se fazer esta pesquisa.

Decidimos por desenvolver uma pesquisa-formação que tem as mesmas bases teóricas na etnopesquisa-formação desenvolvida por Macedo (2009, 2010, 2012, 2015). Essa pesquisa permite a criação de um dispositivo de formação e percebe o sujeito como construtor de cultura quando ele desenvolve a sua própria prática, a sua maneira de pensar e agir. Para essa pesquisa, o sujeito é de fundamental importância, pois pretende estudar seu próprio desenvolvimento e avanços em sua trajetória ou experiências vividas no cotidiano. A escolha da metodologia da pesquisa-formação é justificada pelo fato de que compreendemos que ela se situa numa perspectiva de compromisso e de implicação dos pesquisadores com suas práticas, permitindo mudanças individuais e/ou coletivas.

A pesquisa-formação caracteriza-se como um conjunto de atividades diversas, as quais permitem ao pesquisador e aos sujeitos a transformação da sua prática, mediante a experiência vivenciada no cotidiano. Nessa perspectiva, buscamos fundamentação em Josso:

A mudança oferecida no quadro de uma pesquisa-formação é uma transformação do sujeito aprendente pela tomada de consciência de que ele é e foi sujeito de suas transformações; em outras palavras, a Pesquisa-formação é uma metodologia de abordagem do sujeito consciencial, de suas dinâmicas de ser no mundo, de suas aprendizagens, das objetivações e valorizações que ele elaborou em diferentes contextos que são/foram os seus (JOSSO, 2010, p. 25).

A autora cita a importância da transformação do sujeito, que também ocorre por meio da pesquisa-formação, pois permite laços e contatos com espaços diferentes e conexões com pessoas da mesma área que possuam experiências diversificadas e a troca de ensinamentos variados. Ela cita a importância da consciência do sujeito aprendente em querer se aperfeiçoar sempre, buscando o seu próprio desenvolvimento, o que enaltece a importância desse tipo de pesquisa como contributo para esse desenvolvimento.

Fundamentamos essa pesquisa no contexto de pesquisa-formação de Nóvoa (1995, 1999, 2002, 2009) e Josso (2010), pois entendemos as contribuições dos autores citados para a formação do professor-pesquisador, de modo a não o engessar em rígidas posições teóricas e encaminhamentos metodológicos que o destituam da condição de praticante diante da ação em que se encontra imerso. O pesquisador está inserido em toda a pesquisa como sujeito, a fim de que ele também venha a desfrutar da experiência de toda a atividade desenvolvida, constituindo-se como um indivíduo aprendente.

Na mesma perspectiva, trazemos as ideias de Macedo (2009), o qual afirma que esse tipo de pesquisa valoriza as práticas, o saber-fazer plural, produzido pelos sujeitos autorais e permite sair do instituído para achar o imprevisto, a ousadia produzida pelo sujeito praticante. Ao ir a campo fazer as observações, o pesquisador deve se despir dos seus próprios conceitos e estar aberto ao que está posto por meio das práticas cotidianas dos professores e da realidade.

Após a observação do campo, verificamos que os professores investigados utilizavam o Youtube, entretanto, no decorrer da pesquisa, percebemos que os mesmos não sabiam manusear amplamente todas as possibilidades disponibilizadas por este site, o qual permite que sejamos não só consumidores de informação, mas potencialmente produtores de cultura e de conhecimentos socializados na rede e em rede. Isso porque, conforme Lévy (1999), cada internauta habitante do site de rede social na internet é potencialmente emissor e receptor em um espaço qualitativo diferenciado, não fixo, disposto para participação explorável. Ou seja, o

professor pode ser potencialmente produtor na rede quando desenvolve sua autoria, dispõe da exploração diferenciada e com possibilidades diversas.

Segundo Macedo (2009), os sujeitos de uma pesquisa-formação são ativos em todo o processo de formação, pois desenvolvem uma cultura por meio de seus atos sociais, são instituídos da ordem sociocultural, são construtores ativos, nos direcionam para outras possibilidades. Ainda de acordo com este autor, os sujeitos são peças importantíssimas para caracterizar a pesquisa, sendo cada fala de extrema importância, pois produzem sentidos e significados. Sem o sujeito, sem a sua voz, seria impossível desenvolver uma pesquisa-formação.

Nesse sentido, esta investigação apresentou-se como uma caminhada em conjunto com outros em busca do ponto de vista do outro para interpretar suas realizações. Para Macedo (2010), as formas de construção de conhecimentos originadas da vida do cotidiano escolar são significativas para pensar, dado o conjunto de interpretações que as pessoas compartilham e que, ao mesmo tempo, fornecem os meios e as condições para que essas interpretações aconteçam.

Macedo (2010) enfatiza que, nesse tipo de pesquisa, os atores sociais instituintes da ordem sociocultural a ser compreendida não falam pela boca da teoria ou de uma estrutura fatalística; suas ações e suas racionalidades são percebidas como estruturantes, em meio às estruturas socioculturais que, em muitos momentos, recursivamente, os configuram.

Desse modo, o pesquisador é ativo em todo o processo, sendo objeto e sujeito da pesquisa. Assim, ao mesmo tempo, reflete a própria prática e aprende, conforme desenvolve a pesquisa. Ou seja, aprende enquanto pesquisa e pesquisa enquanto aprende. Esse momento é muito importante para que o professor tenha contato com outras práticas e experiências, as quais podem servir de ensinamentos para que, posteriormente, ele venha a atuar de maneira a seguir, ou não, os exemplos vivenciados. Trata-se de um momento de aprendizagem e reflexão de suas ações e práticas (MACEDO, 2010).

Pretende-se trilhar a pesquisa embasados nos fundamentos de “um rigor outro” que consiste em problematizar, questionando as formas de pensamentos constituídas e normatizadas. Para Macedo (2009), fazer pesquisa com “um rigor outro” coloca o pesquisador na formação experienciada, numa mútua relação entre os saberes científicos, as práticas e seus entrecimentos ou hibridismo, mediante o cultivo de uma epistemologia plural, crítica e emancipacionista, dando ênfase aos saberes outros: os saberes não acadêmicos, as experiências e o cotidiano.

Essa forma de fazer pesquisa permite a construção de dispositivo ou dispositivos para serem desenvolvidos junto aos sujeitos da investigação. Por dispositivo, Ardoino (2003, p. 80) define “uma organização de meios materiais e/ou intelectuais, fazendo parte de uma estratégia de conhecimento de um objeto”. Ou seja, entendemos que dispositivo é tudo aquilo que produzimos, criamos ou cocriamos para melhor conhecer e interagir com os sujeitos e objetos da pesquisa. Nesta pesquisa, um dos dispositivos utilizados foi o desenvolvimento de uma oficina destinada aos professores da educação básica de Itabaiana, Sergipe, cuja experiência será posteriormente relatada.

A partir do desenvolvimento da oficina, foi possível construir experiências por meio do próprio ato de produzir e pesquisar. Esse formato de pesquisa se afasta dos padrões positivistas e convencionais de fazer pesquisa, mas não deixa de possuir rigor científico no levantamento e interpretação dos dados levantados.

A experiência dos atores sociais possui legitimidade própria, pois as pessoas produzem suas ordens sociais, de onde brotam saberes e experiências. Ou seja, é no campo, e a partir dele, que toda a pesquisa toma forma, tudo é desenvolvido pensando na realidade posta e não na já instituída previamente, pois parte do contexto real e das suas necessidades, como ocorrido nesta pesquisa.

O modelo metodológico e a fundamentação teórica também são desenvolvidos e moldados a partir das observações feitas no campo. Tudo emerge das observações e interações com o campo e os sujeitos da pesquisa. Elas funcionam como termômetro para o pesquisador e dá a direção dos caminhos a serem percorridos. A metodologia da pesquisa-formação foi definida desde o início, antes de irmos ao campo, entretanto, os dispositivos de produção de dados tais como formulário *online*, preliminar e formato da oficina foram desenvolvidos na caminhada. Definem-se e/ou reformulam-se as ações durante a caminhada no percurso da investigação. A pesquisa emerge do campo mediante a observação íntima e aprofundada dos fatos. Os dados não estão completamente prontos, são construídos em campo, muitas vezes imersos, exigindo do pesquisador paciência considerável e horas de estudo e observação (MACEDO, 2010).

Para Macedo (2010), o método requer grande dispêndio de tempo para o pesquisador aproximar-se daqueles para os quais ele pode não ser familiar. Porém, nesse tipo de pesquisa, é o objeto de estudo que vai fornecer uma decisão quanto à quantidade de tempo e dimensão do período de observação, além do grau de envolvimento necessário.

Partindo desse pressuposto, concordamos com a necessidade de uma formação adequada e continuada para que os professores pudessem adquirir competências que lhes

permitissem fazer uso das TDIC em sala de aula. A partir dessa constatação, pensamos na proposta de uma oficina, a fim de lhes apresentar outras potencialidades do site de rede social Youtube, como, por exemplo, a criação de um canal próprio para armazenar os vídeos favoritos, bem como a criação, cocriação e socialização de suas produções.

Na maioria das vezes, determinados fatos vistos como menos importantes ganham relevância e destaque, fazendo emergir novos caminhos a serem trilhados. Não estava previsto no projeto inicial da pesquisa o desenvolvimento de uma oficina para os professores, pois imaginávamos que eles já usassem o Youtube, mas a constatação acerca do desconhecimento de diversas potencialidades levou-nos a adotar essa nova proposta.

O olhar cuidadoso é uma das principais características desse tipo de pesquisa, pois, conforme afirma Macedo (2010), é necessário um esforço incessante para analisar a realidade como está sendo apresentada, com todas as impurezas, de modo que a pesquisa não consista em apenas observar e registrar os fatos. Ainda segundo Macedo (2010), o ator social nunca é “um imbecil cultural”, pois produz significados e produtos por meio da sua singularidade interativamente instituída por suas ações e realidades construídas, ou seja, ele não é uma “tábua rasa”.

Com isso, afirmamos que os professores da escola básica não são meros utilizadores de material didático produzido por outrem. Eles também produzem seus próprios materiais em diferentes linguagens e formatos. Muitos, inclusive, além de produzirem também publicam na rede. Durante a oficina que foi desenvolvida com os professores, eles tiveram a oportunidade de criar, personalizar e produzir em seu próprio canal, como veremos posteriormente.

Sobre esse assunto, Santos (2014) descreve que a pesquisa-formação na contemporaneidade se atenta para a relação entre história de vida, formação inicial e continuada, tal como a aprendizagem construída ao longo da carreira e do exercício da sua profissão, onde o docente interage e aprende com estudantes e pares. Contudo, cabe ressaltar que não foi sempre assim, pois até metade do século XX a ênfase era para a formação inicial direcionada para a aprendizagem.

Conforme afirma Santos (2014), para que a diversidade de linguagens, produções e experiências de vida sejam contempladas nos e pelos espaços de aprendizagem, os saberes precisam ganhar visibilidade e mobilidade coletiva, ou seja, os sujeitos do conhecimento precisam reconhecer a sua alteridade, sentindo-se envolvidos em uma produção coletiva, dinâmica e interativa, rompendo com o espaço tempo. Eles precisam entender e conhecer a importância de suas produções.

Essas experiências vivenciadas e a interação desenvolvida com seus pares também fazem parte do processo de formação, desenvolvido ao longo de sua vida de docência. Partindo dessa premissa, a pesquisa considera não apenas a formação, seja ela inicial ou continuada, mas toda a experiência vivenciada e desenvolvida durante a sua carreira, a começar pelas dificuldades encontradas pelos professores.

Precisamos dar ênfase à formação atual pensando nas possibilidades e transformações sociais, não somente ao que está posto. Ribeiro (2015) afirma que pensar a formação docente no contexto atual nos remete, de alguma forma, às grandes transformações sociais em todos os setores da contemporaneidade, em função das práticas interativas e da consequente cultura participativa que se prolifera em função das tecnologias digitais e do advento da hipermobilidade e da ubiquidade possibilitadas pelos dispositivos móveis. Tudo isso foi levado em consideração ao construirmos a proposta da oficina “Possibilidades de uso da rede social Youtube na educação”.

3.2 Os sujeitos da pesquisa

Esta pesquisa foi dividida em duas fases: inicialmente, estabeleceu-se por sujeitos da pesquisa os cinco professores de história do Colégio Estadual Professor Nestor Carvalho Lima e, para tanto, foram feitas observações e acompanhamento de suas aulas. Tratou-se de uma imersão no contexto das práticas escolares, tentando identificar o uso da rede social Youtube por esses professores. Procurei me inserir no ambiente da escola com olhar plural acerca do processo formativo, sendo sujeito e autor praticante da pesquisa, inserida nas reflexões.

Já nessa primeira fase, identifiquei que os professores de história utilizavam o site de rede social Youtube, que faziam suas pesquisas em casa, baixavam o arquivo e apresentavam o conteúdo via televiso. A escola dispunha de internet, entretanto, nem todos os dias esta funcionava adequadamente. Assim, expor o vídeo no televisor era uma opção mais segura para o professor.

Os professores relataram que, apesar de possuir laboratório de informática e rede wifi, esta última não era eficiente, caía o tempo todo e, quando possuía um problema, era necessário solicitar um técnico à Diretoria Regional de Educação do município (DRE-03), um processo demorado, pois, segundo a professora da escola, só havia um técnico para atender todas as escolas da DRE-03.

Assim, tínhamos definido *a priori* como sujeito da pesquisa os cinco professores de história da escola já citada, entretanto, por conta da falta de disponibilidade de tempo desses

docentes, já que possuíam outros vínculos empregatícios nos demais turnos, alguns não puderam participar de todo o processo da pesquisa. Diante dessa dificuldade, estendemos o convite para os demais professores da escola por meio de convites pessoais, mas estes também não puderam participar pela mesma problemática, embora tenham demonstrado interesse em participar da pesquisa, considerando-a muito interessante e importante para o contexto educacional.

A segunda fase da pesquisa se deu quando foi necessário definir os professores que dispunham de tempo e manifestaram interesse de participar da oficina que seria oferecida aos professores. Foi identificado na pesquisa de campo que muitos já usavam e possuíam canal no Youtube, porém não sabiam das possibilidades oferecidas para a educação no sentido de contribuir didaticamente para as suas aulas. Ampliamos então o convite para professores de outras escolas públicas, quando percebemos que os primeiros professores convidados não poderiam participar da oficina, por falta de tempo disponível, já que muitos possuíam dois vínculos empregatícios e lecionavam em localidades diferentes, em bairros mais afastados e até mesmo em outras cidades.

Assim, os sujeitos dessa pesquisa são cinco professores, dois deles lecionam no Colégio Estadual Nestor Carvalho Lima, no município de Itabaiana, sendo uma professora de história e outra de matemática. Os outros três são professores de escolas municipais de Itabaiana, os quais faziam parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID⁶) do período de 2014 a 2018.

As duas professoras do Colégio Estadual Nestor Carvalho Lima também trabalhavam em dois vínculos, estadual e municipal, porém na mesma cidade, o que facilitou a participação. Duas das três professoras do PIBID, uma pedagoga e uma professora de português, possuem apenas um vínculo empregatício no município, enquanto a professora de história também atua na rede estadual de ensino. Assim, temos professores de quatro áreas: história, letras, matemática e pedagogia, que trabalham em escolas públicas da rede municipal e estadual que se constituíram como sujeitos desta pesquisa.

⁶ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, (Pibid), tem como base legal a Lei nº 9.394/1996, a Lei nº 12.796/2013 e o Decreto nº 7.219/2010. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. A intenção do programa é unir as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas, a favor da melhoria do ensino nas escolas públicas em que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) esteja abaixo da média nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>> Acesso em: 20 de mar.2018.

Os professores, aqui identificados pelas letras A, B, C, D e E, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice F), concordando com a divulgação dos dados das oficinas e com a postagem de imagens nesta pesquisa.

Quadro 1 - Perfil do Sujeito Participantes da Oficina

Professores	Formação	Atuação na escola	Imersão nas redes sociais
A	Pedagogia	Atua há 20 anos na escola básica e atualmente é professora do 1º ano da educação básica.	Possui Facebook, Blog, canal do Youtube e WhatsApp.
B	História	Atua há 18 anos na escola básica e atualmente é professora do ensino fundamental 6º ao 9º.	Possui Facebook, Blog, canal do Youtube e WhatsApp.
C	Matemática	Atua há 10 anos na escola básica e atualmente é professora do ensino fundamental 6º ao 9º.	Possui Facebook, canal do Youtube e WhatsApp.
D	Português	Atua há 10 anos na escola básica e atualmente é professora do ensino fundamental 6º ao 9º.	Possui Facebook, canal do Youtube e WhatsApp.
E	Pedagoga	Atua há 16 anos na escola básica e atualmente é professora do 1º ano da educação básica.	Possui Facebook, Blog, canal do Youtube e WhatsApp.

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora.

3.3 O período de observação: notas de diário de pesquisa

Antes da realização da oficina, realizamos uma observação no Colégio Estadual Nestor Carvalho Lima, ocorrida no período de 15/05/2017 a 15/06/2017. Solicitamos aos professores que respondessem a um formulário *online* a fim de identificarmos o perfil em relação ao uso da rede social Youtube. O formulário *online* (Apêndice G) foi baseado em questões direcionadas ao entendimento sobre o uso da rede social Youtube para fins pedagógicos na escola, com o intuito de verificar se a rede social era utilizada e como se dava esse uso. O formulário foi elaborado na plataforma Google Drive e seu link foi enviado aos professores por e-mail e via *WhatsApp*.

O período de observação, cujas notas foram registradas no diário de pesquisa desta pesquisadora, foi propício para identificar as condições físicas da escola e verificar quais eram os recursos tecnológicos de que esta dispunha para que os professores pudessem utilizar o Youtube em suas práticas pedagógicas. Verificamos que a escola dispunha de sala de informática, televisores móveis e retroprojetores; entretanto, a unidade de ensino sofreu dois furtos nos finais de semana, ficando sem os recursos tecnológicos e, por isso, a sala de informática foi completamente desativada, o que impossibilitou o uso pedagógico dos instrumentos tecnológicos pelos docentes. A professora B informou que, antes do roubo, ela utilizava os televisores móveis para passar vídeos que ela selecionava no Youtube, baixava em casa e trazia em pendrive para contextualizar com o assunto já explorado anteriormente.

3.5 Os docentes e a rede social Youtube

Desenvolvemos um grupo com os professores no *WhatsApp*, para estabelecer maior aproximação entre os cinco professores que concordaram em participar da pesquisa. Nesse aplicativo, foram postadas informações sobre o andamento da pesquisa e sugestões de vídeos do Youtube. Além de visar a interação, o grupo também objetivava promover o diálogo entre os professores por meio de vídeos e textos que os estimulassem a tecer opiniões sobre as postagens. Embora criado para promover um debate e reflexão, não conseguimos atingir tal objetivo; postávamos temas convidativos, lançávamos questionamentos, os quais eram visualizados, mas que não suscitaram comentários por parte dos participantes.

Durante as interações no *WhatsApp*, utilizamos frases do filósofo, escritor e professor Mário Sérgio Cortela, tais como: “Para quem não tem clareza e não sabe aonde vai, qualquer lugar é válido” e “A internet ajuda imensamente, desde que você tenha clareza para onde você quer ir. Se não souber navegar, naufraga”. O intuito das frases, mensagens e vídeos era suscitar a reflexão sobre as possibilidades de uso da rede social na internet em sala de aula, bem como a necessidade de saber escolher as matérias disponíveis em rede.

Durante a realização das observações na escola, bem como durante todas as etapas desta investigação, foi produzido um diário de pesquisa contendo o registro das impressões, acontecimentos e fatos relacionados à pesquisa, tendo em vista que toda informação produzida e observada era importante na tecitura e construção da escrita, pois temos consciência que, do campo, poderiam emergir situações que seriam importantes para definir atividades posteriores.

Santos (2014) e Macedo (2010) descrevem a importância desse diário como um importante dispositivo de pesquisa. É necessário fazer anotações e, ao mesmo tempo, criar discussões e reflexões, traçando uma linha entre observações e quadro teórico, recordando os autores que descrevem cada situação apresentada no campo.

O objetivo do diário de pesquisa é mapear cada detalhe das observações feitas no decorrer da investigação. Conforme Macedo (2010), atualmente, existem diversas formas de construir diários de pesquisa utilizando as tecnologias digitais e aplicativos que permitem usar diferentes linguagens como imagem, som, vídeo e escrita, como, por exemplo, o diário feito por meio das narrativas em blogs.

Nesta pesquisa, as anotações foram registradas em um caderno, a partir das observações do campo, e depois transcritas, dia após dia, quando então se articulavam as falas e as observações, buscando-se autores que embasassem as anotações.

Durante as observações na escola, desenvolveu-se maior aproximação com professores no intuito de conhecê-los e promover maior aceitação da pesquisadora no cotidiano escolar. Nesse sentido, durante os intervalos entre as aulas, era comum nos encontrarmos na sala dos professores e conversarmos sobre variados assuntos, tais como: cumprimento de calendário escolar, planejamento das aulas, semana de avaliação, conteúdos, dificuldades enfrentadas pelos docentes, recursos tecnológicos oferecidos pela escola e suas funcionalidades, entre outros. No ambiente da sala de professores eles ficavam mais à vontade, entre seus pares, relatavam suas experiências e comentavam sobre os acontecimentos da escola e do dia a dia.

Os momentos de conversa com os professores aconteceram de maneira individual e coletiva, dentro do ambiente escolar, durante os intervalos e horários vagos, tanto na sala de professores quanto nos corredores e demais espaços escolares. Esses momentos proporcionaram minha imersão como pesquisadora no universo do ambiente de pesquisa.

Como afirmado por Macedo (2010), a pesquisa se desenvolve dentro do campo e não fora. Na escola, sempre que possível, os professores estavam disponíveis, embora houvesse restrições em função dos horários a serem cumpridos, já que nem sempre eles podiam nos dar atenção ou dispor de horas para conversar.

Algo peculiar e apontado em diário foi o fato dos professores conhecerem o site de rede social Youtube, considerarem os vídeos interessantes, com assuntos variados e aos quais costumavam utilizar, mas não em sala de aula. A professora B afirmou que:

Inúmeras vezes uso o Youtube para pesquisar conteúdos escolares, receitas de bolo e de sobremesas, como fazer tarefas e usar determinados equipamentos, aqui também buscamos receitas caseiras para qualquer problema de saúde, é fantástico a utilidade e variedade de coisas que encontramos aqui (PROFESSORA B).

Os docentes ressaltaram a necessidade de saber escolher o vídeo, bem como a necessidade de orientar os alunos a fazer escolhas quanto ao uso desses em suas pesquisas diárias.

No que diz respeito à importância do uso das TDIC na educação, a professora B entende que o uso delas é de fundamental importância para incentivar a participação dos alunos e inseri-los no contexto de construção da aprendizagem. Ressalta que esses alunos já estão inseridos no contexto cibercultural e são imersivos no que diz respeito às redes sociais. Para ela, é perceptível que eles usam o tempo todo: “Se pudéssemos desenvolver projetos escolares em que articulássemos os conteúdos pedagógicos às TDIC, sei que teríamos bons resultados e aceitação da maioria dos alunos”, afirma.

Questionamos sobre o motivo que impede os professores e a escola de articularem projetos pedagógicos associados ao uso das TDIC:

Seria necessário que os professores tivessem uma formação para que eles pudessem melhor desenvolver ideias e executá-las, a fim de trazer melhores resultados, muitas vezes a falta de familiaridade sobre o uso e o desconhecimento das possibilidades de uso para a educação inibe a aplicabilidade em sala de aula, acredito que o professor não se sente entusiasmado em utilizar algo que ele não tenha segurança (PROFESSORA C).

Durante o período de observação, e devidamente registrado em diário de campo, ficou evidente que os professores participavam de redes sociais de forma imersiva; entretanto, não possuíam conhecimento mais aprofundado sobre suas possibilidades para a educação. A professora C afirma que o “uso da rede social, das TDIC, fazem parte da nossa cultura e muito mais da cultura dos nossos alunos. Eles gastam parte do seu tempo com elas, assim como nós. Se desenvolvêssemos algo para atraí-los, tornando-os ativos em todo processo, sem dúvida, teríamos bastante aceitação”.

Durante o período de observação, detectamos que os professores da escola utilizavam o site do Youtube para atualizar seu conhecimento acerca dos conteúdos a serem ministrados em suas aulas, ou seja, eles o utilizavam como ferramenta de pesquisa. Além do site Youtube, eles faziam uso de outros recursos como livros didáticos, revistas, entrevistas e jornais para ampliar seu repertório.

Apesar de ser identificado o uso do Youtube pelos professores, muitos deles não puderam participar da pesquisa, portanto, como já relatado, estendemos o convite para outros professores da rede pública. Após definir os participantes, lançamos formulários *online* a fim de obtermos informações sobre o uso que estes faziam do Youtube em sua prática. Através da aplicação do formulário *online* aos cinco professores, identificou-se que todos utilizam a rede social Youtube para a pesquisa, sendo que alguns já chegaram a levar vídeos para aplicação em aulas, considerando-os como um importante e atrativo recurso pedagógico e promotor de maior possibilidade de fixação dos conteúdos.

Figura 7: Formas de utilização do Youtube pelos professores



Fonte: Formulário online da pesquisa

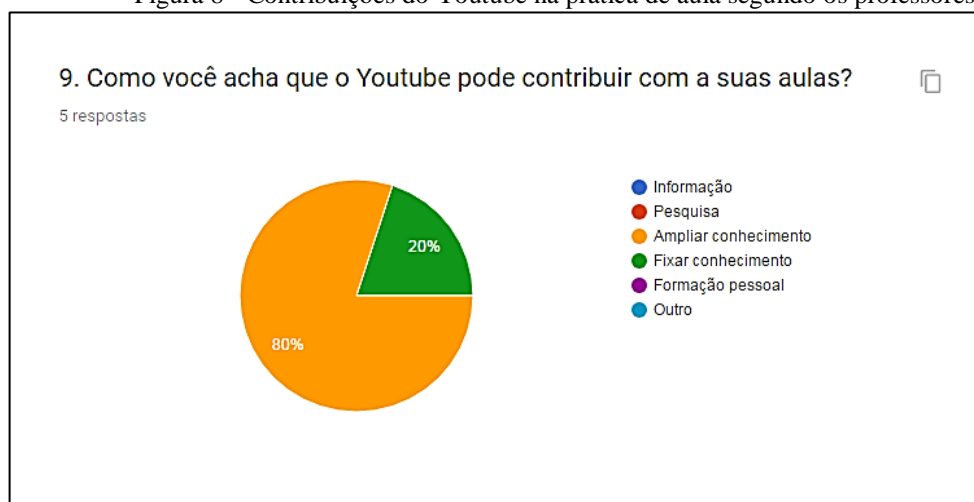
Como se observa, os professores apenas utilizam para pesquisas e se atualizações sobre conteúdo e, em outro questionamento, consideraram seu uso importante para a educação, tanto para pesquisa pessoal quanto para suas aulas, com possibilidades de colaborar na aprendizagem, ampliar e fixar conhecimentos por meio dos conteúdos variados e disponíveis.

Os professores afirmaram ainda que os seus alunos usavam o Youtube, assim como eles, para buscar assuntos de interesse pessoal. Os alunos deixavam evidente para os professores que gostavam de aulas e atividades diferenciadas, fora das paredes da sala de aula, com uso de vídeo e celulares. Entretanto, apesar desse diagnóstico, poucos utilizavam os recursos disponíveis.

Nessa pesquisa, especificamente por meio do formulário *online* aplicado aos professores envolvidos na pesquisa, entendemos e identificamos que a única forma de utilização era sua própria formação. De acordo com os dados levantados, percebemos que eles não utilizavam todas as possibilidades oferecidas pelo Youtube, principalmente como forma de apresentar novas linguagens, autoria própria e formatos diferenciados.

Questionados sobre as possibilidades de contribuição do Youtube em suas aulas, os professores atribuíram a fixação do conteúdo e ampliação do conhecimento como as principais, conforme figura 8:

Figura 8 - Contribuições do Youtube na prática de aula segundo os professores



Fonte: Formulário *online* da pesquisa

Ficou claro que os professores desconheciam muitas das possibilidades oferecidas pela rede social Youtube, inclusive, alguns não sabiam, por exemplo, como baixar um vídeo para apresentar aos alunos. Eles não possuíam um programa de formação contínua para dar suporte de usabilidade e nunca participaram de nenhum curso de formação para melhor usar as tecnologias, mas demonstraram interesse em aprender mais sobre o Youtube.

Apesar desses professores não possuírem formação e nem acompanhamento técnico e pedagógico para utilizar as TDIC na sala de aula, a Diretoria Regional de Educação de Itabaiana-SE, DRE-03, possui um Núcleo de Tecnologia Educacional que deveria ser utilizado para formar professores no uso das tecnologias. Acontece que esta diretoria, apesar de possuir a estrutura física montada, não dispõe de cursos de formação para os professores nessa área e, conforme depoimento da professora B, eles “não fizeram até o momento nenhum curso que os auxiliassem no uso das possibilidades das TIDIC na sala de aula”.

Esses dados foram importantes para repensarmos as atividades de pesquisa a partir das informações obtidas no formulário *online*. Das observações e conversas com os professores, ficou evidente que eles apenas usam a rede para consumir informações e não para produzir e compartilhar conteúdos. Desconhecem que no site de rede social Youtube eles também podem produzir, compartilhar e ser autores. Eles não se identificavam como a(u)tores, que, de acordo com Lucena e Pretto (2009), são pessoas que ao mesmo tempo produzem conteúdos e também atuam em redes.

Essa realidade da falta de formação continuada dos professores da educação básica emergiu no campo. E, a partir daí, evidenciou-se a necessidade de desenvolver uma oficina para

mostrar aos professores as possibilidades, dentre elas a de autoria de vídeos do Youtube e de postagens e reflexões por meio dos comentários que podiam ser feitos pelos alunos.

Por esta razão, decidimos desenvolver a oficina com o título “Possibilidades do site de rede social Youtube na Educação” estabelecida como dispositivo da pesquisa-formação.

A oficina teve carga horária de 40 horas e foram disponibilizadas vinte e cinco vagas, com o objetivo de socializar com os professores da educação básica as possibilidades disponíveis no site de rede social Youtube e incentivá-los a se verem como autores, criando, cocriando e publicando seus conteúdos na rede.

3.6 Oficina “Possibilidades do site de rede social Youtube na educação”: experiência de pesquisa-formação

Ao escolhermos a pesquisa-formação como metodologia de pesquisa, elaboramos, conforme mencionado anteriormente, a oficina “Possibilidades do site de rede social Youtube na Educação” como dispositivo de formação para os professores da rede pública de Itabaiana. Nessa oficina foram produzidos os dados da investigação, que serão apresentados nesta seção.

A formação é um momento de muita importância para um professor. É nos espaços de formação que os profissionais da educação desenvolvem competências necessárias e adequadas para utilizá-las em sua prática pedagógica. Para Santos (2014), a pesquisa-formação não separa a experiência acadêmica da prática profissional do pesquisador e dos sujeitos envolvidos. Segundo a autora, a prática de formação é um lugar legítimo de formação e de aprendizagem significativa, não só referente ao pesquisador, como também a todos os participantes envolvidos nesse processo.

A oficina ofertada aos professores foi cadastrada no Sistema de Gestão de Atividades Acadêmicas da Universidade Federal de Sergipe - SIGAA/UFS – como um curso de extensão, para que dessa forma os participantes pudessem receber ao final o certificado. A oficina contou com o auxílio de outros membros do Grupo de Pesquisa Educação e Culturas Digitais (Ecult): uma mestranda e uma graduanda de iniciação científica.

Ao oferecermos a oficina aos professores, perguntamos aos interessados quais seriam os melhores horários para atender a sua disponibilidade, pois muitos possuem carga horária de trabalho com mais de quarenta horas semanais. Assim, oficina foi dividida em quatro encontros, realizados em dias alternados para não prejudicar os horários de atividades dos professores na escola.

Conforme já mencionado anteriormente, foram convidados a participar da oficina quarenta e três professores, trinta e oito do Colégio Estadual Nestor Carvalho Lima, sendo que dessa escola apenas dois se dispuseram (uma professora de história e uma de matemática). Os outros três participantes são professores do PIBID. O convite estendido aos professores do PIBID se deu pelo fato desse programa já estar atuando no Colégio Estadual Nestor Carvalho e também na Escola Municipal de Ensino Fundamental 30 de Agosto, no Eixo de Formação de Professores, desde 2013.

Os professores que atuam nessas escolas desempenham a função de supervisores das alunas do curso de Pedagogia que faziam atividades de iniciação à docência nas escolas citadas. São professores que possuem conhecimentos básicos sobre o uso das tecnologias e que em sua carga horária docente possuem horas para a formação continuada.

O objetivo proposto para essa oficina foi demonstrar aos professores da rede pública de ensino as possibilidades de uso do site de rede social Youtube para a educação básica, através da criação e cocriação de vídeos e socialização das produções.

A oficina foi desenvolvida no laboratório de informática do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, Campus Alberto Carvalho, por ser este o local que melhor oferecia infraestrutura de equipamentos e de acesso à internet para que as atividades pudessem ser realizadas de forma satisfatória.

A realização da oficina possibilitou discussões teóricas sobre a cibercultura e a educação, apresentando as possibilidades de uso do site de rede social Youtube e também o compartilhamento de experiências sobre a efetivação da mesma no espaço escolar. Momentos como este são de fundamental importância para os professores da rede pública de ensino, pois juntos há efetiva troca de experiências e socialização das várias possibilidades de uso a partir de experiências concretas.

No primeiro encontro, fizemos uma breve apresentação e agradecimento aos professores presentes e, em seguida, realizamos uma aula dialogada sobre tecnologias digitais e suas possibilidades na educação e definimos o que são os *sites* de rede social na internet.

Nesse primeiro encontro, também discutimos o conceito de cibercultura, diferenciando Web 1.0, 2.0 e 3.0, especificando o potencial de cada fase, desde a Web 1.0, caracterizada por seus espaços monomodais, que não permitiam interação entre os internautas, passando pela Web 2.0, que possibilitou a produção colaborativa, participativa e interativa, até a Web 3.0, que possui a capacidade de selecionar preferências dos usuários.

Discutimos, sob a ótica do espanhol Castells (1999), que a rede social corresponde não apenas a uma infraestrutura tecnológica por onde circulam as informações e a comunicação,

mas também ao espaço de onde emergem e se desenvolvem as relações sociais, políticas, econômicas, educacionais e culturais. Um espaço de multiplicidade de coisas possíveis, que podem ser direcionadas para todas as áreas sociais, sendo, pois, utilizada em favor de quem sabe navegar. Portanto, não saber navegar corretamente pode nos levar a caminhos inapropriados e inadequados, sendo imprescindível possuir o mínimo entendimento do que se pretende alcançar e uma postura crítica acerca do que está posto na rede.

Apresentamos também algumas obras e autores que discutem a temática relacionada à cultura de massa, cultura das mídias, cibercultura e cultura da mobilidade, embasados nos conceitos de Santaella (2003, 2007, 2010) e de Levy (1999). Aqui, indicamos aos professores textos para aprofundamento das discussões, caso eles tivessem interesse.

Mostramos a diferença, por meio de imagens, acerca da pesquisa com e sem internet, citando as dificuldades do passado para encontrar documentos e como hoje eles podem ser facilmente encontrados na rede, ressaltando a importância de sempre checar as fontes e apontando os caminhos para esta prática.

Trouxemos dados que apontam para o que ocorre na internet em questão de minutos, quantas pessoas estão circulando e as possibilidades que se tem nesse ambiente. Foi sugerido um desafio aos professores: que pensassem como seria a utilização destes espaços e desta cibercultura na educação, as possibilidades de adaptação para suas aulas e se acreditavam na contribuição destes para a melhoria da aprendizagem.

Figura 9: Um minuto na internet



Fonte Extraído de <http://www.georgecampos.com.br/blog/tecnologia-da-informacao/infografico-o-que-acontece-em-um-minuto-na-internet/>. Acesso em 10/02/2018.

Nesse primeiro encontro apresentamos a proposta do plano de curso (Apêndice H) e algumas possibilidades no contexto de cibercultura: Conteúdos integrados com espaços comunicacionais; Mobilidade: espaço/tempo; Integração de mídias e linguagens; *Softwares* sociais e ambientes online de aprendizagem; Redes sociais; Interatividade *online* no processo de autoria; Comunicação móvel e em rede.

No momento da apresentação, os professores participantes sempre podiam argumentar e discutir sobre a temática exposta, o que permitiu tecermos excelentes e valiosas discussões referentes às possibilidades. Foi um momento não apenas de ensino, mas também de muita aprendizagem, havendo uma articulação muito boa entre a teoria e a prática. No decorrer desses quatro encontros foram expostas diferentes realidades por professores que estão no cotidiano das salas de aula e que conhecem as possibilidades de uso da rede no processo educacional.

O Youtube não era uma novidade para os professores, isso ficou claro desde o princípio. Entretanto, os professores não conheciam todas as possibilidades do site e não se viam como autores e coautores, apenas apreciadores de vídeos. Eles tinham interesse em aprender sobre outras possibilidades, apesar de não disporem de tempo. Em sua maioria, possuíam dificuldades para manusear os computadores, não sabiam postar, compartilhar, criar e alterar um perfil ou editar um vídeo produzido.

É importante destacar que o desenvolvimento do professor autor/criador e cocriador se constrói por meio de experiências no contexto escolar, nos espaços de formação, nas suas decisões de escolhas ao fazer um planejamento e definir tarefas e na sua prática diária. Isso se dá por meio de reflexão dos seus saberes, sejam eles existentes ou construídos.

A criação autoral, conforme Veloso (2014), também pode ser identificada nas salas de estudos, onde os professores se debruçam para repensar e inovar a sua prática, como também nos espaços coletivos, ambientes físicos ou virtuais. A educação bancária (FREIRE, 2006), ofertada nas escolas por muito tempo, não permitia o desenvolvimento de pessoas críticas e reflexivas, menos ainda o aperfeiçoamento de habilidades típicas de autor/criador e cocriador. A falta de habilidades para desenvolver autoria é uma fragilidade fruto desse tipo de educação.

Veloso (2014) identifica, em sua tese de doutorado, que durante o processo de autoria/criação os professores que usam a internet e os sites de rede social já possuem ações planejadas e que, no decorrer da pesquisa, recebem ajustes e com isso cocriam e criam etnométodos e táticas próprias, descobrem saídas e experimentam soluções. Eles fazem levantamento prévio, estabelecem provocações aos alunos, seguem a programação dos conteúdos e tentam atrelar o conteúdo à ação. Dessa forma, o processo de autoria/criação é

inacabado, imprevisível, mutável, pois podem emergir novas práticas que podem potencializar outras criações.

Para representar essa postura, destacamos a fala da professora A:

Sempre busco na rede algo relacionado ao que já quero trabalhar com os alunos, com base no que tenho planejado para a aula, vou desenvolvendo tarefas e tendo novas ideias, desenvolvendo algo interessante para o que eu quero propor e mais adequado para a realidade e o contexto da turma. Busco livros, vou para a internet e produzo o que pretendo fazer com os meus alunos, considero o resultado satisfatório quando os alunos gostam da proposta, muitas das vezes é superada as expectativas quando a produção fica muito boa e atrativa para eles. Uma ideia disponível na rede pode ser adequada e reaproveitada, no ato de aproveitamento entra a criatividade do professor que pode tornar algo ainda melhor do que a ideia inicial (PROFESSORA A).

As TDIC permitem aos professores novas possibilidades de produção por meio de autoria e coautoria de vídeos no Youtube para serem incorporados ao seu planejamento escolar, associando-os aos conteúdos curriculares. Entretanto, percebemos nesta pesquisa que os momentos de autoria/criação e cocriação se apresentam conflituosos, pois os professores participantes demonstraram dificuldades em se expressarem de forma autoral nas redes. Percebemos bastante ansiedade, provocada pelo desejo de produzir, pela compreensão das possibilidades e pelas dificuldades encontradas no momento da produção. Um exemplo disso se reflete na fala da professora B: “Acho as possibilidades de autoria interessantes, mas não tenho muita paciência de ficar ‘futucando’, ainda mais quando estou pesquisando e a busca está muito lenta, eu saio e deixo lá, minha filha é que faz algumas coisas para mim quando preciso”

No segundo momento, focamos no Youtube e suas possibilidades para e na educação, apresentando dados sobre sua origem e seus fundadores, sobre a rápida expansão e os cuidados necessários ao fazer uma pesquisa nessa rede, já que qualquer utilizador pode produzir e compartilhar informações.

Após explicar de forma prática toda a parte teórica, foi o momento de partir para a prática. Nessa oportunidade, sugeri que todos os professores que não tivessem uma conta no gmail criassem uma⁷. Após a criação do e-mail, eles criaram uma conta no Youtube. Nesse momento de grande importância, os professores tiveram a oportunidade de personalizar o próprio canal, criando seus perfis, estabelecendo objetivos para o canal com uma breve apresentação de si e de seus interesses. Eles compartilharam fotos, vídeos desenvolvidos por eles em momentos de atividades com os alunos e projetos da escola.

⁷ A criação deste e-mail esta diretamente ligada ao uso do Youtube, pois são interfaces na mesma empresa Google.

Dos cinco professores participantes da pesquisa, quatro possuíam um nível de conhecimento básico com relação às interfaces virtuais; eles sabiam pesquisar, porém não sabiam de outras possibilidades para poder realizar as atividades propostas na oficina. Uma das professoras dessa pesquisa, a professora A, é imersa na cibercultura, habita as redes sociais. Ela possui Blog, Facebook e canal no Youtube. Os demais possuíam canal, mas não eram imersos, habitavam raramente esse espaço, não produziam, compartilhavam ou postavam e somente uma delas costumava comentar as publicações.

Acerca disso, é importante citar Santaella (2004) que, em seu livro “Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo”, define os tipos de leitores imersos no contexto cibercultural, os quais apresentam-se com características diferentes. Trata-se de um estudo sobre o perfil cognitivo do novo leitor ou internauta da hipermídia, que coloca em ações diversos mecanismos e habilidades de leituras, muito distintas daquelas que são empregadas pelo leitor de um texto impresso tradicional como o livro, uma revista ou jornal.

Ela, abordando o perfil distinto de três tipos de leitores tradicionais da hipermídia⁸, classifica-os em contemplativo, movente e imerso. Segundo a autora, o primeiro, o leitor contemplativo, é aquele da idade pré-industrial, da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa. O segundo é o leitor do mundo em movimento, dinâmico, filho da Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos: o homem na multidão. E o último, o leitor imersivo, que é o foco principal da obra, é o leitor que surgiu a partir dos novos espaços virtuais - os ciberespaços.

Diante do perfil definido pela autora como imersivo, é possível perceber que apenas uma professora possuía as características de uma leitora imersiva, a professora A. Ela é ativa e imersa, cria, cocria, compartilha, curte, comenta, bem diferente do perfil dos outros quatro, os quais conhecem os ambientes do ciberespaço, mas navegam apenas para pesquisar, curtir e comentar, não criam ou cocriam, não se identificam como autores e apresentam dificuldades para utilizar os ciberespaços e suas interfaces, embora considerem tal conhecimento importante e útil para a educação e para a sua vida de magistério. Esses professores demonstraram interesse pelo uso das TDIC, apesar das dificuldades evidentes.

É importante destacar que, além da importância e da necessidade da formação continuada para aperfeiçoamento dos profissionais da educação, devemos atentar para a questão

⁸ Hipermídia é a associação de nós de informação conectados uns aos outros (similarmente ao hipertexto), com a diferença que esses nós podem conter informações expressas através de vários tipos de mídia. Assim, a hipermídia incorpora a noção de partes interligadas de informações que permitem aos usuários navegar através da rede resultante. A informação é fornecida não só porque está armazenada em cada nó, mas, também, porque os nós ligados uns aos outros formam caminhos por meio dos quais se obtém informação (SCHNEIDER, 2002).

da usabilidade e da interface humano-computador⁹, compreendendo os diferentes graus de dificuldade para pessoas com mais ou menos habilidades e competências para o manuseio.

Devemos atentar a todo o contexto referente às dificuldades apresentadas pelos professores e compreender que existem algumas competências necessárias para uma utilização efetiva e que a formação continuada pode ser muito útil para aperfeiçoar a prática com o uso das tecnologias.

Através do primeiro questionário (Apêndice B), ficou evidente que eles sabem da importância das TDIC, mas paralisam diante da primeira dificuldade encontrada quando acessam ou precisam realizar algo na internet. Não insistem diante do primeiro problema que o sistema lhes apresenta. Um exemplo dessa situação foi observado na prática da oficina oferecida, quando duas professoras estavam tentando recuperar a senha do seu e-mail e passamos alguns minutos para identificar o problema. Percebemos sinais de ansiedade com a espera de alguns minutos. Em outro momento, foi preciso fazer a matrícula no SIGAA/UFS e elas se mostraram impacientes com o tempo de espera. Ressaltamos que o sistema, de fato, não é satisfatório nos quesitos eficácia e eficiência, demonstrando falhas na usabilidade.

Uma das atividades previstas no plano de curso (Apêndice H) era a articulação da teoria com a prática, quando os professores deveriam pensar numa proposta de utilização do Youtube junto com os seus alunos. Pedimos que eles fizessem um diagnóstico prévio das possibilidades oferecidas, estabelecendo um planejamento para esta atividade a partir de alguns questionamentos: Que atividade seria desenvolvida? Que interfaces ele utilizaria? Seria viável? A escola oferecia recursos para o desenvolvimento da proposta? Caso contrário, qual a alternativa a ser criada? Dessa forma, ficou acordado no planejamento que os professores deveriam desenvolver uma atividade usando o Youtube que deveria ser aplicada em aula.

O último encontro seria para apresentarem a proposta de uso do Youtube na escola. Essa proposta seria discutida no último dia da oficina e observada pela pesquisadora na escola. Eles planejavam uma atividade, realizariam através de gravações audiovisuais e apresentariam a produção no último encontro para poder colocar no Youtube. O intuito da proposta de planejamento era fazer com que o professor já se visse utilizando o Youtube, criando, cocriando, compartilhando na rede, curtindo, comentando e interagindo com os seus alunos por meio do canal já criado.

⁹ Entende-se por usabilidade a capacidade dos sistemas informáticos interativos oferecerem a seus usuários, na interação com os mesmos, eficácia, eficiência e satisfação no uso. Acrescenta-se, ainda, outros princípios de usabilidade, como a fácil aprendizagem de uso do sistema, segurança, utilidade e recordação (SCHNEIDER, 2015, p. 00359).

Outro tema relevante que emergiu das discussões na oficina foi o fato de que as escolas, apesar de possuírem salas de informática, não dispõem de estrutura física e técnica adequada para que os professores possam utilizar os recursos. Assim, através da oficina, encontramos uma maneira prática e já utilizada por alguns professores: levar o vídeo em um *pendrive* ou HD externo.

No quarto e último dia da oficina, os professores tiveram a oportunidade de apresentar as propostas de aula e fizemos reflexões sobre as práticas e as possibilidades. Após as paresenyações, os professores publicaram em seus canais os vídeos desenvolvidos a partir do projeto “Cidade, espaço de aprendizagem”. Esse projeto foi desenvolvido pelos professores das duas escolas, que estavam atuando como coordenadores do PIBID e estes inseriram professores de outras escolas.

Destacamos o perfil da professora A, que demonstrou bom domínio e imersão na rede há maior tempo, produziu o vídeo Tube do projeto escolar, editou e postou no Youtube e apresentou para nós como estava o seu canal após o processo de ajuste do seu perfil. No último dia da oficina, o seu canal estava totalmente pronto.

Como vimos anteriormente, o Youtube possibilita inovações para a vida do magistério, entre elas: criar, cocriar, curtir, compartilhar, comentar, interagir, trocar e refletir. Esses novos arranjos curriculares e autorais têm sido desenvolvidos por professores da rede pública de Itabaiana. A professora A produziu vídeos ao fazer visitas a pontos específicos da cidade, tais como a feira de Itabaiana, o museu, os bairros próximos à escola, em visitas referentes ao projeto pedagógico “Cidade Espaço de Aprendizagem”. Dessa forma, ela criou, cocriou e divulgou seu trabalho em outras redes, como Facebook e seu próprio blog pessoal. Parte dos seus projetos escolares já eram postados em seu blog. A partir de então, a professora produz vídeos e posta também em seu próprio canal do Youtube. Ela incorpora em seus vídeos várias linguagens, como sons, imagens, escrita, hiperlinks, possibilitando o desenvolvimento de vides mais atrativos. Para a professora, a prática com uso das TDIC é muito proveitosa, conforme seu depoimento:

Sinto-me realizada e alegre em fazer essas atividades diferenciadas com o uso das TDIC. Acho tão bonito quando tudo está pronto, dá um certo trabalho, requer tempo e criatividade, entretanto é gratificante quando em um momento de culminância os alunos estão com seus rostos felizes e satisfeitos, por poder participar e se vê como parte integrante das imagens e dos vídeos produzidos. Eles se sentem importante, entusiasmados e útil. É como eles sentissem falta de participar das atividades e demonstrar que são capazes. Eles não veem esses projetos como aula, é mais um momento de troca e compartilhamento de ideias (PROFESSORA A).

Organizamos os encontros da oficina de uma maneira que os professores tivessem oportunidade de relatar a sua própria experiência em sala de aula e cada fala foi de fundamental importância para entendermos as realidades vividas por eles em seu dia a dia.

Figura 10: Momento de participação na oficina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2017).

A oficina foi um momento prático de grande importância para que, juntas, pesquisadora e professoras envolvidas, pudessem dispor de uma experiência prática única. Nesse espaço, personalizamos nossos canais com imagens, formato de letras, texto informativo da capa, cores variadas, imagens de fundo, etc. O objetivo da produção desses projetos foi estimulá-los à utilização com seus alunos. Por meio da proposta e da prática experimentada, eles puderam perceber que era possível executá-la sem muita dificuldade e isso os levou ao reconhecimento de si como autores.

Embora tenhamos iniciado a oficina com a presença de cinco professoras, uma delas participou de dois encontros e não foi para os demais. Ao entrar em contato com a professora desistente, ela afirmou não ter se identificado com o curso e que, por morar muito distante, possuía dificuldade para chegar ao local do curso.

As demais concluíram com 100% de frequência e, dentre as quatro, percebemos que duas tiveram dificuldades para realizar tarefas básicas no computador, tais como alterar a senha, criar conta no Youtube e personalizá-la. Apesar das dificuldades, conseguimos executar todas as tarefas propostas no planejamento e os professores entenderam que aquilo que alguns deles consideravam difícil, na verdade, era prático e possível, necessitando apenas de um pouco de paciência e persistência. Na figura 11, observamos a produção de um canal no Youtube pelos professores que não possuíam e a personalização para os que já possuíam.

Figura 11: Criação e personalização de canal no Youtube



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2017).

Durante os nossos encontros de debates e produções práticas, a fala da professora A trouxe à discussão a questão do livro didático. Ela argumentou que os livros didáticos estão a cada dia mais simplificados, com conteúdos compactados, com poucos detalhes e acredita que o Youtube tem sido de fundamental importância para complementar as lacunas deixadas pelos livros, além, evidentemente, de outros livros didáticos não adotados pelo MEC. Porém, o acesso ao Youtube é mais rápido e permite que professores pesquisem e busquem informações que permitem planejar melhor suas aulas. Ficou evidente que todos os professores utilizam esse site de rede social para fazer suas pesquisas e buscar conhecimentos, sendo, portanto, consumidores da rede social Youtube. A figura 12 registra o momento de discussão sobre o uso do Youtube.

Figura 12: Discussão sobre uso do Youtube pelos professores



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2017).

Algo também debatido pelos próprios professores de educação básica foi a importância de saber selecionar conteúdos no Youtube, uma vez que nele se encontram os mais variados tipos de vídeos, do mais amador ao mais bem produzido. A sugestão apresentada foi procurar vídeos de pessoas que já possuem uma carreira estabilizada em ramos específicos, como, por exemplo, autores de livros que produzem suas palestras e reproduzem explicações de suas obras já renomadas no mercado e que possuem públicos específicos. A professora B ressalta que “é preciso ter cuidados específicos com o conteúdo que foi selecionado para a sua pesquisa. Ao fazer uma pesquisa sobre o tema Independência Norte Americana, me deparei com vários vídeos e, ao visualizá-los, percebi que foram feitos por uma aluna do nono ano”. Não desmerecendo o conteúdo, mas a professora afirmou que esse vídeo, por não ter sido produzido por uma pessoa licenciada na área ou especialista, pode possuir informações desconexas.

A professora complementa:

O Youtube apresenta bastante informação, é, uma biblioteca mundial, onde dispomos de todos os tipos de material e em diversos idiomas, mas que é preciso ter cuidado com o material a ser escolhido. Podemos ter vídeos de autores renomados que explicam assuntos específicos, basta apenas escolher a categoria a ser pesquisada, você pode escolher o que quer pesquisar. A própria rede irá nos oferecer uma série de vídeos e cabe ao professor ter um conhecimento prévio para saber selecionar as melhores informações e conteúdo (PROFESSORA B).

As professoras destacaram a importância de verificar os comentários dos vídeos postados, pois através deles é possível avaliar o conteúdo e iniciar novas discussões, uma vez que cada comentário postado apresenta um perfil de discussão e viés variado de reflexão sobre aquele assunto, em graus variados de complexidade. No Youtube, é possível bloquear comentários indevidos e também os excluir.

A professora B chamou a atenção sobre a orientação necessária e prévia que os alunos precisam ter, pois o que eles pesquisam na rede está muito relacionado ao que aprendem e veem em seu seio familiar e no cotidiano.

Não há uma orientação dos pais sobre o uso da rede, inclusive eles mesmos utilizam da forma que veem outros utilizando. Eles não têm uma percepção mais ampla sobre as possibilidades do uso da rede social. Por desconhecer as possibilidades ou até mesmo não se interessar por elas, deixam de desfrutar de conteúdos excelentes. Ou seja, eles utilizam para coisas do seu interesse pessoal (PROFESSORA B).

A professora, entendendo a fragilidade que os alunos têm em utilizar a rede social Youtube pedagogicamente para produzir, cocriar e refletir, dentre outras possibilidades, e sabendo que não há um acompanhamento e orientação por parte dos pais em suas casas, destaca a necessidade de que a escola ofereça cursos a fim de que eles conheçam outras alternativas. A

professora A argumenta: “Os alunos usam, entretanto, precisam, assim como os professores, aprender a melhor aproveitar as possibilidades oferecidas, como o desenvolvimento da autoria e reflexões nesses espaços”.

Durante as observações na escola realizadas pela pesquisadora, em um determinado momento, na sala de professores, questionou-se aos docentes a respeito do que eles pensavam do Youtube e eles argumentaram ser comum para os alunos usarem frequentemente, mais para visualizar vídeos de interesse pessoal e interpessoal e menos para pesquisar sobre os conteúdos da aula. Ainda para a professora A, a escola e o formato de aula atuais não apresentam atratividade, por isso eles preferem assistir outro conteúdo que não seja uma aula considerada “chata”. Ela acredita que eles não foram estimulados a utilizar a rede para estudar ou aprofundar algum tema apresentado em aula, por isso utilizam apenas para o que consideram interessante.

Outra possibilidade disponível é a reedição dos vídeos, que pode ser feita por meio de um programa específico a exemplo do *Movie Maker*. É possível fazer adaptações, reduzir, retirando cenas específicas, ou ampliar, incluindo outras. Dessa forma, é possível reeditar o conteúdo desejado, adaptando para a idade específica, o que se configura em cocriação. O professor, ao fazer esse processo, está fazendo uma nova produção com autoria própria e essa pode ser uma boa possibilidade para quem trabalha com educação básica, que exige cuidado com a faixa etária dos vídeos exibidos. Um exemplo de cocriação pode ser dado a partir do que fez a professora A, que desenvolveu vídeos incorporando conteúdos variados e fazendo a reedição de conteúdo, adaptando para a idade específica. Dessa forma, ela fez o diferencial em suas atividades e projetos, adaptando com criatividade e desenvolvendo autoria:

Ao cocriar, penso muito na aceitação que o vídeo terá quando assistido pelos meus alunos, é importante que eles possam imprimir a linguagem deles e possa ser entendida de uma forma simples e clara. É um trabalho gratificante por ser autoral, todos os detalhes dos vídeos são escolhidos de forma planejada e estratégica, atender um público específico (PROFESSORA A).

Uma vez pronto o vídeo, é chegado o momento da postagem. Para isso, o professor poderá selecionar o tipo da postagem que quer fazer, escolhendo entre compartilhar de três formas: a) para o público, quando todos podem visualizar a postagem; b) privado, quando apenas quem foi selecionado poderá visualizar; c) formato não listado, no qual só é possível a visualização pelas pessoas que receberam seu link.

A professora C considera o formato de publicação para o público o mais interessante: “Nesse tipo de postagem, todas as pessoas podem visualizar, curtir, comentar e promover uma

maior reflexão do conteúdo. Quanto maior o número de visualizações, maior será a possibilidade de ampliar as discussões sobre determinados conteúdos”

A professora A compartilha uma forma de divulgar e expandir os conteúdos: “Uma maneira de fazer o seu canal ter bastante visualizações é compartilhar o link da postagem em, no mínimo, três outras redes sociais da internet para fazer circular e ganhar maior visibilidade, curtidas e compartilhamento”. Ela já desenvolve esse recurso, ao postar o mesmo conteúdo em seu Blog, no Facebook e agora no Youtube.

Sobre visibilidade em rede, a professora B citou o caso de uma aluna bastante introspectiva em sala de aula, mas que possui um canal na rede Youtube: “A aluna em sala de aula é muito retraída, não discute, reflete ou participa das aulas, entretanto, em seu canal, ela demonstra muita interação”. Segundo a professora, a aluna desenvolve vídeos com pessoas populares, produzindo narrativas por meio do Youtube. “Entendo que ela encontra no Youtube uma forma de conseguir popularidade e aceitação, o que não ocorre na escola”. A atuação dessa aluna no Youtube nos revela que existem outros meios de interação e de aprendizagem por meio de linguagem diferentes.

Segundo a mesma professora, o Youtube possibilita ao aluno tornar-se cidadão, na medida que pode comentar, curtir e postar sua própria opinião de mundo. A cidadania hoje perpassa pelos meios de comunicação e, como os alunos já dominam a tecnologia, sabem fazer muitas coisas dentro dessas redes que exigem autonomia. É comum escreverem e lerem textos *online*, mas não na escola. Isso significa que eles sabem produzir bons textos, mas não encontram sentido na produção exigida pela escola. Por esse motivo, é importante destacar a importância da rede social Youtube para a educação, afirmam os professores, os quais, inclusive, citaram algumas possibilidades e funcionalidades, tais como a biblioteca mundial, que se constitui em um tutorial com conteúdo diversificado que permite produção, compartilhamento, curtidas e comentários das próprias produções e de outros colegas.

As professoras refletiram sobre o modelo de escola vigente, cujo formato não atende ao que queremos e precisamos. Para a professora A, “é necessário compreender o que de fato queremos formar e para que formar”. Ela cita a necessidade de mudança na educação desde a educação básica até a formação universitária, com currículo adequado à realidade e que atenda às expectativas dos alunos de hoje. Para isso, afirma, “é preciso maiores investimentos na formação continuada através de políticas públicas, dando aos professores condições para que possam participar de cursos”.

Um ponto ressaltado por elas foi a importância de se levar a sério a educação, não apenas pelos nossos governantes, mas também pelos professores, alunos, pais e gestão escolar.

Segundo as professoras, não adiantam políticas públicas se os profissionais da educação não valorizam a educação e nem têm expectativa de mudança. Quando levada a sério por todos os profissionais, poderá se tornar uma unidade atrativa para os alunos pobres, com problemas familiares e excluídos da sociedade, que necessitam de maior cuidado e atenção para evitar um dos maiores problemas da escola atual, a evasão escolar, normalmente associada à falta de sentido na escola por esses estudantes.

Enfim, após os encontros, os professores precisariam colocar em prática na sala de aula o seu projeto com o Youtube, planejado ao longo das oficinas. Dos quatro docentes que permaneceram até o final, apenas a professora A apresentou as atividades desenvolvidas na escola pelos professores e alunos em nossa última oficina. As demais somente apresentaram suas ideias, de acordo com o que planejaram e gostariam de por em prática.

A professora A fez a culminância na escola para demonstrar aos alunos e professores, em uma tarde de exposição, o vídeo do projeto desenvolvido. Lá também estavam todas as alunas do PIBID que faziam parte desse projeto, coordenado pela professora A. A pesquisadora também foi convidada a participar de toda a culminância. Durante a apresentação, os alunos demonstraram muita satisfação com todo o resultado do projeto feito pela professora e a equipe do PIBID, constatada pela alegria e atenção deles no momento da apresentação. Eles não piscavam, totalmente atentos a tudo, já que também eram autores de tudo aquilo, pois participaram de todo o seu projeto.



Fonte: Captura de tela feita pela pesquisadora (2017).

¹⁰Link do canal da professora A, com as suas produções: https://www.youtube.com/channel/UCHIJyZTNZyZU-WV7ah_Go6w.

Pudemos perceber a alegria de todos por participarem de uma aula ao ar livre, pois toda a culminância ocorreu no pátio da escola, já que a escola não dispõe de auditório e na sala de informática não caberiam todos os alunos da escola e demais professores que também participaram, embora não com vídeos e sim com fotografias e exposições.

A professora A, ao realizar a culminância, demonstrou aos demais professores da escola as possibilidades de produções por meio do Youtube. Os alunos e professores tiveram acesso ao canal dela para que pudessem visualizar, curtir e compartilhar em outro momento. Ao acompanhar o canal, percebemos que a produção da professora foi curtida, porém poucos comentaram ou refletiram sobre a proposta da professora. Ela produziu o vídeo e postou no seu canal utilizando-se do recurso de reedição, incorporando imagens, músicas, linguagens verbais e não verbais. Essa professora relatada é supervisora do PIBID, teve acesso à formação continuada, dispondo de conhecimentos específicos, competências e habilidades para melhor desenvolver o uso da tecnologia na educação.

A professora B tinha desenvolvido uma paródia com os alunos em aula: eles fizeram um vídeo com um celular, cantando e dançando no dia da visita à Igreja Velha de Itabaiana, mas ela não postou no seu canal. A professora alegou possuir dificuldades para postar seus vídeos, entretanto, refletimos que seria possível escolher alguns dos alunos, os mais aptos, para escolher as imagens, a música e auxiliar na produção de seus próprios vídeos de curta metragem, construindo um processo de autoria e coautoria. A professora já possuía canal antes da oficina, mas apesar disso relatou ter dificuldades para desenvolver algumas atividades na internet e demonstrou a necessidade de formação continuada para melhor atuar com o uso do computador, da internet e suas possibilidades:

Eu uso o computador, a internet, a rede social para buscar coisas do meu interesse, principalmente para visualizar os comentários das postagens. Os comentários são os que mais me interessam, é uma maneira de refletir sobre os assuntos, não tenho facilidade para fazer vídeo, editar, reeditar e compartilhá-los, apesar de achar essas tarefas muito interessante para promover uma maneira de aprendizagem diferenciada e mais atrativa para os alunos, eles gostam muito de fazer essas coisas, se brincar, sabem executar essas tarefas muito melhor do que se fosse eu fazendo (PROFESSORA B).

O interessante da proposta anunciada nos encontros, durante a oficina, era inserir os alunos em todo o processo. Eles poderiam ter delegado tarefas, participando com eles, orientando e até mesmo aprendendo em conjunto. Os alunos poderiam editar, reeditar, postar, divulgar, tendo esses a opção de fazerem parte de todo o processo, sendo assim criadores.

Entretanto, apesar dessas ideias terem sido discutidas na oficina, não se verificou a participação do aluno no processo de forma mais efetiva.

Os demais professores, sujeitos dessa pesquisa, apesar de terem produzido os vídeos, não postaram e não concluíram suas propostas em seus canais.

Apesar das dificuldades apresentadas pela maioria dos professores ao utilizar e manusear as tecnologias digitais, eles puderam, na oficina, dispor dessas possibilidades e do potencial pedagógico, aprendendo como utilizá-las. Dessa forma, os encontros se apresentaram como uma oportunidade para que os professores pudessem aprender algumas técnicas relacionadas à criação do canal e suas potencialidades. Foi um momento de troca de saberes e, por isso, um momento de aprendizagem, tanto para a pesquisadora, quanto para os professores sujeitos da pesquisa. Por meio da prática, os professores passaram a vivenciar o uso do Youtube e tiveram a oportunidade de perceber que o uso da rede social na internet não é algo complicado como eles pensavam.

Para Santos e Santos (2013), as mídias digitais e as redes sociais da internet têm um grande potencial pedagógico e os exemplos mais significativos dessa afirmativa podem ser encontrados no ciberespaço, que traz novos usos e novas possibilidades para a educação, permitindo interatividade, a autoria e a cocriação. Além disso, os *softwares* sociais possibilitam novos modos de fazer dos professores, que saem da postura de detentores do saber para a de problematizadores de situações de aprendizagem.

Para Santos (2010), o método não precede a experiência, ele emerge durante a experiência vivida pelo professor durante a sua prática e o seu cotidiano, aparece sempre no final da sua experiência. Por meio dessa oficina, os professores passaram a ter uma visão diferente sobre o uso do Youtube na educação. Eles tiveram a possibilidade de conhecer e também puderam desenvolver um projeto articulado ao uso na sala de aula pensando no contexto escolar e nas dificuldades lá apresentadas. Saíram da oficina entendendo que o Youtube não oferece a opção de apenas fazer uma pesquisa, curtir ou simplesmente comentar. Eles entenderam que podiam produzir, divulgar, compartilhar todo o trabalho em outras redes, a fim de ampliar as discussões, análises e reflexões do conteúdo tratado no vídeo.

No caso da professora A, que já atuava em redes sociais desde 2015, foi mais fácil transferir o que ela já fazia em seu blog para o seu canal no Youtube. Na oficina, ela pode explorar a opção de uso da rede social Youtube, além da simples produção e postagem. A professora A e as demais perceberam que poderiam coordenar e orientar a produção dos próprios alunos por meio da autoria deles e que nesse mesmo espaço de aprendizagem em rede

poderiam ser desenvolvidas reflexões que iriam para além da sala de aula e dos muros da escola. A aprendizagem fluiria de uma forma mais natural e ampla.

Já os demais professores, B, C e D, por não se reconhecerem como autores e coautores, não conseguiram produzir com seus alunos e postar, ou produziram, mas não postaram. Eles reconhecem as possibilidades, mas não desfrutam do que é disponível para oferecer aos seus alunos um tipo de aula diferente do cotidiano de aulas expositivas.

Isso se comprova com a fala da professora D: “Sempre uso o Youtube para pesquisar, mas nunca atentei para criar um canal. Minha filha possui um e sempre que preciso peço a ela que faça por mim”. A professora afirma ainda que “a maior dificuldade para mim seria fazer a edição, reedição e a postagem. Na oficina vimos que podemos delegar essas tarefas para os alunos que já fazem isso, que provavelmente não teriam dificuldades”. Porém, a professora confessa incômodo “em delegar tarefas para os alunos sabendo que eu não dominaria a execução das atividades, apesar de saber que eles podem dar conta e apresentar resultados positivos, que até poderiam surpreender”.

Por possuírem dificuldades, muitos preferem não lançar mão dos recursos oferecidos. Consideram que não sabem e, na primeira dificuldade, desistem de explorar e perdem oportunidades de utilizar ótimos recursos para a educação. Na oficina, percebemos que os professores B, C e D possuem dificuldades para executar tarefas simples, como postar um vídeo, editar, reeditar e utilizar programas. Verificamos a necessidade de maiores investimentos governamentais em políticas públicas de formação continuada para que os professores possam adquirir competências para uso das tecnologias na educação.

Uma formação continuada adequada sobre o entendimento do uso das tecnologias na educação oferecerá competências adequadas aos professores para que eles venham a alcançar excelentes resultados em sala de aula e maior segurança no uso.

Entendemos que o uso da tecnologia na sala de aula não resolverá os problemas da educação. Entretanto, reconhecemos que o uso dela associado a práticas diferentes de ensino trará um diferencial para a educação e, para tanto, é necessária a formação adequada ao professor, que lhe forneça as competências mais adequadas para romper com práticas de ensino defasadas e sem inovação, que não atraem a atenção dos estudantes.

Durante a sua pesquisa de doutorado, Pretto (1994) percebeu que, quando a professora observada ministrava aulas expositivas os alunos ficavam mais agitados, mas quando eles assistiam a vídeos ficavam mais concentrados. Era prática comum a professora entrevistada por ele encerrar o conteúdo da unidade com vídeos que resumiam o assunto, para fixar melhor o conteúdo através de outras linguagens. Nesse sentido, concordamos com Pretto (1994) quando

fala que usar tecnologias ainda preso a velhas práticas não faz com que a aula seja mais interessante, pois elas não podem ser motivadoras de práticas defasadas como a aula expositiva, com métodos tradicionais. Para o autor, é preciso ter clareza em algumas considerações mais gerais sobre esse novo profissional e o encaminhamento da sua solução extrapola, seguramente, as dimensões de trabalhos acadêmicos como este. Evidentemente, esse novo educador não pode continuar sendo tratado como uma categoria profissional de segunda classe.

Ainda para Pretto (1994), hoje, no Brasil, os professores estão desprestigiados, mal-remunerados, mal-formados, incorporados, mesmo a contragosto, a uma linha de montagem em que lhes cabe apenas cumprir determinadas tarefas de um processo que mais parece o da produção de um automóvel do que o da formação de crianças e adolescentes.

Pretto (1994) afirma ainda que, apesar do esforço pessoal de um considerável número de profissionais, a grande maioria dos professores da educação básica trabalha sem nenhuma autonomia, sem dignidade profissional, não decidindo o que, como e por que fazer dentro da escola. Uma melhoria nessas condições de salário e trabalho é, certamente, prioritária. No entanto, não é necessário aguardar uma solução para essas duas dimensões da problemática educacional para que possamos refletir sobre a formação desses profissionais. Iniciar, hoje, a formação do novo educador é premente. Para ele, um significativo passo nessa direção é considerar, no cotidiano da sua formação, as questões da comunicação, da informação e das imagens, com o objetivo de tornar os novos profissionais preparados para vivenciar os desafios do mundo que se está construindo. Naturalmente, se estamos pensando em uma escola na qual a cultura audiovisual seja uma presença, o professor, principal personagem desse processo, precisa estar preparado para trabalhar com essa cultura. Uma cultura que está intimamente relacionada com as mídias e, por isso, exige e determina uma nova linguagem.

Percebemos uma fragilidade grande não só no que se refere ao uso, mas também sobre a necessidade desses professores entenderem por meio de teoria e da prática as possibilidades existentes na rede social da internet. Em sua maioria, precisam se debruçar sobre as possibilidades e, assim, necessitam de formação continuada para se apropriar de conceitos e da prática.

Nesse mesmo sentido, é importante o que defende Santos (2014): que haja uma aproximação dos campos da Educação e da Comunicação, pois a compreensão da importância acerca do que ver, ouvir, interagir, criar e compartilhar é uma urgência e um dos grandes desafios para o professor da contemporaneidade. Mudanças profundas foram provocadas pela extensão e desenvolvimento das redes interpessoais de comunicação, com possibilidades para o indivíduo se apropriar dos diversos formatos digitais e tornar-se criador, compositor,

colaborador na internet. A partir disso, é possível criar e potencializar processos criativos que tenham o digital como suporte, como é o caso das mídias digitais e das redes sociais. O Youtube possibilita tal uso, pois os professores podem misturar som, imagem e escrita, por meio da convergência das mídias, da multirreferencialidade. Isso exige do docente adaptabilidade e flexibilidade para o uso das TDIC, portanto, é fundamental haver um planejamento coerente com as especificidades de cada turma, de cada escola. Ainda, exige-se dele competências relacionadas ao letramento digital.

Para Souza (2016), o letramento digital é a capacidade de reformular conhecimentos, expressar-se criativa e apropriadamente, bem como de produzir e gerar informação (em vez de meramente compreendê-la). Implica a mudança do paradigma de consumo para o de produção de informação na Internet. Nesse sentido, os professores precisam ser formados para adquirir habilidades que permitam se apropriar das TDIC. Há, assim, a necessidade de ampliação do repertório de conhecimentos, competências e habilidades dos sujeitos para promover o seu estado ou condição de autoria, criação e cocriação. A Universidade tem o papel de formar os futuros professores para usarem as tecnologias na educação e desenvolverem competências para que possam dispor das possibilidades do letramento digital.

O uso das TDIC requer habilidades, tais como acesso, apropriação, consumo e produção. Isso implica no domínio de saberes específicos, pois o que caracteriza a cultura digital é o processo de produção, processamento, armazenamento e distribuição. Para que os professores adquiram tais habilidades de uso adequadamente, é importante o contato constante com dispositivos e suportes, com diversos modos de interação, gêneros e linguagens, transitando entre diferentes contextos, práticas culturais e eventos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por Objetivo Geral investigar as possibilidades de uso do site de rede social Youtube na educação básica e, a partir desse questionamento foram estabelecidos objetivos que permitiram traçar toda a caminhada até a obtenção dos resultados que nesta seção discutiremos.

Inicialmente, fizemos um levantamento sobre o tema investigado com professores da instituição educacional onde pretendíamos desenvolver esta pesquisa. Após analisarmos as respostas dadas pelos professores no formulário online (Apêndice G), percebemos a necessidade de desenvolvermos um dispositivo de formação, por meio de uma oficina, onde foram vivenciados e compartilhados conhecimentos sobre as possibilidades de utilização do site de rede social Youtube na educação.

Os objetivos específicos foram estabelecidos com o intuito de indicar os caminhos para alcançar o objetivo maior dessa pesquisa. Dessa forma, nosso primeiro objetivo específico foi entender as possibilidades de utilização do site de rede social Youtube para a educação básica. Esse objetivo foi abordado na segunda seção desta dissertação, onde conceituamos a cibercultura, apresentamos discussões de alguns teóricos sobre ciberespaço, o desenvolvimento da rede social da internet, a comunicação ubíqua, as possibilidades promovidas pelas convergências das mídias. Também identificamos nessa seção as possibilidades oferecidas como criação, cocriação e autoria dentro do ciberespaço. Evidenciamos a necessidade de uma formação adequada para que os professores pudessem adquirir competências adequadas para utilizar os recursos disponíveis com maior segurança, eficácia e eficiência.

No cenário atual, de mudanças na sociedade e na vida cotidiana das pessoas, entendemos que essas mudanças estão associadas à revolução tecnológica proporcionada pelas TDIC. Essas mudanças permitiram o surgimento e consolidação de uma nova cultura a cibercultura.

A cibercultura promove o desenvolvimento de novos arranjos e práticas quanto à maneira de ensinar, aprender e viver em sociedade. Tratam-se de formas mais rápidas, pois são tecnologias digitais que operam com bits transmitidos por meio de cabos, fibras ópticas ou *wireless*, que promovem maior celeridade e oferecem maiores possibilidades.

Entendemos que não podemos viver em sociedade sem estarmos inseridos e imersos nas novas práticas possíveis no mundo digital e no ciberespaço. Por meio do ciberespaço, podemos realizar vários procedimentos sem a necessidade de deslocamentos físicos, tais como o pagamento de contas, a emissão de extratos e declarações, compras em lojas de qualquer lugar do mundo, entre outras atividades. Diante da amplitude destas formas de cibercultura, não estar

inserido nessa realidade é simplesmente fazer parte de um mundo desconectado e sem redes *online*.

Vimos, com base em Santaella (2007), que esses espaços proporcionam aprendizagem colaborativa, quebrando o binômio tempo e espaço, proporcionando aos jovens elementos fascinantes graças à variedade de informações e ao oceano de possibilidades. Além de serem sedutores devido às possibilidades infinitas que apresentam, afinal, navegar pelas informações é uma aventura hipnotizante, pelo menos para aqueles que têm avidez de fazer escolhas próprias. A autora afirma ainda que os portais, sites e blogs estão preparados para “dar boas-vindas” aos visitantes, uma vez que estes espaços apresentam o encanto próprio das cores, brilho e animação características.

Ainda na seção dois, verificamos que as interconexões e os ciberespaços favorecem o desenvolvimento e produção de autoria. Essa mobilização da informação é reconhecida como inteligência coletiva, que valoriza as competências individuais, a imaginação, a intelectualidade, a diversidade, a troca de conhecimento em tempo real, que gera conhecimentos diversos e inusitados: são piadas, paródias, pegadinhas, entretenimento variados, avaliações inéditas e novos autores na produção do conhecimento e permitem criação e cocriação. E quem são esses novos autores que incorporam e produzem novos conteúdos? Acreditamos, assim como Lévy (1998), que são todas as pessoas interessadas em produzir e compartilhar, são crianças, jovens, alunos e professores. Os intelectuais coletivos só poderão se reunir em um mesmo ambiente a partir da mediação das tecnologias da informação e comunicação. Com tais tecnologias, os saberes dos indivíduos poderão estar em sinergia pelos saberes e pelos indivíduos que os possuem.

Quanto ao segundo e terceiro objetivos específicos, respectivamente: criar e cocriar vídeos com os professores da educação básica por meio da oficina de formação e analisar se os professores da educação básica compreendem as possibilidades do Youtube para a educação, podemos verificar seu alcance na seção três, onde apresentamos a oficina, um dispositivo de formação e também a produção autoral dos professores no Youtube.

Vimos que no site de rede social Youtube existe a possibilidade de criação e cocriação e que elas contribuem para o surgimento de autores, que são pessoas que também produzem conhecimentos, o quais não apenas absorvem informação e conhecimento, mas são ativos neste processo, ou seja, produzem e compartilham, criam e recriam por meio das comunidades virtuais.

Conforme mencionamos nas seções anteriores, para Santaella (2013), as possibilidades oferecidas com as tecnologias digitais são compreendidas como espaços multifacetados, com

várias possibilidades de comunicação, interação, troca, produção e aprendizagem por meio de um universo de possibilidades que podem ser utilizadas a qualquer hora e em qualquer lugar, bastando apenas estar conectado.

Aprendemos com a supracitada autora que a tecnologia digital permite um modelo de aprendizagem diferente do modelo de aprendizagem tradicional, onde predominam as aulas expositivas e enfadonhas. Em seu entendimento, com os recursos tecnológicos, evidencia-se a opção do uso de espaços multidimensionais, nos quais é possível transcender a aprendizagem formal por meio de links, hiperlinks, barra de rolagem, sons, imagem estática ou em movimento, animação, novas práticas e suporte de leituras, leituras visuais, verbais ou auditivas e escrita colaborativa e propositiva.

Até aqui foram apresentadas várias possibilidades oferecidas pelos ciberespaços, cabe então questionar: Qual é a maior dificuldade encontrada pelos professores? Por que eles não usam tais possibilidades desenvolvidas por essa nova cultura?

É importante pontuar a necessidade de políticas públicas e de formação continuada adequadas para fornecer aos professores competências para que eles saibam atuar no ciberespaço e melhor utilizar as possibilidades oferecidas pela cibercultura. Entendemos que se estamos diante de uma nova cultura, utilizada amplamente pelos alunos, é preciso também pensar em oferecer uma formação continuada aos professores para que possam compreender, interagir e adquirir competências para melhor utilizar as possibilidades do Youtube, bem como de outros ambientes digitais.

Não podemos pensar que inserir os novos recursos da comunicação na educação seja uma garantia de qualidade do processo, nem que o aluno irá aprender. Não podemos ter a ideia pura e simples de que esta ação promove uma nova educação e uma nova escola para o futuro. Precisamos, de fato, de uma integração mais efetiva entre a educação e a comunicação, o que só se dará se estes novos meios estiverem presentes nas práticas educacionais.

Embora os sites de redes sociais apresentem possibilidades de uso para a educação por meio da adaptação desenvolvida pelo próprio internauta, é importante destacar a figura do professor. A relevância de se desenvolver o ensino na rede social da internet se dá, principalmente, por sua capacidade de romper barreiras, reafirmando a aprendizagem que pode ocorrer em lugar e em espaços variados e em todo tempo, não exclusivamente em sala de aula. Para que isso seja possível, mais uma vez enfatizamos aqui a necessidade de uma formação continuada para os professores.

A rede social Youtube não oferece uma formação para os professores, ela apenas disponibiliza conteúdos e informações variadas que contribuem para aprimorar seu

conhecimento. A escola não deixa de ser parte fundamental para a formação de um indivíduo e nunca será substituída, porém precisa se adaptar às transformações sociais. Podemos utilizar sim os ciberespaços como auxílio para potencializar nossas aulas, deixando-as mais criativas, interativas e mais produtivas, incorporando valores e significados para os alunos.

O professor do mundo contemporâneo deve assumir o ensino com o papel de mediador, adotando práticas interdisciplinares, conhecendo estratégias que o levam a ensinar e a aprender, promovendo uma compreensão crítica dos conteúdos com capacidade comunicativa para reconhecer o impacto das novas tecnologias de comunicação e informação. Para que isso seja possível, precisamos de uma formação adequada e de políticas públicas que garantam o desenvolvimento de competências necessárias.

Percebemos, nessa pesquisa, a necessidade de mudanças profundas nas estruturas das bases educacionais, de modo a ampliar as possibilidades de expressão, onde cada um pode se colocar de acordo com sua cultura e seu contexto, tendo o Youtube como importante possibilidade de expressão livre de modelo ou padrão pré-estabelecido.

Precisamos de uma educação que possibilite desenvolver o senso crítico e reflexivo, que possibilite ao aluno ser mais ativo, apto a aprender a aprender e reaprender, construir e desconstruir, dando sentido à aprendizagem. Nesse sentido, o professor poderá ser coordenador, orientador, aquele que vai oferecer estímulos e objetos a serem experimentados, proporcionando a aprendizagem.

Atualmente, é possível perceber que as interfaces de redes sociais disponíveis na internet, entre elas o Youtube, estão alterando as formas pelas quais as pessoas estão se relacionando, produzindo e compartilhando, pois além do acesso à informação é possível interagir de forma ubíqua, criando e cocriando novos conhecimentos.

Durante esta pesquisa, foi identificado que muitos professores não conheciam todas as possibilidades oferecidas pelo Youtube, já que a maioria se limitava a assistir os vídeos *online*, mas não sabiam como, por exemplo, baixar, copiar os vídeos e levá-los para a sala de aula. Além dessa possibilidade, outras, como criar um canal, criar lista dos vídeos favoritos e organizá-los por tema na sua conta Youtube, também eram desconhecidas pelos professores. Diante disso, oferecemos a oficina “Possibilidades do site de rede social Youtube na Educação”, com conteúdos teóricos e práticos para auxiliá-los a melhor utilizar os recursos disponíveis no site de rede social Youtube nas suas atividades pedagógicas.

Nos nossos estudos, verificamos que o site de rede social Youtube apresenta inúmeras possibilidades para a educação tais como: pesquisar vídeos de conteúdos variados, algo muito comum entre todos os professores dessa pesquisa, curtir e comentar vídeos com quem os

produziu e com outros comentadores, oportunizando assim a interação em rede. O Youtube também potencializa a coautoria de outras produções já disponibilizadas, mas que podem ser reeditadas. Essa possibilidade torna este site de rede social um verdadeiro espaço interativo de troca de saberes e produções coletivas.

O que ficou demonstrado na pesquisa também foi que os professores usam o Youtube para obter informação e algumas vezes para reproduzir os vídeos criados e disponibilizados por outras pessoas. A falta de imersão na cibercultura aliada também a pouca formação dos professores para utilizar as TDIC na educação faz com que eles desconheçam as potencialidades de criar e publicar no Youtube. Assim, os professores utilizam este site da mesma forma que utilizam qualquer outro material didático, ou seja, apenas para reproduzir as informações ali constantes.

Vimos nesta pesquisa que apenas uma das professoras participantes da oficina conseguiu utilizar o Youtube para além de pesquisar e obter informações. Durante a oficina realizada, ficou evidenciado que a referida professora possui imersão na cibercultura, sendo autora de blog e de perfis em redes sociais da internet. Dessa forma, a oficina ampliou seus conhecimentos, possibilitando que ela produzisse e compartilhasse vídeos em seu canal no Youtube.

Sabemos que a realização de oficinas pontuais não é suficiente para preparar os professores que não possuem imersão nas culturas digitais para trabalhar com as TDIC em sala de aula. Para uma ampla e verdadeira inserção das tecnologias na educação é imprescindível a formação continuada, conforme ressaltamos anteriormente, que possa oportunizar ao professor a aquisição de letramento digital. Essa forma de letramento é muito mais do que simplesmente saber usar as funções básicas das tecnologias digitais ou acessar a internet. Estar letrado digitalmente inclui compreender as tecnologias e suas interfaces digitais não como consumidores de informação, mas essencialmente como produtores de saberes, culturas e conhecimentos compartilhados na/em rede. O professor com letramento digital entende que interagir na/em rede potencializa a troca de informações e a construção de conhecimentos coletivos e colaborativos.

Diante das constatações desta pesquisa, acreditamos que, para utilizarmos as possibilidades do Youtube e demais interfaces digitais na educação, é importante termos professores fortalecidos e isso significa ter remuneração adequada que lhe possibilite realizar formação continuada sem sacrificar seu tempo de trabalho para seu aperfeiçoamento profissional. Isso pôde ser constatado quando muitos professores não puderam participar da oficina porque trabalham 60 horas semanais para conseguirem remuneração mais condizente

com suas necessidades. Além disso, é necessário ter escolas fortalecidas com infraestrutura adequada não apenas em termos de materiais, de espaços físicos, tecnologias digitais e acesso à internet como também no que se refere ao suporte tecnológico e corpo administrativo capaz de entender a necessidade de uma gestão que realmente se preocupe com todos os aspectos da escola, buscando manter as tecnologias sempre funcionando em condições adequadas e acessíveis ao professor da forma menos burocrática possível.

Enfim, não estamos aqui defendendo um determinismo tecnológico para a educação, afinal, sabemos que a solução para os problemas educacionais é complexa e envolve diversos aspectos principalmente os políticos e econômicos.

5 REFERÊNCIAS

- ANDERSON, C. **A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Campus, 2006, Projeto democratização da leitura.
- ARDOINO, J. **Para uma pedagogia socialista**. Brasília, DF: Editora Plano, 2003.
- AUGÉ, Marc. Por uma antropologia da mobilidade. Trad. Bruno César Cavalcanti, Rachel R. de Almeida Barros; ver. Maria Stela Torres B. Lameiras – Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, DF: MEC: SEB, 2013. 565 p. Disponível em: <<http://goo.gl/1SwnYG>>. Acesso em: 10 out. 2017.
- BURGESS, J. GEEN, J. **Youtube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Textos de Henry Jenkins e John Hartley. Trad. Ricardo Giasseti. São Paulo, SP: Aleph, 2009.
- CARDOSO, A. R. C. **Web 2.0 e cibercultura: perspectivas comunicacionais para a educação online**. Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro, RJ, 2011.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. 11. ed., São Paulo, SP: Educação e Realidade Revistas e Livros, 1999.
- CHAGAS, A.M. **A contribuição do facebook no processo da aprendizagem colaborativa**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes, Aracaju, SE, 2013. Disponível em: <http://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/handle/set/1049>. Acesso em: 01 mar. 2018.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2006.
- JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Tradução Albino Pozzer, revisão Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2010.
- LEMO, André.; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. 1. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2010.p. 258.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo, SP: Editora 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 1. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1998.
- LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Rio de Janeiro: Editora 3, 1996.
- LIBANEO, J. C. **As novas tecnologias da comunicação e informação, a escola e os professores**.1. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- LIMA, Ednaldo Enrique M. **As tecnologias Digitais de Informação e Comunicação na Prática Docente**. Trabalho apresentado no Seminário de Formação Pedagógica Docente (FORPED) na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), 2012.

Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/379367/mod_resource/content/1/ARQUIVO%202.pdf. Acessado em: 01 abr. 2018.

LUCENA, Simone. **Cultura Digital, Jogos Eletrônico e Educação**: redes sociais na educação, um espaço de aprendizagem e interação é possível. Salvador, BA: EDUFBA, 2014.

LUCENA. **Educação e Tv Digital**: Situações e perspectivas. 1.ed. Maceió, AL: EDUFAL, 2012.

LUCENA.; PRETTO, Nelson De Luca. As novas educações e os potenciais da TV e das redes digitais. In: **Anais da 32ª Reunião Anual da ANPED**, 2009, Caxambu - MG. Sociedade, Cultura e educação: novas regulações. Rio de Janeiro, RJ: Anped, 2009. v. 1. p. 1-16.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisar a experiência**: compreender/mediar saberes experienciais. 1. Ed. Curitiba, PR: CRV, 2015.

MACEDO. Multirreferencialidade: o pensar de Jacques Ardoino em perspectiva e a problemática da formação. In: MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sérgio (Org.). **Jacques Ardoino e a Educação**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012.

MACEDO. **Compreender/mediar**: o fundante da educação. Brasília, DF: Liber livro, 2010.

MACEDO. Outras luzes: um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL A. **Um rigor outro**: sobre a questão de qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador, BA: Edufba, 2009. p. 75-126.

MACEDO. **Etnopesquisa-Critica, Etnopesquisa-Formação**. Brasília, DF: Líber. Livro Editora, 2006. 179 p.

NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. In: NÓVOA. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa, PT: Educa, 2009. p. 25-46. Disponível em: http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf

NÓVOA. **Formação de Professor e Trabalho Pedagógico**. 1. ed. Lisboa, PT: EDUCA, 2002.

NÓVOA. (Org) **Profissão Professor**. 1.ed. Lisboa, PT: Porto Editora, 1999.

NÓVOA. (Org) **Vida de Professor**. 1.ed. Lisboa, PT: Porto Editora, 1995.

PORTUGAL, S. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. **Oficina do CES**, nº 271, 2007. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf>. Acessado em: 05 dez. 2017.

PRETTO, Nelson De Luca. **Reflexões**: ativismo, redes sociais e educação. Salvador, BA: EDUFBA, 2013.

PRETTO. **Uma escola sem/com futuro:** educação e multimídia. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA, 1994. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/15033/1/escola-sem-com-futuro_RI.pdf. Acesso em: 16 fev. 2018.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre, RS: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes. **A sala de aula no contexto da cibercultura:** formação docente e discente em atos de currículo. Tese de Doutorado. 207 p., Rio de Janeiro, RJ, 2015.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua:** repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA. **Linguagem líquida na era da mobilidade.** 1. ed. São Paulo: Paulus, 2007

SANTAELLA. **Navegar no ciberespaço:** o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA. **Culturas e artes do pós-humano:** da cultura das mídias à Cibercultura. 1.ed. São Paulo: Paulus, 2003

SANTOS, B. R. B.; SILVA, L. M.; ZATTAR, M. Youtube como fonte de informação para o mercado de moda e beleza. In: **Biblionline**, João Pessoa, PB, v. 12, n. 1, p. 86-95, 2016. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/20072>>. Acesso em: 07 out. 2017.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. **Pesquisa Formação na Cibercultura.** 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Santo Tirso, 2014.

SANTOS. O que muda na Educação. **Entrevista para o programa Salto para o futuro.** Série Cibercultura. 2014. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/>.

SANTOS.; SANTOS, Rosemary dos. **A tessitura do conhecimento via mídias e redes sociais da internet:** notas de uma pesquisa-formação multirreferencial em um curso de especialização. Educ. foco, Juiz de Fora, MG, v. 18, n. 1, p. 43-69, mar. / jun. 2013.

SANTOS. **A Cibercultura na era das redes sociais e da mobilidade:** Novas potencialidades para a formação de professores”, Rio de Janeiro: PROPED-UERJ, CNPQ, 2010.

SANTOS. **Docência na Cibercultura:** Laboratório de Informática, computadores móveis e educação online. Projeto de Pesquisa (CNPQ/PIBIC/UERJ) Rio de Janeiro. UERJ, 2007.

SCHNEIDER, H. N. Ergonomia das interfaces humano-computador como princípio de qualidade em ead.. In: CAVALCANTE, M. M. D.; SALES, J. A. M.; FARIA, I. M. S.; LIMA, M. S. L. (Org.). **Didática e prática de ensino:** diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade. 1ed. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará: EdUECE, 2015, v. 4, p. 359-367.

SCHNEIDER. **Um ambiente ergonômico de ensino-aprendizagem informatizado**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/oYTEGD>>. Acesso em: 08 out. 2017.

SERRES, M. **A Polegarzinha**: uma nova forma de viver em harmonia e pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SIBILIA, P. **O show do eu**. a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOUZA, A. A. N. **O facebook como ambiente de aprendizagem**: uma análise da prática presencial mediada pelo conectivismo pedagógico. 2015. 190f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/pqlffH>>. Acesso em: 01 jan. 2017.

SOUZA, T. F. M. **Ondas em Ressonâncias**: Letramento Digital de estudantes na Universidade Aberta de Portugal. 2016. 362 p., Tese (Doutorado em Educação) Universidade de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação.

VELOSO, Maristela Midlej de Araujo. **O professor e autoria no contexto da cibercultural**: Rede de Criação no cotidiano escolar. 300f. Tese (Doutorado em Educação). UFBA. Salvador, BA. 2014.

VERMELHO, Sônia Cristina.; VELHO, Ana Paula Machado.; BERTONCELLO, Valdecir Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 863-881, out./dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n4/1517-9702-ep-1517-97022015041612.pdf>. Acessado em: 05 dez. 2017

APÊNDICE A - Estado da Arte

Para dar corpo ao estudo, busquei no banco de dados de dissertação de mestrado tese de doutorado (BDTD), o tema Youtube, tendo como fonte o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/ UFS), A Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Sergipe (BDTD/ UFS), e o banco de teses, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa do Nível Superior (CAPES), nessa foram encontrados trezentos e trinta e um trabalhos. Um dos critérios de escolha dos trabalhos selecionados foram associados aos conteúdos que mais se adequam aos objetivos gerais e específicos da pesquisa e a questão norteadora. O quadro a seguir apresenta os trabalhos selecionados.

Autor(a)	Dissertação	Ano	Metodologia	Objetivo	Instituição
PAZ, Mônica de Sá Dantas.	A WEB 2.0, Produção Colaborativa e Commons: estudo de caso Youtube	2017	É um estudo de caso, analisou o YouTube de acordo com categorias que expressam funções pós-massivas das aplicações das novas mídias digitais.	Discutir a comunicação na Web 2.0 em processos colaborativos e suas apropriações.	UFBA
NSKI, Regina Apolina Rio Roskowi	Reflexão sobre os anúncios publicitários veiculados no youtube e sua importância nas aulas de língua portuguesa	2016	Pesquisa analítica dos anúncios publicitários, ou seja, sugestões que podem auxiliar o professor a conhecer melhor o gênero discursivo.	Levantamento das características do gênero anúncio publicitário, mais precisamente dos anúncios veiculados no Youtube.	UNIVER- SIDADE DE TAUBATÉ
MENEGO, Erika Nogueira	Imagens e narrativas midiáticas: análise dos vídeos do Youtube	2016	Pesquisa analítica de características narrativas de vídeos selecionados entre os meses de abril e julho publicados no site YouTube e mais vistos.	Gerar subsídio para o enfrentamento pedagógico dessa ferramenta tecnológica contemporânea	UESP
SILVA, Marco Polo Oliveira	Youtube, juventude e escola em conexão: a produção da aprendizagem ciborgue	2016	Pesquisa observatória de três turmas de uma escola pública de Ensino Médio.	O YouTube possibilita mudanças e podem alterar de maneira significativa as relações entre as culturas juvenis, a cultura escolar e a aprendizagem.	UFMG

**APÊNDICE B – PRIMEIRO QUESTIONÁRIO APRESENTADO AOS PROFESSORES
NO PERÍODO DE OBSERVAÇÃO.**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

QUESTIONÁRIO

Nome:
Formação:
Especialização:
Tempo de atuação na função:
Série que atua:

1º Durante a sua licenciatura teve acesso a disciplina de tecnologia e educação? Quais?

2º Você conhece e utiliza a Rede Social Youtube nas suas aulas? Com qual finalidade?

3º Você sabe como baixar os vídeos do Youtube?

4º Você já disponibilizou vídeos no Youtube? Já criou um canal no Youtube? Se sim qual o endereço/nome do canal?

5º Costuma orientar os alunos para pesquisar nessa rede ou em outros sites sobre os conteúdos da sua disciplina?

6º Você já pediu para seus alunos produzirem e disponibilizarem vídeos no Youtube sobre algum tema da sua disciplina?

APÊNDICE C – PLANEJAMENTO DA OFICINA.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

OFICINA**“Possibilidades do uso da rede social Youtube na educação”****Primeiro dia 24/07/2017**

- Apresentação da ementa do curso.
- Caracterizar a tecnologia e as suas possibilidades.
- Definir sites de rede social Youtube.
- Explicar as possibilidades de uso do Youtube nas aulas.

Segundo dia 01/07/2017

- Explanar sobre a Educação contemporânea.
- Apresentação da rede Youtube.
- Criação de um canal no Youtube.
- Apresentação visual do site de rede social Youtube.

Terceiro dia 09/08/2017

- Discutir sobre outras possibilidades de rede social Youtube e seus usos na educação.
- Refletir em grupo.

Quarto Dia 17/08/2017

- Desenvolvimento de um planejamento utilizando a rede social Youtube, apresentar e refletir as possibilidades em grupo.
- Apresentar as experiências.

APÊNDICE D – CARTA DE APRESENTAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CARTA DE APRESENTAÇÃO

À Direção do Colégio Estadual Nestor Carvalho
Assunto: Apresentação de Acadêmica para Pesquisa de Mestrado

Prezado Senhor Diretor,

Venho pela presente carta apresentar a mestranda Gersivalda Mendonça da Mota, que desenvolve pesquisa intitulada **POSSIBILIDADES DE USO DO SITE DE REDE SOCIAL YOUTUBE NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM ITABAIANA-SE** vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe sob a minha orientação e solicitar vossa autorização para que a referida mestranda possa realizar sua pesquisa junto aos professores da disciplina de História desta instituição de ensino com os quais ela já vem mantendo contato. A pesquisa tem como Objetivo Geral: **Investigar as possibilidades de uso do site de rede social Youtube com professores da educação básica.**

Para o desenvolvimento desta pesquisa será necessário, entre outras, as seguintes atividades: observação participante nas aulas e diálogo com os/as professores e alunos/alunas bem como com outros segmentos da escola; acesso a documentos como projetos didáticos e plano de aula, que possam favorecer a aprendizagem dos/as alunos/as, nas aulas de História.

Agradecemos imensamente o vosso apoio e coloque-me a disposição para quaisquer dúvidas e esclarecimentos

Atenciosamente,

Profa. Dra. Simone Lucena (slucen@yahoo.com.br – 79-99138-0006)
Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal de Sergipe

APÊNDICE E – CONVITE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

CONVITE

Convidamos você a participar da pesquisa de mestrado intitulada **POSSIBILIDADES DE USO DO SITE DE REDE SOCIAL YOUTUBE NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM ITABAIANA-SE**. Esta está sendo desenvolvida por mim, Gersivalda Mendonça da Mota, mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal de Sergipe (UFS) sob a orientação da Profa. Dra. Simone Lucena, também vinculada a esta instituição. A pesquisa tem como objetivo: **Investigar as possibilidades de uso do site de rede social Youtube com professores da educação básica**

A participação nesta pesquisa é voluntária e anônima. Suas respostas serão combinadas com o quadro teórico estudado e constarão na dissertação. Assim, nenhuma informação ou identificação pessoal, deverá ser usada fora do contexto dessa pesquisa. (Asseguro-lhes o anonimato/sigilo dos nomes).

Respostas honestas e completas são cruciais para tornar os resultados da pesquisa uma representação precisa das experiências vivenciadas no uso dos vídeos do Youtube durante as aulas.

Se você tiver dúvidas, antes ou depois de sua participação, envie e-mails para:

Gersivalda Mendonça da Mota – historiagerssyn@hotmail.com

Simone Lucena – slucen@yahoo.com.br

Desde já, agradecemos sua participação!

Gersivalda Mendonça
Mestranda do PPGED

Profa. Dra. Simone L.
Orientadora da Pesquisa

APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio desse termo, que concordei em participar da pesquisa de mestrado intitulada” **POSSIBILIDADES DE USO DO SITE DE REDE SOCIAL YOUTUBE NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM ITABAIANA-**”, desenvolvida por Gersivalda Mendonça da Mota, vinculada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – PPGED – programa de Pós-Graduação da UFS. Fui informado ainda, de que a pesquisa é orientada pela Profa. Dra. Simone Lucena, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail slucen@yahoo.com.br e telefone (79)99138-0006

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo que tem como finalidade: **Investigar as possibilidades de uso do site de rede social Youtube com professores da educação básica**

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos.

Minha colaboração se fará de forma anônima. O acesso às informações por mim apresentadas se fará apenas pelo pesquisador e/ou seu orientador. Fui ainda informada (o) de que a oficina oferecida seria gravada ou filmada para facilitar o estudo e a reflexão por parte do pesquisador

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Compromisso Livre e Esclarecido.

Itabaiana, _____ de _____ de _____.

Assinatura do (a) participante: _____

Nome _____

RG: _____ CPF: _____

APÊNDICE G – FORMULÁRIO ONLINE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

1. Qual o perfil dos seus alunos? São imersos na cibercultura? Habitam as redes sociais?
2. O que você acha sobre a imersão dos alunos nas redes sociais?
3. Caso considere a questão anterior um ponto negativo, discorra seu ponto de vista:
4. Você utiliza o site Youtube?
☐ Sim ☐ Não
5. Caso sim, de que forma você utiliza o Youtube
☐ Para me atualizar sobre os conteúdos das aulas
☐ Para pesquisar vídeos e utilizá-los nas aulas
☐ Para baixar vídeos, filme pessoais
☐ Tenho um canal próprio e divulgo meus vídeos
☐ Não utilizo o Youtube
6. Como você acha que o Youtube pode contribuir com a suas aulas?
☐ informação
☐ pesquisa
☐ ampliar conhecimento
☐ fixar conhecimento
☐ formação pessoal
☐ outros
7. Identifica as possibilidades da rede social Youtube para a educação? De que forma?
8. Considera a rede social Youtube importante para a formação pessoal do professor?
- 9 A professora (o) consegue visualizar e compreender as possibilidades da aprendizagem em rede social?

APÊNDICE H – PROPOSTA DE PLANO DE CURSO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

PROPOSTA DO PLANEJAMENTO DE CURSO DA OFICINA

Oficina: Possibilidades do uso da rede social Youtube na educação

JUSTIFICATIVA E RELEVANCIA

A oficina “**Possibilidades do uso da rede social Youtube na Educação**” é parte integrante da pesquisa de Mestrado desenvolvida no do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGED/UFS) sob a orientação da Profa. Simone de Lucena Ferreira (DEDI/UFS). O propósito dessa oficina é reunir professores de História, sujeitos dessa pesquisa, e demais professores da Escola Estadual Professor Nestor Carvalho Lima que estejam interessados em participar do minicurso. O objetivo do minicurso é discutir, refletir e praticar as possibilidades do uso da rede social Youtube nas salas de aulas.

Na sociedade contemporânea estamos vivenciando novas práticas socioculturais e sociotécnicas o que levou alguns autores a enfatizar que vivemos na era da informação, também conhecida como sociedade do conhecimento, onde economia, trabalho e educação são mediados pela potencialidade das tecnologias e suas interfaces. Conforme afirma o sociólogo Manuel Castells, (1999), vivemos desafiados por um novo mundo neste início de milênio, esses desafios são consequências da revolução da tecnologia e da informação iniciada no século XX, a qual, segundo o autor, é responsável pela gestação de uma nova estrutura social: a sociedade em rede; uma nova economia, a economia informacional global; e uma nova cultura, a cultura virtual real. Essas possibilitam novas relações econômicas, políticas, sociais, culturais, como também educacionais.

A sociedade em rede possibilita uma série de possibilidades muitas das vezes desconhecidas pelos professores, os quais não nasceram imersos no contexto dessa nova cultura, a cibercultura, onde os caminhos se cruzam e entrelaçam, os espaços geográficos diminuem e a comunicação e a informação ocorrem de forma muito mais rápida.

Existe uma diferença entre duas gerações distintas, a dos professores, que nasceram antes da disseminação das tecnologias digitais, e os alunos, que já nasceram imerso na cultura digital, essa diferença entre gerações acaba provocando um choque. De um lado temos alunos que conhecem muito de tecnologia e do outro lado, os professores, que por não nascerem nessa nova geração e não ter sido formados para utilizar tecnologia em sala de aula não acreditam ou não experimentaram ainda as suas potencialidades.

Dessa forma, a oficina possibilitará discussões teóricas sobre a cibercultura e a educação, trazendo as potencialidades das tecnologias para o contexto educacional e também o compartilhamento de experiências sobre o uso da mesma em sala de aula.

A oferta dessa oficina é de fundamental importância para os professores da rede pública de ensino, para que juntos possamos trocar experiências e apontar para várias possibilidades de uso da rede social YouTube em sala de aula.

PROGRAMAÇÃO

20/07/2017 – 18h

Abertura do curso

- Caracterizar a tecnologia e as suas potencialidades na Educação.
- Definir o que são sites de rede social na internet.
- Youtube, sua viabilidade e possibilidades na Educação.

26/07/2017 – 18h

- Potencialidade da rede Youtube
- Criação e administrar de um canal no Youtube

31/07/2017 – 18h

- Projeto Pedagógico utilizando Youtube na sala de aula

01 a 18/08/2018

- Desenvolvimento do Projeto na Escola

25/08/2017 18h

- Encerramento da oficina
- Mesa-redonda: Apresentação da proposta dos projetos desenvolvidos com o uso da rede social Youtube.

As atividades de evento serão realizadas no Laboratório de informática do DEDI /UFS no Campus de Itabaiana

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Simone de Lucena Ferreira (DEDI/UFS) – Coordenadora

Gersivalda Mendonça da Mota (PPGED/UFS) – Ministrante

Arlene Araújo Domingues Oliveira – Comissão organizadora